



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI - UFCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
SUSTENTÁVEL - PRODER

JOSÉ ANDRÉ DE ANDRADE

POR UMA SUSTENTABILIDADE NO SÉCULO XXI: PROTAGONISMO SOCIAL
EM COMUNIDADES RURAIS ALTERNATIVAS NO CARIRI CEARENSE

JUAZEIRO DO NORTE

2016

JOSÉ ANDRÉ DE ANDRADE

POR UMA SUSTENTABILIDADE NO SÉCULO XXI: PROTAGONISMO SOCIAL EM
COMUNIDADES RURAIS ALTERNATIVAS NO CARIRI CEARENSE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável. Área de Concentração: Interdisciplinar.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes.

JUAZEIRO DO NORTE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

-
- A553p Andrade, José André de.
Por uma sustentabilidade no século XXI: protagonismo social em comunidades rurais alternativas no Cariri cearense / José André de Andrade. – 2016.
113 f.; il. color., enc.; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Juazeiro do Norte, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes.
1. Protagonismo sustentável. 2. Desenvolvimento regional sustentável. 3. Permacultura.
4. Agrofloresta. I. Título.

CDD 338.927

JOSÉ ANDRÉ DE ANDRADE

POR UMA SUSTENTABILIDADE NO SÉCULO XXI: PROTAGONISMO SOCIAL EM
COMUNIDADES RURAIS ALTERNATIVAS NO CARIRI CEARENSE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável. Área de Concentração: Interdisciplinar.

Aprovada em 23 / 03 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Professor. Dr. Luiz Manoel Lopes (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Professora Dra. Francisca Laudeci Martins Souza (membro)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Profa. Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino (membro)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Prof. Dr. João Cesar Abreu de Oliveira (membro externo)
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Para minha Mãe Maria das Dores, que logo cedo se fez luz e clareia o meu caminho.

Para minhas tias Severina e Rosa, que se somaram aos meus ancestrais e me acompanham espiritualmente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, com sua majestosa presença naquilo que não se vê mais se sente.

Ao professor Dr. Luiz Manoel Lopes, pela orientação, estímulo e confiança.

A Professora Dra. Francisca Laudeci Martins Souza, que não orienta, adota um filho.

A Professora Dra. Maria Cleide Rodrigues Bernardino, primeira maestra da palavra.

Ao professor Dr. João Cesar Abreu de Oliveira, pelas valiosas contribuições e sugestões.

A CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Ao Senhor José Arthur, Dona Bastinha, Professora Fanka e Senhor George Belisário, pelo acolhimento e colaboração neste trabalho.

Ao meu companheiro Douglas Santiago de Lima.

Minha família querida, Cícera, Fernanda, Matheus, Conceição, Socorro, Cícero, Antônio, Daniele, Emanuele, David, Danilo, Ester, Daniel, Messias e toda raiz.

Aos meus amigos Professores e professoras, Suely Chacon, Valeria Gianella, Verônica Salgueiro, Ivânio Azevedo, João Dumont, Mano Grangeiro, Cláudia Isidorio, Elisabete Pacheco, Paula Isabela, Antônio Queiroz, Laelba, Isabel Leal e Maria Bezerra.

Aos seres humanos maravilhosos do Grupo de Pesquisadores ECOS.

Aos meus amigos e amigas, João Alves, Cicero Pimentel, Assislan de Paiva, Franco Barbosa, Leudo Soares, Moizes Leal, Fátima Morimitsu, Dinho Lima, Mano Damasceno, Roberto Sousa, Socorro Martiniano, Jessica Gonçalves, Salete Maria, Faustino Pinto, Nilsinho Bezerra, Mestre Adriano, Kinko Pelegrine, Romão Canabarro, Marcos Sachiell, Fran Terto, Wanderson Barbosa e Felipe Newton.

A Maria Bethânia, voz de Oyá que preenche de movimento o meu destino.

“Plante a cada dia uma árvore, até que o sertão seja uma mata só.”

(Padre Cicero Romão Batista)

RESUMO

Estamos vivenciando a crise planetária, a crise do ser humano e suas ações que tem forte impacto sobre dimensões ambientais, sociais e econômicas. Presenciamos ações coletivas para superar paradigmas na ciência, na economia e na cultura. O desenvolvimento sustentável surge como uma necessidade que norteia diretrizes para um novo comportamento frente à crise ambiental estabelecida, a possibilidade de garantia de uma existência humana no presente e no futuro, dentro de princípios e garantias para todos com sustentabilidade. O principal objetivo desta dissertação foi discutir o protagonismo social para sustentabilidade presente em modos de vida com práticas e atitudes sustentáveis, relacionando ética ao conceito de desenvolvimento sustentável como possibilidade no processo de transição de uma sociedade insustentável para uma sociedade sustentável. Essa atitude e consciência em promover a sustentabilidade através da permacultura e agrofloresta motivou esta pesquisa. Utilizando a pesquisa descritiva com observação etnográfica, entrevistas e cartografia; elegemos as comunidades Aldeia da Luz em Barbalha, Agrofloresta de Zé Arthur no Sítio Tabuleiro em Nova Olinda e Casa do Alto na zona rural de Caririaçu ambos no Cariri cearense. Como resultados, impressões das comunidades, seu modo de ser e o desenvolvimento a partir das suas práticas e atitudes sustentáveis; sujeitos empoderados para um novo paradigma, críticos e conscientes, militando com ações e formações em rede, assumindo a responsabilidade ética de passar a viver de forma mais sustentável. Discutimos sobre o conceito de desenvolvimentos sustentável, buscando conceituar o protagonismo social sustentável a partir das percepções empíricas encontradas; em práticas e atitudes sustentáveis desenvolvidas nas comunidades estudadas. A questão da mudança cultural para um novo comportamento frente a um protagonismo social para a sustentabilidade nasce do encontro com a natureza e o outro, buscando a informação, reflexão e atitude ética.

Palavras-chaves: Protagonismo Sustentável; Desenvolvimento Regional Sustentável; Permacultura; Agrofloresta.

ABSTRACT

We are experiencing the planetary crisis, the crisis of the human being and his actions that have strong impact on environmental, social and economic dimensions. We are experiencing collective action to overcome paradigms in science, economy and culture. Sustainable development is a necessity that guides new behavior guidelines vis-à-vis the established environmental crisis, the possibility of ensuring a human existence in the present and in the future, principles and guarantees for all with sustainability. The main objective of this dissertation was to discuss the role sustainability present in social ways of life with sustainable practices and attitudes relating to the concept of sustainable development ethics as a possibility in the process of transition from an unsustainable society to a sustainable society. That attitude and awareness to promote sustainability through Permaculture and agroforestry motivated this research. Using descriptive survey with ethnographic observation, interviews and cartography; elect Village communities of light in Barbalha, Agroforestry of Yogi Arthur on Board in Nova Olinda and the upper House in the countryside of São Pedro in the Cariri from Ceará. As a result, impressions of the communities, their way of being and development from its sustainable practices and attitudes; subject empowered for a new paradigm, critical and conscious – with actions and trainings in network, assuming the ethical responsibility of going to live in a more sustainable way. Discuss the concept of sustainable development, seeking to conceptualize the sustainable social protagonism from the empirical insights found; in sustainable practices and attitudes developed in the communities studied. The issue of cultural change to a new behavior in front of a social role for sustainability arises from the encounter with nature and each other, searching for information, reflection and ethical attitude.

Keywords: Sustainable Leadership; Sustainable Regional Development; Permaculture; Agroforestry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Localização da Região Metropolitana do Cariri	21
Foto 1 – Absorvente artesanal	23
Foto 2 – Parquinho infantil	24
Foto 3 – Frutaria São José	26
Foto 4 – Entrada da Aldeia da Luz	87
Foto 5 – Fanka divulgando o projeto Mudas que falam	87
Foto 6 – Entrada da Agrofloresta	97
Foto 7 – Sr. Zé Arthur e Dona Bastinha	97
Foto 8 – Primeira bioconstrução da Casa do Alto	107
Foto 9 – George Belisário e seu filho Pedro	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB Associação Cristã de Base

ASA Articulação do Semiárido

BNB Banco do Nordeste do Brasil

CEBs Comunidades Eclesiais de Base

CRAJUBAR Crato, Juazeiro e Barbalha

DRS Desenvolvimento Regional Sustentável

FETRAECE Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará

FIB Felicidade Interna Bruta

IBAMA Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH Índice de Desenvolvimento Humano

IPEMA Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica

ONU Organização das Nações Unidas

PIB Produto Interno Bruto

PRODER Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável

RMC Região Metropolitana do Cariri

UFCA Universidade Federal do Cariri

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	PESQUISANDO OS PROCESSOS.....	18
3	PROTAGONIZANDO O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL.....	27
3.1	Protagonistas da sustentabilidade como multiplicadores de uma cultura sustentável.....	32
3.2	Ética do Desenvolvimento Sustentável.....	41
3.3	O Protagonismo social dos beatos e beatas para o Desenvolvimento sustentável no Cariri cearense.....	53
3.4	Caldeirão do Beato José Lourenço, uma comunidade de base sustentável.....	63
4	SUSTENTABILIDADE EM COMUNIDADES RURAIS ALTERNATIVAS.....	71
4.1	Fanka: Aldeia da Luz.....	79
4.2	Sr. Zé Arthur: Agrofloresta.....	90
4.3	George Belisário: Casa do Alto.....	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
	REFERENCIAS.....	112

1 INTRODUÇÃO

É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra, fulmina o injusto, deixa nua a justiça.

(Maria Bethânia)

Este trabalho dissertativo fala do Cariri cearense e de alguns movimentos sociais para o desenvolvimento regional sustentável, construindo uma reflexão sobre o passado e o presente, buscando compreender na história do Caldeirão do Beato José Lourenço que foi uma comunidade sustentável e na atualidade encontrando comunidades como Aldeia da Luz, Casa do Alto e Agrofloresta de Sr. Zé Arthur que partilha da mesma ideia de sustentabilidade, aproximando essa recursividade no tempo, onde o protagonismo de ações para a sustentabilidade está presente.

Um problema implícito que estimulou esse trabalho é que o conceito de desenvolvimento sustentável tem sido utilizado de forma superficial no discurso de várias instâncias da sociedade, pelos poderes institucionais públicos e privados, uma distorção da ideia de sustentabilidade e essa apropriação inadequada têm interesses diversos cujo caráter de sustentabilidade é distorcido e o que configura é somente o crescimento econômico. Mesmo com essa realidade existe um protagonismo social para o desenvolvimento sustentável que vem de uma atuação ética e consciente sobre o conceito de sustentabilidade.

Esta pesquisa foi ao encontro de sujeitos que acreditam que é possível um modelo de sociedade diferente e assim protagonizam através da permacultura e agrofloresta a sustentabilidade na Região Metropolitana do Cariri, onde a grande maioria das pessoas está apenas contribuindo com o crescimento econômico e progresso tecnológico, mesmo diante de uma sinalização universal para a sustentabilidade. Assim a busca de entender esses protagonistas e suas práticas é o que mobiliza essa pesquisa. Enquanto pesquisador há uma busca também por um protagonismo pró-sustentabilidade, que eticamente significa colaborar com o planeta para a qualidade de vida desta e das próximas gerações, o que tem relevância para toda sociedade, uma vez que esse protagonismo pode culturalmente transformar ou colaborar para que tenhamos uma sociedade sustentável. E nisso nossos protagonistas não estão sozinhos, a cada dia em rede vão surgindo novos multiplicadores de uma cultura sustentável que vem de uma conscientização sobre o

conceito de sustentabilidade, nas ações sustentáveis praticadas, nos debates formativos e nas militâncias coletivas, que são revolucionárias no processo em que esses multiplicadores vão culturalmente transformando a sociedade.

O modo de viver é uma construção social histórica, ao longo do século XX prevaleceu à ideia de um bem estar coletivo com base no consumo exacerbado de produtos, com uma produção capitalista insustentável, o que foi e permanece sendo um agravante. Esses modos de vidas associados à produção e consumo são cada vez mais insustentáveis e incompatíveis com os limites dos recursos naturais do planeta. Diante dessa realidade é que surgiu uma preocupação em finais do século XX sobre a necessidade da preservação dos recursos naturais, a importância de pensar uma nova racionalidade, o desenvolvimento sustentável, para que a existência humana não seja extinta do planeta, por isso as pessoas que compõem essa geração no presente precisam se responsabilizar por um desenvolvimento que permita suprirem suas necessidades sem comprometer as necessidades das futuras gerações.

O século XXI começa com esse grande desafio, e nessa perspectiva é que surge no mundo todo iniciativas pró-desenvolvimento sustentável, e que contrasta com iniciativas insustentáveis, surge uma arena de transição, onde diversos conflitos se desenrolam no terreno da sustentabilidade, o que configura séculos de um modelo de desenvolvimento clássico e que agora é colocado em questão, como imperativo indispensável para a manutenção da vida no planeta. Empresas, governos, entidades e principalmente pessoas em todos os lugares, desenvolvem iniciativas, práticas e atitudes pelo desenvolvimento sustentável; essa nova consciência está emergindo, provocando mudanças na maneira de pensar e viver com alternativas que corroboram com o desenvolvimento sustentável. Essa mudança já se manifesta hoje em muitos modos de vida com práticas e atitudes sustentáveis.

Este trabalho fala de sujeitos que conscientemente adotam modos de vida com práticas e atitudes sustentáveis no Cariri, fortalecendo assim um protagonismo social para o desenvolvimento sustentável da Região do Cariri.

Um possível caminho para o desenvolvimento sustentável é o ser humano racionalmente superar o ideal capitalista, repensar a propriedade privada; rever a

máxima que diz que tempo é dinheiro e se desprender da ideia que o trabalho é uma forma de transformar a natureza em progresso e acumular riquezas. Para mudarmos esse paradigma da humanidade, não será fácil, pois culturalmente a humanidade está convicta que esse modelo de sociedade capitalista é o que temos, o que deu certo ao longo de séculos, mas diante da tomada de consciência das desigualdades, do fim dos recursos naturais e da incerteza das gerações futuras usufruir dos bens que temos no presente é que surge um novo discurso. As pessoas passam a ser protagonistas da sustentabilidade dentro deste sistema capitalista, com novas práticas e atitudes sustentáveis na produção ou consumo, o que significa uma grande ruptura cultural e mudanças no modo capitalista de viver.

Podemos conceituar o protagonista social da sustentabilidade, comparando-o com o conceito de *homo situs*, Zaoual (2006) é o Cidadão físico ou jurídico, ético e que internalizou o conceito de desenvolvimento e sustentabilidade e que atua do seu lugar na sociedade, gerando transformações significativas, multiplicando saberes revolucionários que libertam os seres humanos das amarras ideológicas do capitalismo. Na atualidade esses protagonistas desenvolvem uma militância que busca romper com os padrões capitalistas estabelecidos. São pessoas, empresas, instituições governamentais e não governamentais que se destacam na região do Cariri e desenvolvem um novo modelo de produção e consumo. Esses protagonistas têm no discurso e na prática uma vida com modelo de produção diferenciado e consumo consciente no atual sistema econômico, o que significa construir uma nova alternativa para a sustentabilidade.

A hipótese inicial que norteou esta pesquisa foi que sujeitos que conscientemente adotam modos de vida com práticas e atitudes sustentáveis no Cariri, protagonizam a sustentabilidade, por que fortalecem culturalmente a realização do desenvolvimento sustentável da região do Cariri como acontece nessas comunidades que desenvolve a prática da permacultura e agrofloresta. Confirmamos essa hipótese central, pois esses protagonistas sociais da sustentabilidade são exemplos concretos de uma cultura sustentável que se efetiva no entendimento e prática, pois vivem o que pregam.

A sustentabilidade é um desejo coletivo que enfrenta muitas dificuldades na sua concretização macrossocial de forma imediata, institucionalmente tem

encontrado muitas dificuldades porque envolve interesses econômicos e políticos, mas no micros social ela se realiza cotidianamente, o que favorece para uma transformação cultural e que possivelmente a médio e longo prazo ganhe proporções mais abrangentes para uma utópica sociedade sustentável.

O ideal de uma sociedade, um planeta sustentável só será possível quando os seres humanos que constituem essa sociedade e habitam esse planeta forem sustentáveis, o protagonismo sustentável é uma bandeira que pode corroborar com mudanças significativas na estrutura cultural de uma sociedade, e os protagonistas sustentáveis se destacam como potencial humano para essas mudanças.

Essa tomada de consciência no século XXI começa a se tornar cada vez mais realidade e ganhar militantes em várias partes do planeta. Por uma sustentabilidade no Século XXI várias pessoas ou comunidades adotam modos de ser, viver e conviver que buscam superar os rótulos do atual sistema capitalista. Acreditamos que para uma cultura sustentável a sociedade precisa internalizar o conceito de desenvolvimento sustentável, é o que percebemos que ocorrem com essas pessoas que protagonizam modos de vida diferenciados com suas práticas sustentáveis. Suas atuações são conscientes e nossa pesquisa pretende responder essas questões de um despertar para uma nova consciência em prol do desenvolvimento sustentável. A protagonização da sustentabilidade no atual modelo econômico em que prevalece o ideal de consumo e crescimento econômico e as dificuldades enfrentadas em adotar um padrão de vida com práticas e atitudes sustentáveis.

O principal objetivo desta dissertação foi discutir o protagonismo social para sustentabilidade presente em modos de vida com práticas e atitudes sustentáveis, relacionando ética ao conceito de desenvolvimento sustentável como possibilidade no processo de transição de uma sociedade insustentável para uma sociedade sustentável.

Procurando identificar os traços, limites e possibilidades nos modos de vida com práticas e atitudes sustentáveis, confrontar com os conceitos genuínos de desenvolvimento sustentável. Compreender as motivações que levaram a essas práticas e atitudes sustentáveis conceituando o protagonista social da sustentabilidade. Discutir os aspectos históricos e teóricos sobre o desenvolvimento sustentável e as comunidades com práticas de permacultura e agrofloresta.

Este trabalho também se fundamenta no movimento de reflexão para a transição de paradigma da ciência positivista para uma pós-positivista, e assim busca envolver no estudo um olhar interdisciplinar e cartográfico e que valoriza as subjetividades, que sinaliza para uma visão sistêmica do objeto de estudo.

Este trabalho está estruturado em capítulos que se articulam cronologicamente ao processo de desenvolvimento da pesquisa, essas considerações sobre cada parte do trabalho segue agora.

No primeiro capítulo está construído os caminhos metodológicos e os caminhos da experiência deste trabalho, com uma discursão sobre o paradigma emergente da ciência o pós-positivismo e os métodos de etnografia e cartografia.

No segundo capítulo apresentamos os referenciais teóricos e discutimos o conceito de ética para Desenvolvimento sustentável e a relação que estes conceitos trazem a luz das ações dos sujeitos que protagonizam a sustentabilidade dentro das comunidades estudadas. Encontramos um estudo sobre o protagonismo social dos beatos para o desenvolvimento no Cariri, que mostra uma contribuição significativa nas dimensões social, econômica e ambiental. Também a experiência do Caldeirão como comunidade de base sustentável e que tinha por práticas sustentáveis técnicas que hoje são retomadas pela permacultura e agroecologia.

No terceiro capítulo vamos encontrar o resultado empírico desta pesquisa, onde o trabalho de campo resultou em dados que são analisados sob a perspectiva dos conceitos de permacultura e agrofloresta.

2 PESQUISANDO OS PROCESSOS

"Pelos milhares que ontem foram e amanhã serão mortos pelo grão-negócio de vocês. Pelos milhares dessas vítimas de câncer. De fome e sede, e fogo e bala, e avcs. Saibam vocês que ganham "cum" negócio desse. Muitos milhões, enquanto perdem sua alma. Que eu me alegraria se afinal morresse. Esse sistema que nos causa tanto trauma"

(Chico César)

A produção do conhecimento exige muitos procedimentos e orientações que metodologicamente asseguram uma aproximação com os status de estudo científico. Para configuração deste trabalho dissertativo foram seguidos caminhos que aproxima o pesquisador das reflexões pertinentes e emergentes da atualidade, como uma postura do pesquisador para superar o paradigma da ciência clássica que cartesianamente já não atende questões para um estudo das subjetividades; da interdisciplinaridade e dos afetos e encontros que compõe o qualquer análise de um objeto, (Santos, 1988).

Seguimos uma metodologia que tem fundamento nas ciências sociais para conhecer o objeto, atrelado a uma abordagem qualitativa e com uma coleta de dados e análise atrelada a enquadramento da ciência e profundamente reflexiva quanto ao paradigma em curso. O paradigma científico moderno foi fundamental para avanços no conhecimento que hoje já reivindica mudanças.

A primeira observação, que não é tão trivial quanto parece, é que a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda (SANTOS. 1988, p.08).

Na nossa visão de pesquisador, a produção para o mundo acadêmico no limiar deste século XXI, não pode negar essa dualidade de paradigmas da ciência; onde não é possível e nem interessante buscar uma separação definitiva de nova ciência da ciência clássica, mas é necessário a inclusão de novos saberes, do desapego dessa visão cientificista e mecanicista, numa perspectiva e abordagem que dialogue numa interdisciplinaridade, que abandona muitas características da ciência positivista, por essas sozinhas já não atenderem a problemática do mundo

atual, com isso buscamos ampliar a consciência de um novo tempo de ciência e alternativas plural.

Dentro dessa lógica do fazer científico na atualidade, perseguimos um novo paradigma, principalmente na área das ciências sociais e que dialogue mais com a interdisciplinaridade, busque e valorize as subjetividades e não subsista como ciência menor ou exista como ciência aproximada do paradigma dominante.

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjectivo/objectivo, colectivo/individual, animal/pessoa. Este relativo colapso das distinções dicotômicas repercute-se nas disciplinas científicas que sobre elas se fundaram. Aliás, sempre houve ciências que se reconheceram mal nestas distinções e tanto que se tiveram de fracturar internamente para se lhes adequarem minimamente. Refiro-me à antropologia, à geografia e também à psicologia. Condensaram-se nelas privilegiadamente as contradições da separação ciências naturais/ciências sociais. Daí que, num período de transição entre paradigmas, seja particularmente importante, do ponto de vista epistemológico, observar o que se passa nessas ciências (SANTOS. 1988, p.08).

Buscamos encontrar os sujeitos desta pesquisa e com eles conhecer e escrever esse trabalho, compartilhando de processos, bem como a metodologia da cartografia aponta e oferece possibilidades de processualmente se inserir e produzir conhecimento.

Esse projeto de pesquisa é trazido à baila neste texto para fazer corpo com uma das pistas para a prática do método da cartografia: a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos (BARROS; KASTRUP. 2015, p. 53).

Durante a nossa trajetória visitamos as comunidades pesquisadas e acompanhamos os processos e os desenrolar cotidianos, estando junto no encontro com as novidades que o ato de pesquisar oferece.

Nossa pesquisa procurou conhecer os processos das comunidades rurais que desenvolvem a permacultura e agroecologia na Região Metropolitana do Cariri e como recorte selecionou as comunidades Aldeia da Luz, Casa do Alto e a Agrofloresta.

Compartilhamos de muitos momentos junto aos sujeitos em cada visita, em cada comida e bebida partilhada, celebrando uma aproximação observante que nos colocava como sujeitos que afetava e era afetado.

Aproximamo-nos do “território existencial” da Aldeia da Luz, Casa do Alto e da Agrofloresta e compartilhamos dessa experiência com os sujeitos que protagonizam a sustentabilidade, encontramos um elo que ajudou a desenvolver essa cartografia.

Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoos conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (ALVAREZ; PASSOS. 2015, p.131).

Essa abordagem qualitativa não nos isentou de utilizar procedimentos metodológicos mais específicos, como a coleta de dados através de entrevistas, o uso de diário de campo, e observação participante e uma imersão etnográfica vivenciando experiências em campo, compartilhando da existência coletiva, seguindo rituais e vivenciando a cultura observada.

As entrevistas foram importantes meio de construir um material para a análise e discussão, onde através dessas abordagens indagativas tivemos também muitos momentos de conversa informal com um campo semântico muito rico de informações.

Desenvolvemos inicialmente uma entrevista estruturada com perguntas específicas sobre a condição do sujeito inserido dentro da comunidade e desenvolvendo as práticas sustentáveis e outras entrevistas não estruturadas. Para Goode e Hatt (1969 Apud LAKATOS; MARCONI, p. 196).

A entrevista "consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação". Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária. Alguns autores consideram a entrevista como o instrumento por excelência da investigação social. Quando realizado por um investigador experiente, "é muitas vezes superior a outros sistemas de obtenção de dados", afirma Best (1972: 120). A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras. (LAKATOS; MARCONI. 2003, p.196).

Para desenvolver esta pesquisa a nossa metodologia buscou valorizar as dinâmicas do modo ser e viver de sujeitos que vivem com práticas e atitudes sustentáveis, procurando perceber esses atores sociais dentro do contexto em que

vivem e atuam com suas formas variadas de contribuir para a sustentabilidade, para chegar a uma aproximação melhor, realizamos vivências etnográficas de natureza qualitativa, essa investigação aconteceu através de observação participante, entrevistas, registros etnográficos e análise de conteúdo, onde a interação com os sujeitos que protagonizam a sustentabilidade foi fundamental para perceber a importância dessas comunidades para o desenvolvimento regional sustentável na Região Metropolitana do Cariri, esses sujeitos que elegemos como protagonistas estão comprometidos com uma forma de viver e consumir o mais sustentável possível e fazem isso de forma consciente, de forma alternativa, de forma sustentável, procurando dentro da realidade social, do sistema econômico predominantemente insustentável o viés da sustentabilidade.

No período de seis meses, acompanhamos participando no cotidiano destes sujeitos sustentáveis suas práticas, modos de relações familiares e trabalhistas e todas as ações que estejam diretamente relacionadas com sua militância pelo desenvolvimento sustentável.

Entrevistando, observando sua atuação na comunidade, aplicando sempre que possível ou necessário questionário específico para entender questões mais direcionadas; acompanhando os sujeitos sustentáveis em sua forma mais espontânea de socialização de suas práticas.

Realizamos vídeos entrevistas com Fanka da Aldeia da Luz, Sr. Zé Arthur da Agrofloresta e George Belisário da Casa do Alto, são as pessoas que estão na liderança das comunidades e fazem ganhar sentido esse protagonismo para o desenvolvimento sustentável e principalmente por que se reconhecem como pessoas que contribuem para a sustentabilidade.

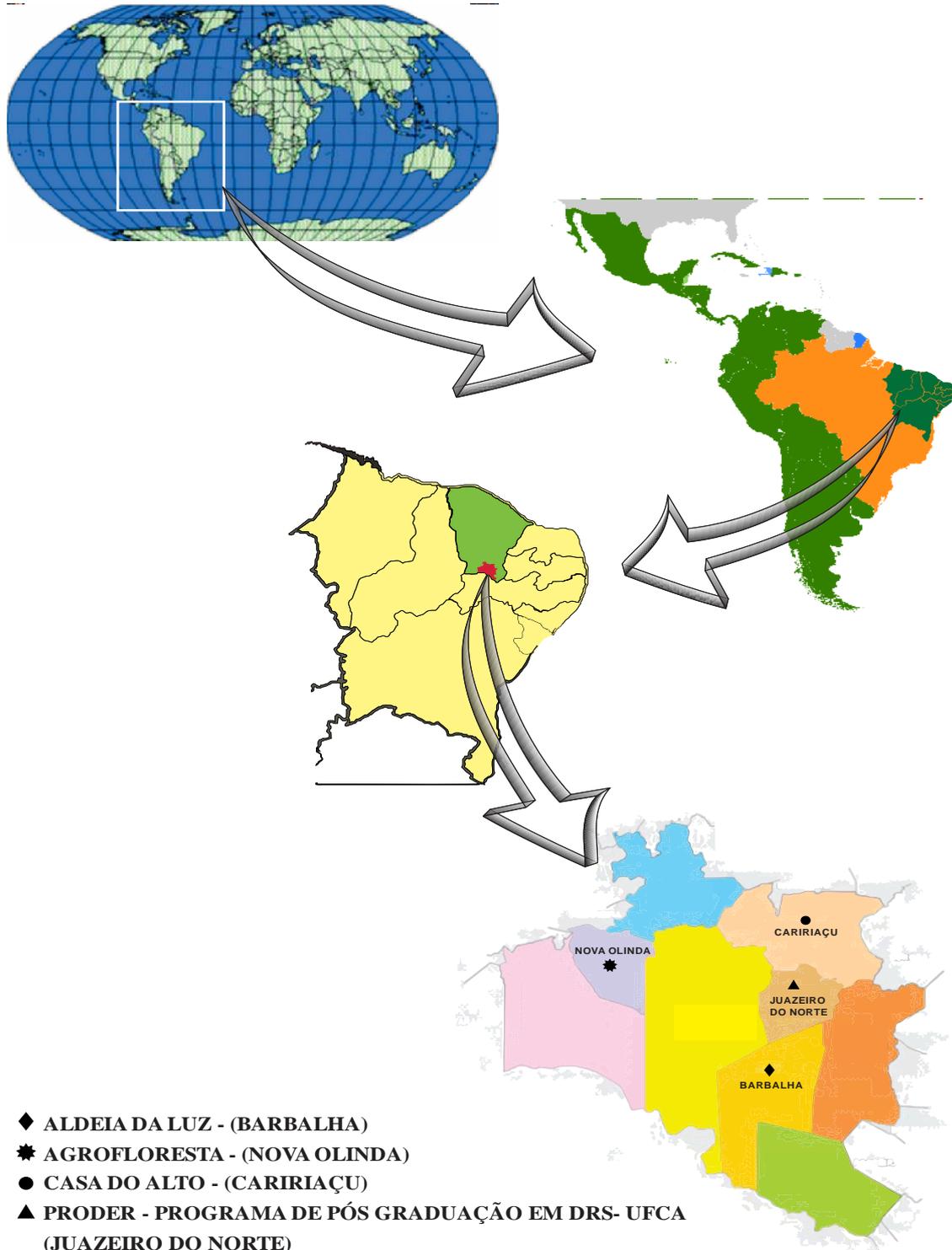
Trabalhamos dentro da contemporaneidade, onde esses sujeitos do presente estão vivendo e atuando no espaço, interagindo com o meio e modificando o espaço, agindo de forma sustentável na maneira de viver e consumir.

Nosso objetivo inicialmente foi refletir sobre as comunidades da zona rural do Cariri que desenvolve a Permacultura e a Agroecologia como alternativas para o Desenvolvimento Regional sustentável, e sua contribuição para fortalecer a cultura da sustentabilidade.

Como hipótese principal foi afirmar que essas comunidades que protagonizam no cenário da região Cariri a sustentabilidade contribuem diretamente para o

fortalecimento de uma cultura sustentável e favorece um dever sustentável para toda a região.

Figura 1 – Mapa de localização da Região Metropolitana do Cariri.



Fonte: LIMA (2016).

Com isso chegamos a resultados que confirmam nossa hipótese, pois encontramos nessas comunidades uma ação pró-sustentabilidade, que envolve consciência crítica sobre essa ação, busca ampliar a rede com ações de formação e sensibilização e efetivamente vivem o que pregam.

Acompanhar esses processos foi significativo por encontrar sujeitos emponderados naquilo que fazem e acreditam que a militância pela sustentabilidade vai transformando realidades, de certa forma modificando a cultura usual da “sociedade do consumo” e através da Permacultura e Agrofloresta mudanças de hábitos na alimentação, vestiário, moradia, construção, uso de produtos entre outras práticas, tudo com criatividade e consciência.

Destacamos três exemplos dos diversos que encontramos na Aldeia da Luz, Casa do Alto e Agrofloresta de Zé Arthur, são ações que simboliza muito para os sujeitos que vivem nessas comunidades.

O primeiro vem da Aldeia da Luz, lá confeccionaram um absorvente artesanal, com tecido de algodão, esse absorvente é feito de pano mesmo com um design que é fixado na roupa íntima da mulher. O absorvente tem uma área onde é colocado outro pano para absorver os fluídos, e o processo de uso remota muito ao tempo em que não existia os absorvente industrializados, ou seja, coloca se o absorvente com o forro, depois de usado lava e esteriliza com agua quente para o reuso.

Esse absorvente tem uma simbologia muito significativa, pois retoma a ideia do uso de um produto natural, confeccionado artesanalmente, sem aditivos químicos da industrialização dos absorventes descartáveis, esses são biodegradáveis, pois com o desgaste como é de tecido de algodão não vai causar tanto dano ao meio ambiente como os absorventes plastificados e industrializados.

O modo de utilizar também tem sua significância, depois de usado o absorvente é recomendado que seja lavado e essa água seja derramada na terra, como uma forma de retornar para a natureza a vida que é da terra ou de Gaia como é chamada a terra.

Vemos nessa prática uma força muito grande de oposição à cultura usual e prática dos tempos modernos, onde o utilitarismo exacerbado provocou nas pessoas a necessidade de produtos cada vez mais práticos, seja na alimentação, higiene pessoal e para atividades domésticas. Para os radicais da modernidade seria essa uma ação primitiva, estranha diante da comodidade de usar um absorvente

descartável sem precisar passar por todo o ritual de uso, lavagem, repor os fluídos na natureza, esterilizar e reusar.

Na verdade é uma alternativa sustentável para o ser humano que fica livre dos aditivos químicos e para a natureza que terá menos resíduo.

O que o uso do absorvente artesanal implica é uma retomada das questões práticas da cultura, Fanka afirma que seria uma mudança que pode acontecer gradualmente a partir da consciência, da cultura para a permacultura; onde práticas culturais insustentáveis podem ser substituídas por práticas da permacultura, como o exemplo do absorvente, e em diversas outras práticas da sociedade moderna.

Foto 1- Absorvente artesanal



Fonte: Acervo da Aldeia da Luz (2015).

O outro exemplo foi uma experiência de permacultura que George Belisário teve em construir um parquinho infantil juntamente com a comunidade escolar, onde a participação e envolvimento com as técnicas de bioconstrução traziam admiração, surpresa e satisfação em perceber que com poucos recursos e matérias que são reaproveitados é possível modificar o espaço para melhor e ainda favorecer o lazer para as crianças da escola.

Este acontecimento de construir um parquinho na comunidade envolve o contato de mais pessoas com a Permacultura, dessa forma vai possibilitando uma disseminação das práticas de bioconstrução e assim gera uma aproximação daqueles que comprovam a alternativa sustentável com a Casa do Alto.

Interessante notar que muitos atores se envolveram em todo o processo de elaboração do projeto e construção do parquinho, agregando uma reflexão, autonomia e agregando valor para aquilo que se constrói de forma coletiva. Assim envolvidos estudantes, professores, pais de estudantes e outro atores da comunidade, puderam vivenciar a Permacultura e seus princípios com cooperação, protagonizando uma ação sustentável no lugar.

Foto 2 - Parquinho infantil



Fonte: Acervo da Casa do Alto (2015).

Com a agrofloresta de Sr. Zé Arthur o que trazemos é sua consciência em produzir produtos orgânicos e saber que está contribuindo para a saúde da coletividade. Uma das grandes questões hoje é sobre a procedência de alimentos com veneno e sobre isso Sr. Zé Arthur tem a satisfação e orgulho em produzir alimentos saudáveis.

Assim a Agrofloresta fornece frutas e verduras para a Frutaria São José que fica localizada no centro da cidade de Nova Olinda, quem gerencia o negócio é um dos seus filhos o Evenilton.

Foto 3 – Frutaria São José



Fonte: Acervo do autor (2015).

Com a Frutaria São José a população da cidade pode encontrar um alimento saudável, essa opção em uma região em que os agrotóxicos predominam significa mais qualidade de vida para aqueles que fazem a opção pelos produtos orgânicos.

3 PROTAGONIZANDO O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL

“O horror de um progresso vazio
Matando os mariscos e os peixes do rio
Enchendo o meu canto
De raiva e de pena”

(Caetano Veloso)

Desenvolvemos um estudo sobre o protagonismo social dos beatos no Cariri, encontramos em análise bibliográfica da história do Cariri, a comunidade do Caldeirão que desenvolvia a permacultura e agrofloresta.

No nosso estudo empírico visitando as comunidades e entrevistando os sujeitos que protagonizam ações para o desenvolvimento sustentável, percebemos que eles têm como referencial a comunidade do Caldeirão, que foi um modelo social de base solidária com a cooperação como elemento fundamental para a convivência social.

A cooperação e o entendimento que o cooperativismo pode ser compreendido como uma habilidade humana, Sennett (2012) descreve uma preocupação com a sociedade tribal, onde as pessoas tem dificuldade de se entender, mesmo que o tribalismo aglutinem grupos com interesses comuns, mas avessos aos que são diferentes. Quanto à cooperação, também pode ser entendida no campo da competição, como nas atividades de jogos esportivos, nas relações e taxações econômicas de bolsa de valores e política partidária eleitoral. Como no tribalismo humano essa lógica de cooperação pode gerar resultados destrutivos para o coletivo, o que seria um conluio. O que o autor defende é que tanto a cooperação nós-contra-vocês e na cooperação degradada em conluio, é cooperação destrutiva e como alternativa ele aponta “um tipo exigente e difícil de cooperação” (SENNETT. 2012, p. 28)

No atual modelo econômico que vivemos a sociedade moderna desabilitou os seres humanos a cooperação, de forma que a desigualdade só tem aumentado, distanciando cada vez mais os seres. O que também reflete na forma como a sociedade do trabalho está organizada em departamentos, separada com hierarquias e informações privilegiadas, assim só vai aumentando o isolamento, ainda mais crítico é o caráter do trabalho na sociedade moderna que tem sido cada

vez mais temporário com curtos prazos caracterizando também as relações sociais de curto prazo.

A homogeneização do gosto tem sido constante na sociedade, o que é uma forma de “reduzir ansiedades provocadas pelas diferenças” tudo vai ficando igual, dentro da homogeneização cultural, global e o consumo reforça e com isso tudo vai enfraquecer o impulso de cooperação exigente, então dentro dessa lógica ainda tem a substituição do ser humano pela máquina, o que desabilita cada vez mais o ser humano do tipo de cooperação mais exigente.

Nesta lógica de pensar a cooperação, uma cooperação exigente com o aprender a valorizar a diferença é que vamos entendendo a preocupação de Sennett, (2012) que é combater esses grupos tribais humanos homogeneizados que cada vez mais se fecham e repelem o diferente.

A cooperação está desde a infância e faz parte do desenvolvimento humano, mas que nos processos das relações sociais essa característica inerente vai sendo desabilitada; isso fica claro quando Sennett (2012. p.32) firma que a cooperação “pode ser moldada, debilitada ou fortalecida”.

Podemos pensar a comunidade do Caldeirão e sua história como o essencial para pensar a organização social e suas relações, fornece a ideia de libertação tribalista, de desmistificação da “cooperação” conluio e revela o encontro com o outro, numa lógica de uma cooperação, no sentido exigente da “cooperação como habilidade” “receptividade ao outro” “para agir em conjunto”.

Assim trazemos para este estudo uma reflexão sobre o protagonismo dos beatos na Região Metropolitana do Cariri e a experiência do Caldeirão, aproximando comparações entre as práticas sustentáveis desenvolvidas no passado e no presente.

Abordamos uma reflexão conceitual sobre esse protagonismo para a sustentabilidade, observando que nas ações protagonizadas ajuda a fortalecer uma rede de multiplicadores de uma cultura sustentável.

O imperativo ético deve permear as ações para o desenvolvimento sustentável, somente através desse olhar crítico sobre o conceito é que

possivelmente a sustentabilidade desenvolva-se de fato e possibilite transformações na sociedade.

Em oposição ao modelo predominante de crescimento econômico, surge o conceito de desenvolvimento que amplia questões não somente restrita ao econômico, mais agrega outras dimensões na dinâmica em que crescimento restringem-se somente os dados da dimensão econômica e o desenvolvimento é quando esse crescimento econômico está relacionado à distribuição equitativa na sociedade de forma que a dimensão social seja contemplada e ainda que na dimensão ambiental os recursos naturais sejam utilizados de forma consciente e de modo que sejam suficientes para a geração atual e a futura e que esses procedimentos conceituais de desenvolvimento sustentável sejam eficazes na dimensão institucional, onde o Estado tem papel fundamental nesse processo.

Economistas irão protestar de que o crescimento no PIB (Produto Interno Bruto) é uma mistura de aumento quantitativo e qualitativo e, portanto, não estritamente sujeitos às leis físicas. Eles têm razão. Mudanças quantitativas e qualitativas são muito diferentes e, por isso, é melhor mantê-las separadas e chamá-las por nomes diferentes já fornecidos no dicionário. Crescer significa “aumentar naturalmente em tamanho pela adição de material através de assimilação ou acréscimo”. Desenvolver-se significa “expandir ou realizar os potenciais de; trazer gradualmente a um estado mais completo, maior ou melhor”. Quando algo cresce fica maior. Quando algo se desenvolve torna-se diferente. O ecossistema terrestre desenvolve-se (evolui), mas não cresce. Seu subsistema, a economia, deve finalmente parar de crescer, mas pode continuar a se desenvolver (DALY. 1996, p. 192)

O Estado que cria as políticas públicas para o desenvolvimento é um dos principais atores na dinâmica de uma sociedade sustentável, desde que essas políticas sejam construídas coletivamente dentro da lógica da garantia de direitos com participação democrática para uma sociedade sustentável.

Quando o ser humano percebeu que a exploração do meio ambiente e a exploração do ser humano como mecanismos de concentrar riquezas estavam ameaçados e insustentáveis é que começou um amplo debate em volta de conceitos que sinalizassem uma mudança radical nesse modelo voltado apenas ao crescimento econômico, avanço tecnológico e concentração de renda nas mãos de poucos.

Assim teóricos e estudiosos conceituaram que as sociedades modernas precisam urgentemente racionalizar o uso dos recursos naturais, evidenciando que

nossas reservas são finitas e que o ritmo de crescimento que o planeta tem alcançado nas últimas décadas aponta para uma crítica realidade que tem sido a autodestruição do planeta por seus habitantes; dessa forma conceitos como “ecodesenvolvimento” e “desenvolvimento sustentável” tornaram-se universais, pois significam em sua essência um alerta para uma mudança no paradigma da sociedade atual em relação a sua produção e consumo anunciando que é necessário garantir que tanto nossa atual geração como as futuras gerações tenham direito a uma vida digna, com pleno desenvolvimento e de forma sustentável, de modo que nossa atual população desperte uma consciência para a sustentabilidade, (SACHS, 2002).

Diante disso modelos econômicos de produção e consumo que se mostraram insustentáveis durante muitos séculos precisam ser modificados ou abolidos e isso causou e ainda causa resistência.

Com isso os poderes instituídos e economicamente fortalecidos na dinâmica de mercado tem buscado uma ressignificação do conceito de sustentabilidade. Com a utilização usual em que essa apropriação tem uma caracterização no controle das verdadeiras razões da sustentabilidade e que sugere como mais uma possibilidade do sistema capitalista lucrar com essa ideia. A princípio teriam como finalidade superar essas tradicionais formas de transformar tudo em mercadoria visando o lucro, assim surgem os questionamentos, por que é isso que tem acontecido.

As forças econômicas absorveram o conceito de desenvolvimento sustentável não na sua essência, mas como meio de continuar lucrando e para isso buscando meios de reinventar formas de produção e consumo que paliativamente preserve o meio ambiente e do mesmo modo as instituições com políticas públicas que contemplam em seu planejamento o desenvolvimento sustentável, mas que na prática não são eficazes.

O termo desenvolvimento sustentável, portanto, faz sentido para a economia, mas apenas se entendido como desenvolvimento sem crescimento – a melhoria qualitativa de uma base econômica física que é mantida num estado estacionário pelo transumo de matéria-energia que está dentro das capacidades regenerativas e assimilativas do ecossistema. Atualmente, o termo desenvolvimento sustentável é usado como um sinônimo para o oxímoro crescimento sustentável. Ele precisa ser salvo dessa perdição (DALY. 1996, p. 194).

Com isso notadamente percebemos que os poderes econômicos e institucionais nos países desenvolvidos e principalmente nos países em desenvolvimento têm legitimado seu poder utilizando a bandeira do desenvolvimento sustentável, um poder que continua o mesmo dentro das relações sociais, ambientais, econômicas e institucionais, as desigualdades, concentração de renda, políticas públicas voltadas aos interesses particulares e medidas ambientais de preservação frágeis ou mesmo como negócio dentro da lógica do capitalismo verde, (DALY, 1996).

Já que temos que garantir os recursos naturais então vão fazer disso oportunidades para negócios e lucros buscando novas fontes de energia, reciclando, reflorestando e criando produtos novos, mas que sejam ecologicamente corretos e cada vez mais mesmo utilizando os conceitos de sustentabilidade o que promovem e uma adaptação fortemente comprometida com essa lógica de domínio e mais uma vez esse poder busca legitimação nas crises da humanidade, nos conceitos que norteiam uma ruptura e se mantêm.

3.1 Protagonistas da sustentabilidade como multiplicadores de uma cultura sustentável

“Oh Tempo Rei!
Transformai as velhas formas do viver”

(Gilberto Gil)

Na sociedade consumista e globalizada do século XXI, em que os modelos econômicos, avanços tecnológicos e a produção em longa escala sinalizam o fim dos recursos naturais do planeta, acentuam-se as desigualdades que colocam em risco de extinção a espécie humana. Começa, portanto, a surgir o ser humano atento às transformações, crítico aos conceitos de sustentabilidade, avesso às ideologias do consumo e ativo em ações conscientes para a sustentabilidade, interagindo socialmente para amenizar as desigualdades, se reinventando economicamente, melhorando o meio ambiente e militando politicamente junto ao poder institucional para políticas públicas sustentáveis. Esses seres humanos são em suas ações protagonistas sustentáveis no cenário de conflitos de uma sociedade insustentável, em suas práticas, são educadores para uma cultura da sustentabilidade que vai sendo construída na práxis do cotidiano do individual para o coletivo.

Este trabalho fala sobre os protagonistas sustentáveis que em vários lugares do mundo e em diferentes sociedades atuam individual e coletivamente de forma sustentável, aproximando uma práxis mais coerente com o conceito de sustentabilidade. Contrapondo-se as iniciativas de mercado e das políticas públicas que apenas utilizam-se do termo sustentabilidade como uma bandeira emergente, atrelado a interesses políticos e econômicos.

Objetivando compreender e identificar a atuação dos protagonistas sustentáveis com suas ações militantes na contribuição para uma cultura sustentável, onde relações existem nessa construção consciente individual e coletiva de buscar uma sociedade sustentável. Metodologicamente buscamos uma revisão da literatura que aborda a sustentabilidade e seus protagonistas, onde existem diversos exemplos, de ativistas, grupos, pessoas e famílias que convivem no seu cotidiano com a prática sustentável, cujas práticas são visivelmente conceituadas numa nova postura conscientemente sustentáveis e fundamentalmente importantes

para a disseminação das ideias do desenvolvimento sustentável. Também buscamos acompanhar as ações, práticas, vivências e depoimentos através de entrevistas com a professora doutora Francisca Pereira dos Santos, conhecida como Fanka, da Universidade Federal do Cariri; com o agricultor Zé Arthur da agrofloresta em Nova Olinda e com George Belisário permacultor da Casa do Alto em Caririagu. Esses sujeitos, definimo-los como exemplo de protagonistas da sustentabilidade dentro do Cariri no semiárido cearense.

Levantamos como hipótese central que os protagonistas da sustentabilidade são exemplos concretos de uma cultura sustentável que se efetiva no entendimento e prática, numa conscientização sobre o conceito de sustentabilidade, nas ações sustentáveis praticadas, nos debates formativos e nas militâncias coletivas, que são revolucionárias no processo em que esses multiplicadores vão culturalmente transformando a sociedade.

A sustentabilidade é um desejo coletivo que enfrenta muitas dificuldades na sua concretização macrossocial de forma imediata. Institucionalmente não tem sido possível porque envolve interesses econômicos e políticos, mas no microssocial ela se realiza cotidianamente. O que favorece para uma transformação cultural e que possivelmente a médio e longo prazo ganhe proporções mais abrangentes para uma utópica sociedade sustentável.

O ideal de uma sociedade, um planeta sustentável só será possível quando os seres humanos que constituem essa sociedade e habitam esse planeta forem sustentáveis, o protagonismo sustentável é uma bandeira que pode corroborar com mudanças significativas na estrutura cultural de uma sociedade, e os protagonistas sustentáveis se destacam como potencial humano para essas mudanças.

O protagonista da sustentabilidade é na sua prática sustentável um ser politizado, consciente de seu papel social, inserido no sistema econômico capitalista, onde predomina o consumismo e as desigualdades sociais, as leis clássicas de mercado e a obsolescência programada. Assim ele passa a assumir nova postura no momento que essa consciência da realidade no modelo insustentável vigente surge. Começa uma militância espontânea individual que abraça um coletivo numa busca revolucionária para quebrar paradigmas e inicia uma formação de uma nova mentalidade sobre sustentabilidade.

Pesquisar protagonismo social para o desenvolvimento sustentável na literatura é uma tarefa difícil e instigante por ser uma abordagem recente e não apresenta uma bibliografia relevante. Mas em toda produção que aborda a sustentabilidade de certa forma é um conhecimento construído, que protagoniza a sustentabilidade.

O protagonista da sustentabilidade enquanto cidadão ético busca seu comprometimento com a sociedade atual e a futura, com o meio em que vive, da sua consciência e responsabilidade no ato engajado por um planeta sustentável nessa e nas futuras gerações. Por isso ele pensa o mundo, pensa as pessoas, pensa as relações dos seres humanos entre si e destes com a natureza. Esse protagonista está em constante militância pela sustentabilidade, buscando viver de forma sustentável e assim confronta o modelo predominante de sociedade insustentável, enfrenta os desafios e conflitos no cenário da insustentabilidade social.

Nas relações cotidianas e rotineiras, na família, no trabalho, no lazer e em diversas relações dentro da sociedade o protagonista é impregnado de uma ideologia sustentável. Assim promove trocas nessas relações, educa, informa, milita, articula práticas sustentáveis, denuncia, critica, confronta os modelos insustentáveis aparentes e explícitos no seu campo de atuação. Em qualquer espaço social em que o protagonista esteja inserido, esse será sempre um espaço de ações ou reflexões sobre o desenvolvimento sustentável.

O ser humano através do conhecimento, de uma formação crítica e reflexiva sobre os problemas sociais, ambientais e econômicos do século XXI, pode desenvolver um pensamento crítico e assumir uma postura consciente, comprometida com alternativas para solucionar tal problemática. Isso ainda passa por uma reflexão ética sobre o ser humano e os seus semelhantes e a exploração da natureza. O protagonista da sustentabilidade não é nenhum ser sobrenatural, é o próprio ser humano que individual ou coletivamente pode atuar para um mundo melhor. Podemos nomenclaturar o ser humano que politicamente defende, vivencia e protagoniza a sustentabilidade de protagonistas sociais da sustentabilidade, com seu papel de grande relevância dentro da sociedade, tal qual o conceito de homo situs, (ZAOUAL, 2006).

Um problema implícito que estimulou esse trabalho é que o conceito de desenvolvimento sustentável tem sido utilizado de forma superficial no discurso de várias instâncias da sociedade, pelos poderes institucionais públicos e privados, uma distorção da ideia de sustentabilidade. Essa apropriação inadequada têm interesses diversos cujo caráter de sustentabilidade é distorcido e o que configura é somente o crescimento econômico.

As forças econômicas absorveram o conceito de desenvolvimento sustentável não na sua essência, mas como meio de continuar lucrando e para isso buscando meios de reinventar formas de produção e consumo que paliativamente preserva o meio ambiente. Do mesmo modo as instituições com políticas públicas que contemplam em seu planejamento o desenvolvimento sustentável, mas que na prática não são eficazes.

Com isso notadamente percebemos que os poderes econômicos e institucionais nos países desenvolvidos e principalmente nos países em desenvolvimento têm legitimado seu poder utilizando a bandeira do desenvolvimento sustentável. Um poder que continua o mesmo dentro das relações sociais, ambientais, econômicas e institucionais. As desigualdades, concentração de renda, políticas públicas voltadas aos interesses particulares e medidas ambientais de preservação frágeis ou mesmo como negócio dentro da lógica do capitalismo.

Mas diante dessa realidade que fatalmente ameaça a sustentabilidade em sua razão maior é que o conceito de desenvolvimento sustentável precisa ser entendido, internalizado e amplamente divulgado de maneira que a população compreenda inclusive a sua apropriação pelos poderes instituídos. Quando a sociedade conscientemente estiver comprometida com o desenvolvimento sustentável poderá entender essa utilização ideológica que se faz dos conceitos e assim essa sociedade pode questionar e lutar para que o desenvolvimento sustentável não se distancie das suas verdadeiras implicações e essa revolução começa na consciência do cidadão crítico e comprometido com um mundo melhor.

Estamos atualmente passando por vários processos de mudanças históricas, o paradigma da ciência positivista cartesiana sendo questionada e as informações e conhecimentos amplamente acessíveis às pessoas e isso tem fortalecido a luta das pessoas por um mundo sustentável. Essa militância vem crescendo e nasce

individualmente para abraçar um coletivo que tem a finalidade de buscar alternativas para o planeta, que não vê somente oportunidades econômicas na crise ambiental, social e econômica, mas que busca desconstruir o conceito de utopia como algo inacessível e inalcançável, reconstruindo-o como algo para acessar todos os dias na ação individual e coletiva, como algo alcançável na medida em que cada um tem sua participação na construção de um mundo sustentável.

As pessoas estão em todos os lugares assim como os conceitos também, e na dinâmica das relações sociais o conceito de desenvolvimento sustentável ora é usado para legitimar o poder e ora é usado para questionar e libertar desse poder. Os protagonistas da sustentabilidade, que são os seres humanos conscientes do processo, são imprescindíveis nessa luta, nas suas ações em várias instâncias dentro da sociedade, promovendo a sustentabilidade em suas variantes dimensões, comprometida com uma sociedade sustentável e um planeta suficiente.

O protagonista da sustentabilidade torna-se um ser potencial em uma alternativa coerente ao conceito de sustentabilidade, que confronta o crescimento econômico mascarado de uma ostentação sustentável, que cada vez mais configura em modelos econômicos, políticas públicas e privadas.

Temos construído o conceito de desenvolvimento sustentável na dinâmica da sociedade moderna com toda problemática das grandes questões mundiais que estão relacionadas diretamente com o ser humano e sua sobrevivência em sociedade transformando o meio ambiente. Nessa contemporaneidade que sinaliza um perigo para toda a sobrevivência humana, e que vai ganhando cada vez mais dimensões e ampliando conceituações ambientais, econômicas, sociais, institucionais, espaciais e culturais, sintetizando um caráter comum que é urgente essa pauta.

A construção de uma sociedade sustentável com equidade social, uso racional dos recursos naturais, lógica institucional em promover a cultura da sustentabilidade, consciência cidadã e humana em contribuir com o processo que seja garantia não só da contemporânea geração mais das gerações futuras que herdarão a cultura da sustentabilidade. Para de forma concreta possamos vislumbrar essas mudanças se faz necessário uma apropriação ética do conceito de desenvolvimento sustentável e não sua apropriação usual vulgarmente direcionada

e subjugada ao conceito de crescimento. Não encontrar alternativas apenas de garantir uma falsa sustentabilidade limitada em solucionar através de investimentos tecnológicos os problemas ambientais, enquanto os sociais, econômicos e institucionais continuam insustentáveis.

Chacon (2007) aborda o conceito de sustentabilidade e diz que é protagonizado seja de forma eticamente comprometido ou colocado apenas como uma atração do grande espetáculo político econômico para conseguir junto aos financiadores internacionais recursos para as políticas públicas que no papel contém muito das ideias sustentáveis, mas que na prática não são efetivadas a contento, isso tem acontecido ao longo do processo de consolidação do conceito de sustentabilidade, reforçando uma situação aparente, tudo isso implica nessa necessidade de compreender o conceito de desenvolvimento sustentável, precisaríamos de um protagonismo sustentável nas relações sociais e principalmente nas políticas públicas, isso implicaria numa conscientização sobre o conceito de sustentabilidade.

É importante enfatizar que qualquer política ou medida de regulamentação que vise fortalecer o desenvolvimento sustentável só será efetiva se contar com a legitimação da sociedade e esta só virá por meio de um processo amplo e profundo de conscientização e comprometimento do indivíduo com a coletividade. Para isso acontecer além de uma mudança de base ideológica, que também os fazedores de política tenham claro para quem e para que estão planejando. (CHACON, 2007, p. 132).

E nessa lógica, compreender no sentido de contribuir para essa mudança na base ideológica e cada pessoa que traz o conceito de desenvolvimento sustentável para o debate social, que nas suas ações cotidianas praticam a sustentabilidade já estão efetivamente legitimando a sustentabilidade, esse são os protagonistas sustentáveis e que estão cada vez mais comprometidos no ato político do individual para o coletivo.

Ao dialogamos com Paul Ariès (2013) que pensa uma sociedade que pode desenvolver uma simplicidade voluntária contra essa construção capitalista da abundância, dessa forma as práticas que os protagonistas da sustentabilidade estão desenvolvendo dentro da sociedade, implica também num voluntarismo ético de respeito ao planeta e aos seres humanos em querer tomar uma nova postura, assumindo um compromisso pelo desenvolvimento sustentável.

São muitos exemplos no mundo de protagonistas sustentáveis que começam a desenvolver uma atitude mais radical diante da prática sustentável, como pessoas que já desenvolvem novas formas de produção e consumo sustentável, consumo consciente, agroecologia, permacultura, reutilização do lixo entre outras práticas que são incorporadas numa postura ética cidadã, sem necessariamente seguir nenhum marco estabelecido por lei, mas da consciência de cooperar com um mundo sustentável.

Nesse trabalho elegemos sujeitos que protagonizam a sustentabilidade na região do Cariri, em suas comunidades com a prática da permacultura e agroecologia. A professora Francisca Pereira dos Santos, conhecida como Fanka que desenvolve a permacultura na sua comunidade Aldeia da Luz em Barbalha; o agricultor Zé Arthur que desenvolve a agrofloresta na sua comunidade no sítio Tabuleiro em Nova Olinda e George Belisário que desenvolve a bioconstrução na zona rural de Caririaçu. São ativistas conscientes do conceito de sustentabilidade, atuam e cooperam com uma cultura sustentável. Esse trabalho que visivelmente se destaca dentro da sociedade tem efetivo potencial para contribuir com uma cultura sustentável e nasce de uma consciência voluntária, um sentimento cooperativo. Coerentemente vivenciam o conceito de sustentabilidade por que têm em suas consciências o comprometimento com a coletividade e o planeta.

Podemos compartilhar do pensamento de Richard Sennett (2012) que teoriza a cooperação como uma potencialidade inerente aos seres humanos, às pessoas sempre estão em conjunto cooperando, o que acontece é que às vezes essa cooperação está limitada a uma lógica tribal, onde existem grupos homogêneos e globalizados culturalmente, mas que não é tolerante ao outro ou a outros grupos diferentes, Sennett (2012) classifica de tribalismo esse comportamento social que estereotipa o outro, tem um preconceito, o “tribalismo une solidariedade com aqueles que se parecem e agressão aos que são diferentes” (SENNETT, 2012). Então estamos vivendo no mundo todos esses fatos sociais, nesse aspecto o conceito de sustentabilidade em sua compreensão humana e universal e o protagonismo sustentável contribui para erradicar esse tribalismo.

O protagonista da sustentabilidade como multiplicador de uma cultura sustentável tem em sua militância didática a base de uma pedagogia ecológica;

Paulo Freire (2001) que propões uma educação libertadora e coloca em evidencia um sistema educacional entre oprimidos e opressores, tem muito contribuído para o entendimento da relação entre o ser humano como opressor e a natureza como oprimida, o que favorece ao protagonista da sustentabilidade uma atuação critica, que nasce na sua leitura de mundo, contextualizada na pedagogia problematizadora do cotidiano insustentável predominante.

O campo de atuação do protagonista sustentável é o seu território, a localização do espaço social e ambiental, cuja ação sustentável tem fundamentalmente a ideia do local para o global e assim a cultura é uma base forte nesse processo, a identidade local, os aspectos simbólicos, a diversidade e os conhecimentos acumulados culturalmente do lugar onde tem protagonismo sustentável são valores significativos. Hassan Zaoual (2006) e sua teorização sobre territórios, sítio, do homo sitio apresenta um pensamento muito coerente com a cultura de um lugar, o território como espaço único, com suas crenças, valores, tradições e saberes que são construídos ao longo do processo histórico de um povo, nesse sentido Zaoual (2006) diz que os modelos econômicos transportados de outra realidade para um sítio ou não se adaptam ou causa grande prejuízo.

A ideia de homo situs que Zaoual (2006) defende tem semelhança com o protagonista sustentável que estamos abordando, para ele:

O homo situs é um homem concreto que combina vários imperativos ao mesmo tempo. Devido ao peso do sítio sobre seu comportamento, o homo situs tem ética, identidade e racionalidade que ele constrói in situ. É um homem concreto que sabe o que faz, não é um "idiota cultural". Opera com base na racionalidade situada e compósita, cuja análise requer modelos mais complexos do que aquele que apresenta a racionalidade econômica ordinária (ZAOUAL, 2006, p.50).

Podemos pensar o protagonista da sustentabilidade com semelhança do homo situs, nas ações sustentáveis que confronta tanto modelos econômicos insustentáveis como nessa ética de cooperar com ações afirmativas locais que reflete numa perspectiva global, o protagonista tem essa racionalidade situada, e situada na sustentabilidade.

Muitas são as atividades que esses protagonistas desenvolvem na sua prática social e que tem relação com esses pensadores e teóricos que dialoga com esse trabalho, dentre elas destacamos a permacultura, agrofloresta, bioconstrução e ações formativas que reúne acadêmicos, artistas, militantes e sociedade em geral. A

finalidade tem sido protagonizar a sustentabilidade e fortalecer a importância e necessidade de uma cultura sustentável.

Constatamos resultados que faz sentido uma reflexão sobre a utopia de uma sociedade sustentável, essa realidade sustentável que busca os protagonistas da sustentabilidade, não existe, mas entendemos que é possível, está em construção. Esse seria um processo cultural que visivelmente percebemos nas práticas sustentáveis de protagonistas que acreditam e que vai se multiplicando com diversas abordagens, processos conscientes de resistência em meio a essa sociedade insustentável. Os protagonistas vão surgindo e povoando a sociedade com mudanças significativas para a cultura da sustentabilidade.

3.2 Ética do Desenvolvimento Sustentável

"A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para"

(Cazuza)

O conceito de desenvolvimento sustentável pode ser identificado como uma utopia para a sociedade do século XXI, (VEIGA, 2010), amplamente discutido e praticado com crescentes contradições ideológicas. O objetivo desse texto é discutir o conceito de desenvolvimento sustentável da forma como ele vem sendo construído, que implica perceber os contrastes do capitalismo com as dimensões da sustentabilidade. Do conceito de desenvolvimento sustentável aproxima-se o princípio ético como possibilidade de uma nova abordagem para a ética do desenvolvimento sustentável.

Para uma reflexão sobre o desenvolvimento sustentável enquanto conceito e novo paradigma a ser alcançado pela sociedade do século XXI são feitos alguns diálogos com autores onde busca-se uma compreensão sobre as dimensões do desenvolvimento sustentável e as ações afirmativas globais pró-desenvolvimento sustentável.

A sociedade do século XX caracterizada pela sociedade do consumo, da industrialização e da tecnologia, chega ao século XXI com um grande desafio, que é reverter os prejuízos ambientais, sociais e econômicos causados ao longo do tempo pela ação insustentável da humanidade, que através dos modelos clássicos da economia e da ciência colocaram o planeta em escassez de recursos naturais e a vida animal e vegetal em risco de extinção.

Mesmo antes de surgir o conceito de desenvolvimento sustentável, muitos outros grupos, pensadores, teóricos e ativistas levantaram questões sobre problemáticas ambientais e sociais que apontavam para uma crise planetária. Com a ONU (Organizações das Nações Unidas), que colocou para o mundo a necessidade de repensar os modelos clássicos de crescimento e desenvolvimento e criando a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento que em 1987 lançou um relatório intitulado de “Nosso Futuro Comum”, mas conhecido como Relatório Brundtland, e que define o desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento

que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (BRUNTAND, 1987).

O conceito de desenvolvimento sustentável nasce no momento em que a humanidade percebe a crise ambiental planetária, as graves consequências e seus efeitos visíveis na dimensão ambiental fez com que começasse a pensar outras dimensões para a sustentabilidade.

A ideia das gerações atuais suprirem suas necessidades sem comprometer o futuro, implica pensar, que no nosso atual modelo econômico grande parte das pessoas no mundo não tem necessidades básicas supridas por conta da não distribuição das riquezas, assim o relatório indica uma triangulação que seria “equilíbrio ambiental, equidade social e crescimento econômico”, o que Ignacy Sachs (2008) classificaria mais tarde em “socialmente incluyente, ambientalmente sustentável e economicamente sustentado no tempo”.

O que tivemos ao longo da história foram uma crescente industrialização e concentração de renda, desigualdades extremas, miséria e pobreza e na lógica a natureza, os recursos naturais sempre explorados e utilizados de forma insustentável, até que sinalizou a crise ambiental e colocando na cena contemporânea a necessidade de pensar a sustentabilidade ambiental e consequentemente outras dimensões, antes de se falar em desenvolvimento sustentável, via-se o liberalismo econômico avançando e com suas consequências desastrosas, mesmo a crítica mais direta marxista, não deteve a ideia da crescente industrialização, a formação de blocos econômicos e a divisão do mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, em primeiro, segundo e terceiro mundo, mas a possibilidade da vida desaparecer colocou em pauta esse novo paradigma que precisa ser alcançado, o desenvolvimento sustentável.

Desde então as ciências, governos, entidades globais, empresas começaram a pensar sobre o desenvolvimento sustentável, no seu conceito e surgiram suas dimensões, documentos norteadores e protocolos. A Eco-92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento) que aconteceu no Brasil em 1992 foi um momento de contribuição para sistematizar obrigações ambientais, onde foi criada a Agenda 21 que dita diretrizes e obrigações ambientais para atuação dos governos e sociedade civil e vinte anos depois com a Rio mais vinte em

2012, saiu como resultado um documento intitulado de “O futuro que queremos” que ressalta ainda mais a necessidade do desenvolvimento sustentável e uma maior participação dos diversos sujeitos.

O atual conceito de desenvolvimento sustentável é bastante amplo e pode-se dizer que existem diversas versões, a apropriação do conceito tem sido constante nas várias instancias dos governos, dos mercados e da sociedade civil, (VEIGA, 2010) classifica de utópico:

Ao mesmo tempo, as diversas versões sobre o “desenvolvimento sustentável” parecem estar muito longe de delinear, de fato, o surgimento dessa nova utopia de entrada no terceiro milênio. Este é o enigma que continua à espera de um Édipo que o desvende. (VEIGA, 2010, p.208).

Vive-se uma crise, ambiental, social e econômica e vive-se uma utopia em superar essa crise, o desenvolvimento sustentável aparece como alternativa para uma sociedade que vença esses desafios no terceiro milênio, o que diante da problemática que encontra-se o mundo, seria um ideal utópico urgente, necessário e indispensável para a sobrevivência humana, (VEIGA, 2010).

Para Sachs (2008), que inicialmente propôs o conceito de “ecodesenvolvimento” que abrange um desenvolvimento com distribuição econômica equitativa da economia e preservação do ecossistema, Sachs (2008), definiu dimensões para a sustentabilidade, e que todas devem ser pautadas nas ações para se chegar a essa “utopia”, são dimensões que caracterizam uma realidade que precisa necessariamente de mudanças, o desenvolvimento sustentável não pode restringir-se apenas a uma ou alguma das dimensões, dentro do atual modelo econômico em que vive-se, essas dimensões estão articuladas entre si, como uma cadeia em rede, que afeta toda a sociedade e o meio ambiente, e que deve ser levado em consideração, qualquer que seja a iniciativa que represente uma ação para o desenvolvimento sustentável essas dimensões representam uma importância significativa e que são dimensões que podem perfeitamente se desdobrarem em tantas outras possíveis dimensões, as classificadas por (SACHS, 2008) são:

A dimensão da sustentabilidade social que busca promover uma sociedade de justiça e equidade, sem diferenças e com distribuição de renda, com acesso aos direitos, aos recursos e serviços básicos para uma qualidade de vida coletiva.

A dimensão da sustentabilidade econômica que garanta distribuição dos recursos econômicos entre as nações, que diminua a concentração de renda em mercados econômicos e que gere uma descentralização equilibrada e harmônica das riquezas no planeta.

A dimensão da sustentabilidade ecológica ambiental tem como finalidade a proteção e preservação ao meio ambiente, com atenção aos ecossistemas naturais, com utilização limitada dos recursos não renováveis e utilização otimizada dos recursos renováveis, e consciência urgente de novos investimentos em energias limpas.

A dimensão da sustentabilidade espacial corresponde a conseguir investimentos econômicos harmônicos entre as espacialidades urbana e rural com vistas a superar as disparidades espaciais.

A dimensão da sustentabilidade cultural que considera o ser humano na sua localidade, com sua forma de viver, seu saber, o conviver com o meio, com atenção e respeito às tradições quando se pensar o desenvolvimento local.

A dimensão da sustentabilidade política nacional que garanta a democracia, conquista de direitos e harmonização por um projeto sustentável entre poderes governamentais e não governamentais.

A dimensão da sustentabilidade política internacional que garanta uma cooperação global pela sustentabilidade, erradicação de guerras e promoção da paz, que o desenvolvimento seja equilibrado entre os países do norte e sul, com gestão do patrimônio global.

Embora, seja complexo definir o conceito de desenvolvimento sustentável, e diante das diversas formas que esse conceito vem sendo utilizado, pode-se vislumbrá-lo nessas dimensões propostas por Sachs (2008) e que possibilita compreender esse desenvolvimento, desde a instância local até o global, e que ainda permite uma visualização de outras dimensões dentro destas dimensões definidas, implicando que o desenvolvimento sustentável, significa dimensionar mudanças em tudo o que pode ser mensurável para a qualidade de vida do ser humano no presente e no futuro.

Reflete dentro dessa discursão internacional sobre o conceito de desenvolvimento sustentável e as ações para se chegar a esse novo paradigma, que aqueles que exercem o poder e que podem promover mudanças, já começaram a utilizar o conceito de desenvolvimento sustentável, e não significa que a sustentabilidade esteja efetivamente sendo praticada, existe uma compreensão, a ideia de conquistar uma sociedade global sustentável está em pauta desde a década de 80 do século XX, mas a transição passa por avanços e retrocessos, principalmente nesse campo institucional que promove políticas dentro da sociedade, Chacon (2007) coloca uma visão de como os fazedores de políticas absorveram a bandeira da sustentabilidade:

Aos poucos, os fazedores de políticas aprenderam as diversas dimensões necessárias ao alcance da sustentabilidade, além da dimensão ambiental, e incorporaram a preocupação com a crescente pobreza e exclusão e também a necessidade de respeitar a diversidade cultural de cada povo (CHACON, 2007, p. 125).

Mas que esse conceito tem sido utilizado para os mais diversos fins, mesmo com os movimentos globais que busca fortalecer uma visão comum do conceito, e que através de documentos elaborados em conferências internacionais e que são referência, mesmo assim existe uma crítica à utilização do conceito, principalmente na configuração do discurso político na contemporaneidade, como afirma Chacon:

A visão de que o processo de desenvolvimento deve ser amplo o suficiente para incorporar de forma definitiva essas novas variáveis vem sendo fortificada paulatinamente desde os anos 80 do século XX, mas tomou grande impulso a parti da aprovação da Agenda 21, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), EM 1992, NO Rio de Janeiro, mais conhecida como ECO-92. E o conceito desenvolvimento sustentável, mais difundido desde então, vem sendo utilizado para os mais diversos fins, não só científicos, mas também em discursos de cunho político e textos governamentais, que nem sempre resultam em ações efetivas de mudanças (CHACON, 2007, p. 125).

A questão fica mais complexa, quanto à dimensão ambiental, onde os atores políticos e as empresas atuam promovendo uma sustentabilidade mascarada, aonde os interesses globais vão sendo canalizados para interesses particulares, na lógica do mercado, o desenvolvimento sustentável enquanto conceito vai sendo descaracterizado e por sua vez sendo usado de forma utilitarista, como possibilidade de negócio e lucro.

O meio ambiente, na verdade, se tornou um bom negócio. As próprias indústrias que poluem se entusiasmam com a possibilidade de ganhar mais fabricando produtos para o uso no processo de descontaminação. Outras usam a necessidade de proteção ao meio ambiente como desculpa para aumentar exorbitantemente o preço de suas mercadorias. Além disso, novos e lucrativos negócios surgem em função da crise ecológica (CHACON, 2007, p. 125).

Esse agravante, quanto ao desenvolvimento sustentável em suas mais variadas dimensões, preocupa, enquanto diversas teses defendem mudanças profundas para se chegar ao desenvolvimento sustentável, acontece uma resistência a essa mudanças e na lógica cria-se um conflito, que ora o conceito de desenvolvimento sustentável se desenvolve nas sociedades com exemplos concretos e ora o conceito é deturpado e vendido como política sustentável.

Atravessa-se um momento de transição bastante complexo, principalmente no tocante ao conceito de desenvolvimento sustentável, diversas experiências que mostram avanços e retrocessos, o que implica no conhecimento do conceito, sua utilização de forma ética e uma consciência individual e coletiva, quanto o que é, e qual a importância do desenvolvimento sustentável, no Brasil esse conceito precisa se amplamente debatido, enquanto imperativo necessário e não apenas diretriz orientadora experimental.

Para se ter uma ideia do grau de diluição a que foi submetida à noção de sustentabilidade nos dez anos subseqüentes, a melhor coisa a fazer e consultar a Agenda 21 Brasileira (CPDS, 2002). Segundo esse documento, o desenvolvimento sustentável é um “conceito” que está “em construção”. Seu ponto de partida teria sido o compromisso político internacional com um modelo de desenvolvimento em novas bases, que compatibilize as necessidades de crescimento com a redução da pobreza e a conservação ambiental. Isso quer dizer que os princípios e premissas que poderão orientar a sua implementação ainda são experimentais, e que dependem, antes de tudo, de um processo social, no qual os atores deverão pactuar, aos poucos, os novos consensos de uma agenda possível, rumo ao futuro que se deseja sustentável (VEIGA, 2010, p.189).

Então percebe-se que o desenvolvimento sustentável encontra-se em construção, enquanto conceito que vai sendo construído passa por diversas complexidades, vai sendo utilizado com finalidades diferenciadas, e uma dessas finalidades que não convém, uma realidade crítica que preocupa é a apropriação do conceito com fins e interesses políticos e empresariais e que não contempla eficazmente nenhuma das dimensões da sustentabilidade, e como agravante

configura-se como um contraditório, ações que se dizem promotoras da sustentabilidade, mas que só tem causado o efeito da insustentabilidade.

Discutir e defini o conceito de desenvolvimento sustentável, fica muito difícil, visto que muitas são as apropriações desse conceito, diferentes atores sociais tem incorporado o desenvolvimento sustentável como novo paradigma a ser alcançado, pode-se entender que em sentido de uma necessidade global o conceito está sendo absorvido, mas assimilado de diferentes formas e interesses variados.

Os avanços no sentido de equacionar melhor o processo de desenvolvimento já podem ser percebidos, mas os resultados alcançados até agora podem ser questionados. Muitas vezes os objetivos de políticas que visam promover o desenvolvimento para uma certa região ainda não incorporam devidamente todos esses aspectos, e menos ainda no que se refere ao respeito às pessoas, à sua cultura e à sua história. Um processo livre de vícios e retrocessos ainda parece distante, mas não se pode desistir, pois as possibilidades abertas por essa nova visão podem ainda se transformar em ganhos reais e positivos para todos. E um ponto deve agora ser ressaltado em todas as discussões sobre o desenvolvimento: o componente ético (CHACON, 2007, p. 129).

Configura-se o desenvolvimento sustentável, como processo em construção, com ações que notadamente apresentam resultados positivos para sociedade sustentável e que também destacam-se experiências antagônicas que se dizem sustentáveis, mas que causam mais insustentabilidade à sociedade. Precisa-se abraçar o conceito de desenvolvimento sustentável, com ética, por ser um conceito em construção, por ser uma utopia, por ser um novo paradigma a ser alcançado, por ser objeto de apropriações e contradições, o princípio ético pode nortear essas relações, principalmente dentro de uma transição de uma sociedade insustentável para uma sociedade sustentável.

A ética do desenvolvimento sustentável deve ser a ética do encontro, de enfatizar a necessidade de difundir claramente a real motivação para que se cuide da Terra e de todos os seres vivos, e especialmente do ser humano. Isto é, a necessidade de superação da visão utilitarista e simplista que comandou o progresso da civilização moderna, e a adoção de uma visão ampliada que permita uma mudança essencial de atitude: o homem se vendo como parte de uma espécie, dialogando, com mútua responsabilidade por cada um e por todos e pelo lugar que habita, com respeito à alteridade e a vulnerabilidade de cada ser (CHACON, 2007, p. 129).

Pode-se ampliar a visão sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, somando a esse conceito a ética, por ser um paradigma ou uma utopia, o

desenvolvimento sustentável que pretende um ideal de sociedade onde no presente tenha suas necessidades supridas de modo que não comprometa das sociedades futuras o direito de suprirem as suas necessidades. Quando se pensa que no presente isso está longe de ser uma realidade, imagine no futuro, pois a geração contemporânea enfrenta diversos problemas, a insustentabilidade social, econômica e ambiental fazem parte de um paradigma dominante da sociedade do consumo, industrialização, desigualdades sociais, concentração de renda, desigualdades territoriais e degradação ambiental; tudo pareceu normal ao longo da história do século XX, dentro da lógica de um sistema econômico que normatiza as relações de exploração da natureza e do trabalho como meio de promoção de riquezas e concentração de capital.

Na lógica das grandes instituições mundiais, que representam o poder e normatizam a relações, seja através das políticas públicas ou do sistema financeiro global, o desenvolvimento sustentável está na pauta, busca-se essa utopia para o planeta, o conflitante é que quando se fala da ética do desenvolvimento sustentável, o atual modelo torna-se totalmente insustentável, a priori o desenvolvimento sustentável implica em mudanças radicais, que inicialmente passe por uma conscientização.

Em todas as suas dimensões, o desenvolvimento sustentável reque mudanças, a resistência a essas mudanças se dão em diversas instâncias, principalmente na econômica, que no modelo capitalista dentro das relações de trabalho provoca várias desigualdades, e mantém uma estrutura de dependência, onde a maioria das pessoas não tem acesso às condições dignas para uma existência com qualidade de vida. Pode-se dizer que esse modelo capitalista hegemônico não combina com o ideal da ética do desenvolvimento sustentável.

Amartya Sen (2000) pensa o desenvolvimento na dimensão social, como liberdade, onde incrementa uma revelação que surpreende, em saber que muitas pessoas no mundo não tem acesso a direitos básicos para o desenvolvimento humano, e que essa disparidade é resultado de um longo processo de desigualdades sociais, concentração de renda e falta de políticas públicas que dignifique as condições de vida das populações excluídas.

O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhoria da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna a nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo (SEN, 2000, p.29).

Percebe-se que no atual modelo econômico, político e social predominante na maioria das sociedades do planeta, essa liberdade para o desenvolvimento é negada, o que temos é cada vez mais uma escravização das massas, sem acesso aos direitos humanos e sociais, que se configura em uma sociedade escrava do trabalho e consumo, que não tem nem a liberdade de compreender essa lógica, que alienavelmente se configura como hegemônica ordem natural de uma realidade de um tempo.

Mas diante dessa realidade que fatalmente ameaça a sustentabilidade em sua razão maior é que o conceito de desenvolvimento sustentável precisa ser entendido, internalizado e amplamente divulgado de maneira que a população compreenda inclusive a sua apropriação pelos poderes instituídos, quando a sociedade conscientemente estiver comprometida com o desenvolvimento sustentável poderá entender essa utilização ideológica que se faz dos conceitos e assim essa sociedade pode questionar e lutar para que o desenvolvimento sustentável não se distancie das suas verdadeiras implicações e essa revolução começa na consciência do cidadão crítico e comprometido com um mundo melhor.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o desenvolvimento sustentável hoje utópico, tem possibilidade de ser uma realidade concreta, através de uma consciência ética, que provocasse mudanças significativas, refutando o modelo atual de sociedade e propondo outro, bem como Georgescu-Roegen (2013) que propõe o “programa bioeconômico mínimo” onde as mudanças elencadas, podem ser consideradas utópicas bem na proporção em que o conceito de desenvolvimento sustentável o é, Veiga (2010) resume os oito pontos do programa mínimo de Georgescu-Roegen.

Primeiro, proibir totalmente não somente a própria guerra, mas a produção de todos os instrumentos de guerra. Segundo, ajudar os países subdesenvolvidos a ascender, com a maior rapidez possível, a uma existência digna de ser vivida, mas em nada luxuosa. Terceiro, diminuir progressivamente a população até o nível no qual uma agricultura orgânica bastasse à sua conveniente nutrição. Quarto, evitar todo e qualquer

desperdício de energia – se necessário por escrita regulamentação – enquanto se espera que se viabilize a utilização direta da energia solar, ou que se consiga controlar a fusão termonuclear. Quinto, curar a sede mórbida por “gadgets” extravagantes para que os fabricantes parem de produzir esse tipo de “bens”. Sexto, acabar também com essa doença do espírito humano que é a moda, para que os produtores se concentrem na durabilidade. Sétimo, as mercadorias mais duráveis devem passar a ser concebidas para que sejam consertadas. Oitavo, reduzir o tempo de trabalho e redescobrir a importância do lazer para uma existência digna. (VEIGA, 2010, p.162).

A propósito esses oito pontos estratégicos de mudanças, significam alternativas para se chegar ao desenvolvimento sustentável, são mudanças radicais e estruturantes que demandam ações institucionais, políticas e militares e conseqüentemente, uma nova consciência global, que almeje superar essa problemática descrita por Georgescu-Roegen (2013) e que ao longo do tempo só tem prejudicado o planeta as relações sociais.

Reflete-se sobre o desenvolvimento sustentável como uma ameaça ao atual modelo do sistema capitalista, que em sua dinâmica ao longo do tempo, enfrentando crises e críticas por outros modelos econômicos, conseguiu sempre se reinventar e fortalecer sua ideologia. Nesse panorama atual não se pode deixar de perceber o conflito, entre as mudanças que impõe o conceito de desenvolvimento sustentável ao sistema capitalista e as adaptações que o sistema capitalista impõe ao desenvolvimento sustentável.

A teoria do decrescimento enquanto conceito econômico e político que tem como defensores Serge Latouche(2010) e Georgescu-Roegen (2013) significa um conceito que dialoga com um desenvolvimento sustentável combativo ao modelo econômico capitalista. O que notadamente tem sua lógica, não se pode pensar que o crescimento econômico com base no aumento do Produto Interno Bruto seja sustentável para o ecossistema, os recursos naturais são finitos, portanto não existe crescimento econômico infinito,

Por outro lado à teoria “tripé da sustentabilidade” proposta por John Elkington (2001), corresponde a um conceito reinventado pelo sistema capitalista, uma livre adaptação a partir do conceito de desenvolvimento sustentável que representa uma alternativa para as empresas promoverem a sustentabilidade, onde a orientação segundo Elkington (2001) e que as corporações podem ser sustentáveis se

somarem ao mesmo tempo a produção do lucro de forma socialmente justa e ambientalmente correta. Um novo caráter para o mercado que para ser sustentável não deve somente mensurar os ganhos financeiros, mas apresentar conquistas sociais e desempenho ambiental.

Fica evidente um cenário fértil de ideias no campo do desenvolvimento sustentável, um conceito que desde seu surgimento apresenta uma diversidade de interpretações e associações que ora define-se como uma ruptura do modelo capitalista e ora é definido como caminho para o capitalismo se reinventar.

Está claro que entre sustentabilidade e capitalismo existe uma incompatibilidade de princípios. Essa é uma contradição de base que pode inviabilizar a ideia de um desenvolvimento sustentável. Tenta-se conciliar dois termos inconciliáveis. O fracasso da Agenda 21 o demonstra. Como pode existir um crescimento com equidade, um crescimento sustentável, numa economia regida pelo lucro, pela acumulação ilimitada e pela exploração do trabalho? Levado às suas últimas consequências, o projeto do desenvolvimento sustentável coloca em questão não só o crescimento econômico ilimitado e predador da natureza, mas o próprio modo de produção capitalista (GADOTTI, 2012, p.52).

Desenvolvimento sustentável se apresenta como um conceito que exige muita reflexão e permeia um campo de ideologia que vai se caracterizando com diversos significados, e portando é necessário colocar no debate uma orientação para a sustentabilidade, que pode inicialmente começar por um processo de educação que favoreça uma consciência e desperte uma práxis ética para o desenvolvimento sustentável.

É importante enfatizar que qualquer política ou medida de regulamentação que vise fortalecer o desenvolvimento sustentável só será efetiva se contar com a legitimação da sociedade e esta só virá por meio de um processo amplo e profundo de conscientização e comprometimento do indivíduo com a coletividade. Para isso acontecer além de uma mudança de base ideológica, que também os fazedores de política tenham claro para quem e para que estão planejando (CHACON, 2007, p. 132).

O que o campo do conhecimento tem mostrado é que a atual conjuntura global enfrenta diversas crises que demandam mudanças urgentes e necessárias para a garantia de manutenção da vida no planeta e dos recursos naturais indispensáveis para suprir as necessidades humanas de forma sustentável. O desenvolvimento sustentável pode até ser difícil de ser definido, mas arrisca-se em classifica-lo como alternativa contra todas essas formas de destruição ambiental,

exclusão social e concentração econômica e que especificamente são traduzidas nas dimensões do desenvolvimento sustentável.

A alternativa que o desenvolvimento sustentável significa para a nossa civilização está impregnada do sentido de humanidade, de autoconhecimento coletivo, em compreender o sentido de viver em harmonia com o planeta e em igualdade com todos, para que o desenvolvimento sustentável represente um conceito de valor universal e restrito a uma ideia de bem comum e imprescindível que ao conceito seja precedido à palavra ética; ético desenvolvimento sustentável.

Quando adotamos um conceito, como por exemplo, o conceito de política, educação, seus significados e desdobramentos tem ampla base semântica e são abordados com diferentes práticas e formas que coloca um mesmo conceito em oxímoro, o conceito de ética quando associa-se a outro conceito, favorecer um entendimento de conduta humana, agregando um valor universal e humano quando diz-se ética política, ética educacional e ganha mais especificidade.

Conclui-se em análise crítica que o conceito de desenvolvimento sustentável como é utilizado na discursão contemporânea apresenta contradições. Para que o desenvolvimento sustentável ganhe um sentido engajado na transição dessa atual sociedade insustentável para uma culturalmente sustentável, livrando-se dos vícios ideológicos que intencionalmente apropria-se do conceito atribuindo outros sentidos como forma de dominação e manutenção do sistema vigente; se faz necessário refletir sobre a relação do ser humano com o meio ambiente e a sociedade; e, contudo assumir uma postura que prime por transformações, assumindo uma práxis da ética do desenvolvimento sustentável.

3.3 O Protagonismo social dos beatos e beatas para o Desenvolvimento sustentável no Cariri cearense

Muita gente pequena, em pequenos lugares, fazendo coisas pequenas podem transformar o mundo.”

(Eduardo Galeno)

A História oficial do Cariri Cearense registra que essa região caracterizada geograficamente como um vale e povoada inicialmente pelos índios Cariris, foi cenário de muitos conflitos e movimentos sociais e políticos. Os primeiros habitantes foram os nativos Cariris e em meados do século XVII entraram em conflito com os colonizadores que adentraram a região, oriundos em sua maioria de Pernambuco e Bahia, eram colonizadores construindo no Ceará a civilização do couro e a catequese católica que acompanhou esse processo. O Cariri de fontes naturais, solo fértil e vegetação abundante, povoada pelos índios, foi logo um lugar propício para o projeto de colonização e catequização. Exploração do trabalho indígena, disciplinamento e conseqüentemente a expropriação das terras, caracterizam os primeiros conflitos no Cariri e os crimes de etnocídio e genocídio perpetrado pelo colonizador.

A civilização do couro cresce no sertão caririense e o latifúndio passa a ser o capital principal de um sistema econômico, pautado na exploração do trabalhador camponês assalariado e sujeito a condições precárias ou ao apadrinhamento do coronel, que era o latifundiário, representava o poder local e ditava as relações políticas e sociais.

O movimento de Joazeiro surgiu no Vale do Cariri, que se situa na extremidade sul do atual estado do Ceará e foi povoado, no primeiro quartel do século XVIII, por criadores de gado provenientes da Bahia e de Pernambuco, atraídos que eram pelas terras férteis e pelas fontes perenes de água. Graças a esses recursos naturais, constituía o Vale do Cariri um verdadeiro oásis cercado por todos os lados de infinitas extensões de terras planas, assoladas ciclicamente pelas secas e que quase nada produziam. Devido, ainda, aos recursos do Vale, veio a agricultura, especialmente a cana-de-açúcar, a predominar sobre as atividades pastoris (DELLA CAVA. 1976, p. 27).

Dentro deste contexto histórico o Vale do Cariri, compreende um espaço em que no final do século XVIII surgiu a cidade do Crato, onde nasceu o Padre Cícero, e no povoado pertencente à zona rural acontece o milagre da hóstia e

consequentemente depois, este povoado torna-se independente passando a se chamar Juazeiro do Norte.

Surge nesse Vale do Cariri, Padre Ibiapina, religioso que vai influenciar o Padre Cícero. O Padre Cícero como líder religioso e que juntamente com a Beata Maria de Araújo protagonizam um dos maiores eventos religiosos do planeta, quando em 1889 o padre ao ministrar a comunhão para a beata, esta se transforma em sangue, caracterizando um milagre que foi fortemente defendido pelo catolicismo popular e reprimido pelo movimento de romanização do catolicismo oficial representado na época pelo bispo do Ceará Dom Joaquim. Atraído pelas romarias que se faziam, surge o Beato José Lourenço que vai ser o líder religioso do Caldeirão, a comunidade igualitária e com uma vivência cujas práticas eram com base numa produção agrícola que valoriza a interação do ser humano com a natureza, a cooperação social e a espiritualidade. Essas características se aproximam da permacultura e agrofloresta e que atualmente precisam ser estudadas.

A presença feminina também era visível no beatério do Padre Cícero, além da Beata Maria de Araújo, que protagonizou o milagre, existiu a Beata Mocinha, que concretizou a construção de um orfanato, com base nos princípios de solidariedade difundido pelo Padre Ibiapina. Esses personagens que tem uma atuação voltada para o desenvolvimento, com práticas sociais, ambientais, solidárias, espirituais, que modificou fortemente a realidade de muitos nordestinos pobres e que sofriam toda sorte de privação no final do século XX e início do XXI, (BARROS, 2008).

Um trabalho missionário que procurou amenizar as difíceis condições sociais que enfrentava os sertanejos, remanescentes nativos e afrodescendentes, a margem da sociedade aristocrata rural e escravocrata do século XVIII, foi do Padre Ibiapina, que passou pelo Cariri e contribuiu, realizando uma missão solidária, voltada a uma iniciativa para o desenvolvimento que amenizasse as mazelas sócias causadas pela seca, doenças, fome e orfandade. A história de vida do Padre Ibiapina, compreende uma realidade social difícil, embora filho de um revolucionário político, ficou órfão muito cedo, seu pai e seu irmão foram mortos nos conflitos da Confederação do Equador, os bens do pai foram confiscados e o jovem Ibiapina teve a dura missão de se responsabilizar pela criação dos seus irmão menores.

Enfrentou a dura realidade e formou-se em direito, tendo uma carreira pública, ocupando cargo de juiz e deputado federal, logo percebe a frustração em enfrentar os poderosos e os desmandos e por isso desengana-se e deixa a magistratura, na política com deputado faz oposição ao governo até 1837, (BARROS, 2008).

Quando sai da vida política, passa a advogar pela causa social, passando a ser identificado como bom advogado no sertão paraibano e na capital pernambucana. Em 1853 sem passar pela formação seminarista, recebe o presbiterato, ocupando cargo de Vigário-geral e professor no seminário de Olinda em Pernambuco.

Tomado pelo sentimento ético de transformação social, o Padre Ibiapina, passa a atuar na vida missionária, realizando obras de caráter social, pregando os princípios cristãos e promovendo uma defesa dos sertanejos excluídos do nordeste brasileiro.

Renuncia a esses cargos e parte ao encontro de seu povo, para a vida de missionário. Durante quase trinta anos, ele percorrerá e missionará os sertões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Carnaibinha, Picos, Jaicós, Barbalha, Caldas, Crato, Santa Luzia de Mossoró, Santa Fé, Angicos, Assu, Areia, Alagoa Grande, Pocinhos, Cajazeiras, Sousa, Ouricuri, Flores, Bezerros, Mata Virgem, Cabaceira, Gravatá, todo o mundo sertanejo se levantava em esperança sob a palavra condutora de Ibiapina. Em Barbalha, cerca de doze mil pessoas se reúnem e constroem a Casa de Caridade, num mês e um açude, numa semana. A influência do “Apostolo do Nordeste” se exerce sobre grande parcela do clero sertanejo, que comunga com ele nos ideias de proteção, defesa e evangelização do povo desprotegido. Seu apostolado se dirige no sentido de preencher os vazios institucionais, que caracterizavam o universo das baixas camadas (BARROS, 2008, p.114).

Essa influência de Padre Ibiapina chega até o Padre Cícero, que também vai desenvolver seu apostolado voltado para as camadas sertanejas pobres do Nordeste, acolhendo, realizando obras sociais e fomentando a ocupação de terras, como aconteceu com a comunidade Cadeirão, cuja liderança era o Beato José Lourenço.

Essa atuação do Padre Ibiapina nos sertões caracteriza mais que uma ação de caridade, posiciona o sujeito como um agente crítico da realidade social e incomodado com a falta de políticas públicas para resolver problemas cruciais para o bem estar do povo nordestino, implica uma militância no cenário das determinações, predestinações e ausentes de direitos e justiça social.

Nosso olhar coloca o Padre Ibiapina como um sujeito que protagonizou um desenvolvimento social, institucional, educacional entre outras dimensões com seu trabalho houve garantias de serviços, direitos e inclusão social. Essa ação teve continuidade em outras frentes sociais e religiosas em várias partes do Nordeste, o Padre Cícero, Beata Mocinha e o Beato José Lourenço são protagonistas de ações para o desenvolvimento.

O Padre Cícero Romão Batista, que antes de fixar residência definitiva no Juazeiro do Norte, sonhara com Jesus que confiara a ele o cuidado com os pobres sertanejos, predestinação ou não, acontece que o sacerdócio do padre foi voltado ao acolhimento de milhares de desvalidos nordestinos, vítimas do sistema de exploração latifundiária e pelas incertezas climáticas que castigava o povo com longos períodos de estiagem, (BARROS, 2008).

Estando residindo no Juazeiro do Norte, o padre começou um trabalho de catequese que se assemelhava em muito com o Padre Ibiapina, promovendo ações de desenvolvimento, recrutando beatas e beatos para várias frentes de serviços sociais e religiosos.

A ação religiosa que soluciona problemas, notadamente é sentida pelos sujeitos que tiveram seus problemas resolvidos como um milagre, e para quem executou essa ação, um santo. Padre Cícero recebeu o título de santo do Nordeste, com suas ações para o desenvolvimento social, o padre foi ganhando os status divino o que foi reforçado mais tarde pelo fenômeno místico das transformações de hóstias em sangue, quando estas foram ministradas pelo Padre Cícero para a comunhão da Beata Maria de Araújo em 1889, (BARROS, 2008).

Bem antes de o milagre acontecer o Padre Cícero já começara a ser santificado pelo povo, como narra Della Cava (1976) sobre uma ação protagonizada para resolver o problema da fome:

Quando, em 1877, mandou para as terras devolutas do alto do Araripe muitas vítimas da seca, que haviam fugido do serão em busca do Vale, obrigando-as a plantar mandioca para aliviar a fome, os sobreviventes agradecidos atribuíram, mais tarde, sua salvação ao padre, a quem consideravam santo (DELLA CAVA, 1976, p.44).

Nota-se que o apostolado do sacerdote ia além da catequização, mas ampliava-se em ações práticas para solucionar diversos problemas da região, e isso

sem dúvida garantiria um olhar diferenciado daquele afetado por essas ações. Enquanto padre, político ou cidadão nordestino, o Padre Cícero soube localizar-se e compreender a dinâmica da sociedade de seu tempo, com isso não se fechou a ideia limitada de pregar os infortúnios dos nordestinos como vontade de Deus, fez a opção de protagonizar alternativas viáveis para o desenvolvimento social.

O Cariri começou a atrair milhares de romeiros, sertanejos, pessoas ricas e pobres que procuravam alimento para o corpo e o espírito. Todos que chegavam e procurava o Padre Cícero, este orientava para uma determinada função dentro da lógica social desenvolvimentista do padre. Assim ele estimulou abertura de comércios, diversas oficinas e empreendimentos, arrendou terras para a agricultura e foi construindo a cidade de Juazeiro do Norte.

Com a popularização do milagre, o crescimento das romarias, a religiosidade popular sendo construída por diversos beatos e beatas que acreditavam que Juazeiro do Norte era a terra prometida; ora a associação entre ter fé e esperança em uma vida melhor era comprovada e vivenciada como experiência prática para muitas pessoas que chegavam vindos de uma realidade e encontrava alternativas para melhorar de vida, (BARROS, 2008).

Sobre o Padre Cícero, muitos estudiosos localizam nele um espírito empreendedor para as políticas comprometidas efetivamente com o desenvolvimento, Cariry (2001) corrobora com esse pensamento:

Independentemente das questões teológicas e das querelas políticas, as multidões famintas continuavam a chegar a Juazeiro em busca da redenção e da Terra Prometida. O padre Cícero orientava os milhares de romeiros que chegavam para que as suas casas fossem uma igreja e uma oficina. A cidade se transformou, em pouco tempo, no templo-oficina dos filhos da Mãe de Deus. Aconteceu um verdadeiro renascimento das culturas e das artes populares sertanejas, com consequências positivas na economia e na vida social da região. Afloraram, na alma coletiva, os arquétipos de todas as heranças espirituais e culturais formadoras do povo caboclo-cariri que, antes disperso, reencontrava agora o seu guia, o seu Pai-Badzé. No caldeirão mágico de Juazeiro, todas as heranças ibéricas, afro-brasileiras, ameríndias e dos povos mestiços do Nordeste entraram em ebulição e geraram uma nova cultura (CARIRY, 2001, p. 05)

Dentro da abordagem orientadora para um desenvolvimento social, cultural e econômico, percebemos que as ações do Padre Cícero atuando seja como padre ou como político tinha uma finalidade fim, o bem estar social e o desenvolvimento da comunidade.

Essa racionalidade do social que encontramos em Padre Ibiapina, Padre Cícero, Beato José Lourenço, Beata Mocinha entre outros e outras, se caracterizava por solucionar problemas sociais que as instituições da época não solucionavam por não ter políticas públicas voltadas para o social. A realidade era de predestinação de miséria como vontade de Deus que vitimava os excluídos dos direitos sociais.

O Padre Cícero concedeu uma entrevista ao Jornal cearense O Povo, que data de 18 de fevereiro de 1931, em que podemos perceber em suas palavras uma tendência a um projeto político voltado para o social com forte viés religioso e ojeriza ao comunismo soviético.

Eu desejo que os novos governantes sejam sobretudo administradores e não donos de uma grande fazenda, como vinha acontecendo até agora. Que a nação os faça, os eleja zeladores e defensores da Pátria e do povo e não senhores de uma senzala, para venderem-na aos pedaços, a quem mais der (BATISTA, 1931, p. 05).

O patriarca do sertão aconselha a exploração das riquezas naturais e não o aumento de impostos e endividamento com o estrangeiro.

Em vez de salvar o país com impostos e empréstimos em vez disso, os dirigentes da pátria devem criar um novo ministério, destinado especialmente a desenvolver as nossas riquezas naturais, as grandes riquezas que Deus nos deu. Faça-se pois um Ministério das Minas e Florestas. É assim que se age e não vendendo o país aos estrangeiros. Eles comem as bananas e nos atiram as cascas (BATISTA, 1931, p. 05).

Padre Cícero realmente era um político nacionalista e com visão empreendedora, ainda 1931 já sugeria a ideia de criação de iniciativas de exploração das reservas naturais, que só seriam criados muito tempo depois, como a Petrobras em 1953 e Ministério das Minas e energia em 1960.

Dentro desta lógica da exploração dos recursos naturais, ele também aconselhava os sertanejos a agirem de maneira sustentável com a natureza, o que ficou conhecido pelos pesquisadores de “Preceitos Ecológicos do Padre Cícero”.

Nas palavras do Padre Cícero, também orienta a criação do Ministério da Cultura, da Educação, da Ciência, da Saúde e da Justiça, como forma de colocar o Brasil nos eixos.

E, se for possível, criemos também um Ministério de Culto, Ensino, Ciência, Higiene e Bons Costumes, para melhor realizar a reconstrução moral do país. Feito isso, eu ficaria satisfeito, certo de que tudo estava nos eixos (BATISTA, 1931, p. 05).

O que é bastante interessante é perceber que o Padre Cícero sempre tinha uma inspiração para suas ideias fundamentadas em seu amplo conhecimento do mundo e aproveitando os exemplos universais, como a criação do Ministério de Minas citado na entrevista, vir de uma análise comparativa a Pérsia sobre sua história e a exploração de minas naturais.

Agora uma das opiniões mais instigantes do Padre Cícero é sobre o comunismo, na entrevista ele condena e atribui ser obra demoníaca.

O comunismo foi fundado pelo demônio. Lúcifer é o seu chefe e a disseminação de sua doutrina é a guerra do diabo contra Deus. Conheço o comunismo e sei que é diabólico. É a continuação da guerra dos anjos maus contra seu criador e seus filhos. Conheço a Rússia desde a minha meninice e sei que ela é um campo imenso de assassinatos, cometidos por governos que querem destruir moral e materialmente a nação. Lênin foi um sargento do exercito e nada mais. E além disso, um judeu pelo espírito e pelo sangue. Só os seus discípulos consideram-no um grande homem. (BATISTA, 1931.p. 05).

O Padre Cícero mostra uma opinião contundente de extremo combate ao comunismo, mas é essa mesma opinião que atravessou e ainda permanece nos sertões nordestino, atrelados à crença, fanatismo e ignorância e por que não dizer a um mistério. Seria um mistério perceber que muitas das ações do Padre Cícero tem uma aproximação com o comunismo, como a permissão ao desenvolvimento de uma comunidade de base igualitária; o Caldeirão do Beato José Loureço, que foi uma experiência que reuniram ricos e pobres num sistema de solidariedade e partilha de tudo que era produzido, uma experiência comum, um comunismo sertanejo.

Mas a experiência do caldeirão tinha a religião, o catolicismo popular, o sincretismo religioso. Está claro que a condenação do Padre Cícero ao comunismo russo seja pelo viés religioso, a igreja foi considerada inimiga durante a Revolução Russa, isso certamente incomodava muito o Padre que era crente e fiel à igreja.

De toda forma cada vez mais se reflete sobre as ações do Padre Cícero, que desenvolveu uma grande obra social, com base no desapego ao material e partilha comunitária.

Certamente o Padre Cícero foi um comunista cristão, que vai além do messianismo fanático, que pregava a recompensa após a morte, definido na máxima de Jesus “Meu reino não é desse mundo”. Com o Padre Cícero os desvalidos

sertanejos tinham a oportunidade de encontrar um pedacinho do céu na terra, suprindo suas necessidades básicas.

Outro fator importante no trabalho do apostolado do Padre Cícero que direciona a um protagonismo para a sustentabilidade ambiental, era a sua preocupação com a relação do ser humano com a natureza. Assim ele orientava a todos os sertanejos da região a lidar de forma sustentável com a Caatinga, suas orientações entraram para a história como os preceitos ecológicos do Padre Cícero.

Esses preceitos garantiam o convívio do sertanejo no sertão, isto era a convivência com o semiárido e a sustentabilidade disseminada, o que teríamos como exemplo o Caldeirão do Beato José Loureço, que foi a experiência agrícola que seguia esses preceitos ecológicos e que atualmente podemos comparar as suas características as de um agroecossistema sustentável.

Em 2010 o Greenpeace Organização Não Governamental que tem atuação internacional na luta contra os crimes ambientais, elegeu o Padre Cícero de “Padroeiro das florestas”, compreendendo seus preceitos como um pioneirismo na luta contra o desmatamento, (WALKER, 2006).

Os preceitos do Padre Cícero são orientações que hoje são amplamente conhecidas e citadas em diversos trabalhos acadêmicos, segundo Daniel Walker (2006) esses preceitos foram organizados pelo ecologista brasileiro Dr. Vasconcelos Sobrinho e que o Padre Cícero falava esses preceitos seja através de cartas e em sermões que pregavam na frente de sua casa aos milhares de romeiros que vinham em romaria para Juazeiro.

Abaixo temos os dez preceitos ecológicos e uma chamada para a necessidade de seguir as orientações, para evitar a desertificação do Nordeste.

1. Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau
2. Não toque fogo no roçado nem na Caatinga
3. Não cace mais e deixe os bichos viverem
4. Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.

5. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza.
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva
7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.
8. Plante cada dia pelo menos um pé de Algaroba, de Caju, de Sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, como a Maniçoba, a Favela e a Jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.
10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

Como alternativa para a convivência do sertanejo com o semiárido, esses ensinamentos ecológicos do Padre Cícero tiveram e ainda tem grande valor para a preservação ambiental, pois são ações sustentáveis que qualquer pessoa que habite no sertão pode fazer para contribuir com a natureza.

A atuação do Padre Cícero na Região do Cariri tem um significado relevante para a compreensão do desenvolvimento Regional, o que na atualidade compreendemos como iniciativas para a sustentabilidade, podemos encontrar na sua ação.

Outro personagem que protagoniza o desenvolvimento social é a Beata Joana Tertulina de Jesus, conhecida como Beata Mocinha, era governanta do Padre Cícero, e atualmente com novos estudos e pesquisas, sabemos que ela teve grande destaque no projeto desenvolvimentista de Juazeiro do Norte, o qual aqui destacamos que foi de sua iniciativa a construção do Orfanato Jesus Maria e José, de 1916 o que significou uma ação para o social, inspirada nas casas de caridade iniciadas por Padre Ibiapina, Walker (2006).

Segundo Daniel Walker (2006, p.07) a Beata Mocinha ocupava uma função que ia além de governanta da casa do Padre Cícero, e estava atenta as questões sociais para o desenvolvimento.

A Beata Mocinha era mais do que governanta ou tesoureira do Padre Cícero. Pelas transações comerciais que ela concretizou e pelo grande volume de recursos que movimentou, pode sem a menor dúvida ser qualificada também na categoria de empresaria. Com efeito, ela, de fato, foi empresária do ramo de energia elétrica no Cariri. No livro de Paulo Machado, a página 31, consta que no dia 1º de outubro de 1925 "foi lavrada a Escritura Publica de Contrato de Sociedade que fazem Doutor Audálio Costa e Dona Joana Tertulina de Jesus (Beata Mocinha) com o objetivo de exploração de uma Usina Elétrica para fornecimento de "luz e força" na cidade de Juazeiro". Ela também contribuiu na fundação do matadouro de Juazeiro, na fundação do Orfanato Jesus, Maria, José, foi tesoureira do Apostolado da Oração, afóra outras atividades (WALKER, 2006, p. 07)

O Beato José Lourenço que seguindo os conselhos do Padre Cícero, conseguiu fazer de uma área desertificada um lugar fértil para a agricultura, e pode reunir uma comunidade de base igualitária, que foi uma experiência que reuniu todos os elementos de uma comunidade sustentável, Barros (2008), e hoje podemos comparar as características da comunidade do Caldeirão com as características da agrofloresta e da permacultura.

Podemos refletir que embora estejam esses atores protagonizando ações para o desenvolvimento, estão todos inseridos dentro da lógica da economia do capital, certamente que mesmo dentro do sistema capitalista, sem abraçar a iniciativas radicais de revolução socialista ou comunista, estes homens e mulheres contribuíram, e podem nos fazer entender que é possível uma política para a sustentabilidade mesmo dentro da lógica capitalista. Assim como na atualidade o Microcrédito tem sido uma maneira de encontrar no próprio sistema capitalista alternativas para o desenvolvimento econômico e Social de um povo.

Esses são protagonistas de uma sustentabilidade social, cultural, econômica e ambiental no Cariri cearense. Padre Ibiapina, Padre Cícero, Beata Mocinha e Beato José Loureço não estavam sozinhos, eles destacam-se no protagonismo, mas na arena de atuação tínhamos toda uma organização de beatérios para a promoção do desenvolvimento. Foram muitas obras e ações de beatos e beatas que protagonizaram o desenvolvimento regional.

3.4 Caldeirão do Beato José Lourenço, uma comunidade de base sustentável

Em Caldeirão trabalhava
E boa assistência dava
A todos os operários,
Com a sua boa gente
Lutava pacificamente
Contra os latifundiários.

(Patativa do Assaré)

Na Região do Cariri cearense na primeira metade do século XX, surge uma comunidade de camponeses, beatos e proprietários de terras, que sob a liderança do Beato José Lourenço, todos conviviam em bases sustentáveis, desenvolveram um modo de vida pautado no trabalho e religiosidade, que garantia a solidariedade e partilha e uma agricultura agroecológica. A comunidade aglutinava pessoas que vinham de uma realidade de miséria e exploração e também outras pessoas abastadas que procuravam garantia de salvação para a alma, e assim conviviam em uma harmonia social, sem exploração, viviam em cooperativismo, Barros (2008).

A região do Cariri embora seja propícia para a agricultura, pois o clima favorece, já que a região fica situada no vale, nem sempre a água é abundante, muitas vezes essa região enfrenta longos períodos de estiagem. Os registros históricos mostram que antes do Beato José Lourenço iniciar o trabalho de agricultura no Caldeirão, o clima era de estiagem e a terra árida. Segundo Figueiredo (1934 apud RAMOS, 2011, p. 45) o processo da cultura agrícola prosperou mesmo em condições desérticas.

O certo, de qualquer modo, é que lá não havia a exploração, pois viviam todos em cooperativismo. Segundo José Alves de Figueiredo, o local ficou visivelmente produtivo. Dentro de pouco de tempo, José Loureço transformou o deserto em um sítio repleto de plantações. Seu trabalho fez surgir “alguns milhares de laranjeiras, mangueiras, jaqueiras, limeiras, coqueiros, limoeiros, bananeiras e cafeeiros, ao de uma bem cuidada cultura de algodão, cereais, e outras diferentes qualidades de plantas hortaliças”. Admirava também, a criação de carás, com “16 ou 18” qualidades (RAMOS, 2011, p. 45).

A transformação se deu através de manejos e conhecimentos dos agricultores que tradicionalmente lidavam com a terra e isso naturalmente são conhecimentos agroecológicos, poderemos deduzir que pela riqueza da diversidade os agricultores do Caldeirão praticavam a agroecologia.

Abordaremos os conceitos de Agroecologia e Permacultura como referências para compreender o processo de produção agrícola do Caldeirão e a convivência com o Semiárido.

Sobre a Agroecologia Caporal (2009, p. 09) discorre que "Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis". Dessa forma aponta que os atuais modelos de agricultura convencional tem colocado cada vez mais em estado crítico e de escassez os recursos naturais.

Os monocultivos, baseados nas práticas e tecnologias da chamada Revolução Verde, têm sido responsáveis por um conjunto de externalidades que levaram a uma crise sócio-ambiental sem precedentes na história da humanidade (CAPORAL. 2009, p. 11).

Portanto agroecologia ganha status de ciência para possibilitar alternativa de mudança. O que atualmente ganha cada vez mais destaque no debate sobre a agricultura, de uma transição de modelos tradicionais de agricultura para sistema agroecológicos.

O debate conceitual sobre Agroecologia, propondo que este novo enfoque científico passe a re-orientar processos produtivos e estratégias de desenvolvimento que sejam capazes de contribuir para minimizar os impactos ambientais gerados pela agricultura convencional e, ao mesmo tempo, sugerir estratégias que possam vir a ser adotadas para um desenvolvimento socialmente mais apropriado e que preserve a biodiversidade e a diversidade sócio-cultural (CAPORAL. 2009, p. 11).

O que nosso estudo busca compreender é que no Cariri atual, existem iniciativas que desenvolvem o trabalho de agricultura com base na Agroecologia, corroborando com essa possibilidade de tração, mas que no passado a Agroecologia acontecia no Caldeirão do Beato José Lourenço.

Souza (1994) afirma que o Caldeirão possuía uma produção rural diversificada na agricultura e pecuária, e essa característica se assemelha com a agroecologia.

Em pouco tempo o Caldeirão era fornecedor de mão de obra para toda a empresa agrícola das vizinhanças, além de fertilíssima propriedade com engenho de rapadura, extensa plantação de cana, grande produtora de gêneros alimentícios e algodão, além de diversificado criatório de gado vacum, caprino, ovino e suíno. Era rico manancial de fartura e que seus sobreviventes se referem como ao "mundo de Deus que o pecado de satanás fez desaparecer". (SOUZA, 1994, p.285).

A agricultura era a principal atividade econômica do Caldeirão, o princípio de entendimento que o ser humano é parte integrada a natureza, correspondia sobre as

práticas agrícolas que se enquadra num modelo agroecológico, quanto à diversidade de culturas, o manejo com a terra herdada dos saberes tradicionais de remanescentes indígenas e africanos que faziam parte da comunidade.

O outro conceito que buscamos aproximar da comunidade Caldeirão é permacultura, no sentido complexo das práticas que diz respeito com a relação inseparável do ser humano com a natureza.

A permacultura se caracteriza como um conjunto de conhecimentos que vem desde as antigas organizações de comunidades tradicionais somadas as ciências contemporâneas que diz respeito à relação dos seres humanos com a natureza, que propicia a sustentabilidade, Holmgren (2013).

Compreendendo o conceito de permacultura como modos de ser e viver que indica uma cultura permanente, pois reúne processos holísticos para um planejamento, que mantenha sociedades humanas formando um complexo sistema de vida coletiva, seja em formatos de vilas, ecovilas, aldeias e comunidades que tem por base a existência pautada na sustentabilidade ambiental, na justiça social e numa economia cooperativa.

A palavra permacultura foi cunhada por Bill Mollison e eu em meados dos anos 1970 para descrever um “sistema integrado, em evolução, de espécies animais e vegetais perenes ou autoperpetuadoras úteis ao homem”. Uma definição mais atual da permacultura, que reflete a expansão do foco implícito em *Permaculture One*, é “paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, • fibra e energia para prover as necessidades locais”. As pessoas, suas construções e os modos como elas se organizam são centrais para a permacultura. Assim, a concepção de permacultura como agricultura permanente (sustentável) evoluiu para uma de cultura permanente (sustentável), (HOLMGREN, 2013, p.33).

Dentro deste conceito de Permacultura localizamos no Caldeirão do Beato José Loureço uma comunidade que desenvolvia seu modo de viver, com base na permacultura.

O Caldeirão, sob a liderança do Beato José Lourenço, desenvolveu um modelo de sociedade igualitária, com princípios de trabalho, organização e oração; à experiência do caldeirão significou um modelo de sustentabilidade social, ambiental, econômica e cultural.

A convivência social no Caldeirão diferenciava do modelo capitalista de divisão de classes, pois juntava numa mesma comunidade pessoas muito pobres que vinhas de realidade de seca e fugidas de situação de exploração trabalhistas e também vinham pessoas abastadas que procuravam no Caldeirão resignação para os anúncios messiânicos dos beatos que andavam pelo Nordeste pregando o fim do mundo.

A professora Maria José de Sales (2001) no seu trabalho o “Auto do Caldeirão dos Cavalheiros da Santa Cruz do Deserto e do Beato José Lourenço” conta a história de Pedro José de Oliveira, um fazendeiro abastado do Rio Grande do Norte que ouvindo as pregações do fim do mundo e as promessas de salvação no Caldeirão; vendeu tudo o que tinha foi com a família para o Caldeirão.

Dentre os cavalheiros encontravam-se trabalhadores fugidos das “garras” dos “coronéis” como também homens abastados que, carentes na fé, encontravam uma esperança de salvação. Salvação Para o Corpo, salvação para a alma. O medo do fim do mundo sempre acompanhou o homem em todos os tempos, provocando mudanças radicais em alguns, como aconteceu com Pedro José (SALES, 2001, p. 06).

No caldeirão a organização social e econômica era pautada por uma racionalidade cooperativista e igualitária, o modelo de produção era o trabalho e dentro da uma lógica capitalista para o coletivo. Do que era produzido ficava disponível para a posse de todos segundo as suas necessidades quebrando a acumulação e o excedente era comercializado ou escambiado, mas sempre em benefício de todos, esses que de origem miserável ou abastada conviviam em ideais de fraternidade, trabalho e espiritualidade.

O que se apresentava era um novo caminho de convivência que divergia do modelo capitalista de exploração vigente, sendo o povo do Caldeirão educado a uma nova racionalidade que é a busca pelo desenvolvimento do coletivo e não do enriquecimento pessoal.

Nessas comunidades, as relações de produção se estabelecem de forma diametralmente oposta às vigentes na sociedade global. No caldeirão como em Canudos os beatos (José Lourenço e Antônio Conselheiro), enquanto produtores de ideologia, reeducam o povo para abandonar a ideologia do enriquecimento pessoal em troca do enriquecimento coletivo, o que eles vão conseguir através da colocação da mensagem cristã como mobilizadora e norteadora das formas de relação dos homens entre si e com a natureza. (BARRO, 2008, p. 159).

Percebemos que nessa lógica a comunidade caldeirão tinha uma práxis da sustentabilidade, principalmente no que se refere à relação do ser humano com outros seres humanos e a relação destes com a natureza.

O que buscamos na atualidade em vista da crise ambiental que atravessamos no planeta, corresponde à comunidade global suprir suas necessidades no presente de modo que não comprometa os recursos naturais e assim possibilite as comunidades do futuro à garantia de suas necessidades. Isso a comunidade do Caldeirão já vivenciava.

Na atualidade uma das questões de debate sobre o desenvolvimento Regional Sustentável é a convivência dos sertanejos com o semiárido, na história do Caldeirão percebemos que se trata de uma comunidade que conseguiu essa faceta, transformando a terra desértica em um complexo produtivo, com isso encontramos uma relação com a agrofloresta e a permacultura.

O Caldeirão, conhecido também como Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, ficava nas terras de herança do Pe. Cícero no município do Crato. Torna-se uma comunidade organizada pelo beato José Lourenço com o objetivo de conduzir grupo de trabalhadores rurais a conhecer e viver uma vida digna, abundante pautada pela oração e pelo trabalho. O verdadeiro “milagre do trabalho” nesta comunidade foi transformar o solo estéril numa terra produtiva. A área do Caldeirão era 900 hectares, localizada numa região semiárida do Cariri, formada por vegetação pequena típica do bioma caatinga, solo nu e pobre em nutrientes, topografia acidentada e com vários grotões. O nome Caldeirão deriva de formações rochosas na parte mais baixa da área, em forma de grandes reservatórios que acumulam água quando chove. A comunidade do Caldeirão nos inspira na discussão sobre a convivência com o semiárido, considerando que se trata de uma experiência em uma época de extrema miséria no campo, devido à impossibilidade que tinham os trabalhadores de acesso a terra perpetuando a super exploração, a miséria e a fome, entre os trabalhadores do campo. Mas, na comunidade do Caldeirão se estabelece numa verdadeira agrovila, com centenas de casas, dois açudes, engenho de rapadura, casa de farinha, armazém para estocar alimentos, oficinas de marcenaria, ferreiro, aviamento de couro, barro e cerâmica, grande variedade de frutas, cultivo de cereais, criação de bois, porcos, cabras, galinhas, animais de estimação domésticos, (cães e gatos) e selvagens domesticados (emas, mocós, papagaios). Todos eram criados com liberdade (VIDAL, 2014, p. 39).

Encontramos na história do Caldeirão, nas relações sociais, econômicas e religiosas, uma cultura bem diferenciada, estamos aproximando esse Caldeirão do passado, essa comunidade colaborativa que foi, do presente, este nosso presente de crise ambiental e desigualdades sociais. Buscamos a possibilidade de vislumbrar a agroecologia e a permacultura como práticas comuns no Caldeirão e que foram desenvolvidas no modo de ser e de se relacionar com a natureza.

Na agricultura que era desenvolvida no Caldeirão; a complexidade e diversidade do sistema de plantação e criação de animais, dá uma noção de como tudo se aproximam das técnicas, manejos e domínios da agroecologia.

Na perspectiva de Altieri (2004) a agroecologia integra um complexidade que vai além de uma visão reducionista atrelada a uma única dimensão e ganha complexidades que engloba outras dimensões que envolvem a relação do ser humano com a natureza.

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais (ALTIERI, 2004, p.23).

A forma como se organizava e conviviam os moradores do Caldeirão, sua agricultura, construída dentro de uma complexidade que englobava um olhar ecológico do respeito que os seres tinham com a terra, as relações cooperativistas e suas tradições culturais, indica um campo favorável de uma estrutura caracterizada por um sistema agroflorestal.

No modo de vida que levavam os moradores do Caldeirão a partilha colaborativa da produção e o empenho em todos construir uma cultura solidária; Habitando construções de pau-a-pique e taipa o que é ecologicamente sustentável; vivenciando uma espiritualidade e ligação com a terra e articulados numa governança comunitária, dão elementos de uma comunidade que desenvolveu a Permacultura.

A Permacultura é uma ferramenta que permite olhar a paisagem e descobrir os recursos que a natureza oferece para poder planejar e organizar seu uso coletivo. Ela permite visualizar as interações entre os distintos componentes da unidade produtiva rural e reconhecer a função específica de cada componente (HOLMGREN, 2013, p.06).

Na paisagem do semiárido, o Caldeirão que inicialmente estava em localidade desértica, através do trabalho do beato José Loureço e seus seguidores, logo transformaram em um lugar produtivo. A integração coletiva em lidar com a natureza e canalizar tudo em prol de todos é uma das razões intrínseca da semelhança que tinha o modo de produção do Caldeirão com a permacultura, Holmgren (2013).

O simbolismo do Caldeirão para o desenvolvimento regional sustentável na região do Cariri ganha uma dimensão pertinente quanto às alternativas na atualidade para atingir o paradigma da sustentabilidade. Na pesquisa sempre sobressai como uma comunidade diferente, que foi significativa em sua época porque rompeu com o modelo padrão capitalista de exploração empregado nos latifúndios controlados pelo poderio coronelista.

A questão do Caldeirão não aconteceu com diplomacia, porque interesses hegemônicos ditaram a forma de eliminação dos ideais socialistas. A destruição do caldeirão se deu no conflito do modelo capitalista latifundiário e explorador contra o modelo social igualitário de partilha comunitária. Em 1936 as sociedades latifundiárias cearenses, o clero e o governo do Ceará, representado pelo seu aparelho ideológico repressor, uniram-se e destruíram belicamente a comunidade Caldeirão.

O confronto entre as duas sociedades: global-desigualitária e exploradora; a dos beatos-igualitária ordenadora e harmonizadora, desencadeia a forte reação da sociedade dominante, receosa do processo de conscientização negador de seu modo de produção que significa a existência dessas sociedades. A consciência do papel desmascarador dessas comunidades, por parte da camada dominante, aparece explícita na ferocidade com que o grupo dirigente aciona contra os grupos rebeldes religiosos, todo o aparelho repressor do Estado, seus intelectuais e todo o material ideológico de que dispõe (BARRO, 2008, p. 162).

Quando paramos para refletir sobre o que significou o Caldeirão e tantas outras iniciativas que foram destruídas, chegamos a concluir que esse ideal solidário e cooperativo é real na complexidade de uma sociedade, não existe hegemonia, sempre está acontecendo um conflito entre uma realidade que se apresenta como hegemônica e outra que busca alternativas contrárias.

Na atualidade, a Igreja que no passado teve força determinante na destruição do Caldeirão, vem repensando a história e contribuindo com um movimento religioso em memória do Caldeirão, uma das iniciativas é o projeto ECOS do Caldeirão, que pensando na organização comunitária do campesinato para uma vivência de qualidade de vida, soma-se na militância de ações para o desenvolvimento sustentável das comunidades. Diversas instituições religiosas estão inseridas como cita Vidal (2014).

O plano de ação da Fundação Pe. Ibiapina, Cáritas e Pastorais Sociais da Diocese de Crato estão sintonizados com o projeto que se caracteriza por

atuar em temas ambientais e culturais, articulando iniciativas que contribuem para criar soluções e oferecer alternativas com potencial inovador e transformador, atuando na linha estratégica de capacitação e captação de recurso para projetos de pequeno porte, tendo como base a história do caldeirão do Beato José Lourenço e o fortalecimento de comunidades ecológicas (sistema eco vila). A intenção é trabalhar a ideia de comunidades ecológicas e sustentável como foi o Caldeirão do Beato Zé Lourenço (VIDAL, 2014, p. 51).

Nessa lógica, pensar o desenvolvimento regional sustentável da região do Cariri é considerar essas relações de conflito do passado e do presente. Perceber que na atualidade existem várias iniciativas na região que tem inspiração nos ideais sustentáveis que foram vivenciados no Caldeirão do beato José Lourenço.

Assim essas comunidades trazem a tona esse sentimento de vivencia coletiva e organização cooperada, que foi possível no passado e que pode ser viável no presente.

Atualmente a região do Cariri possui diversas iniciativas dentro das comunidade rurais que estão protagonizando uma iniciativa para um cultura mais sustentável e o Caldeirão é uma referencia no sentido dessas pessoas reencontrarem suas origens, histórias, sentimentos e identidade.

O Caldeirão foi uma comunidade que vivenciou práticas e modos de vida de base sustentável e que essa experiência ganha visibilidade para compreensão sobre o desenvolvimento regional sustentável na história do Cariri cearense. Teve práticas que se definem hoje como práticas de permacultura e agroecologia.

A região do Cariri tem historicamente esse legado que inspira compreender o conceito de desenvolvimento sustentável, presente nas ações de beatos e padres e vivencia da comunidade Caldeirão, onde a permacultura, a agroecologia, o cuidado com o outro e a natureza e princípios de espiritualidade e solidariedade caracterizam um protagonismo sustentável no Caldeirão.

Encontramos na história do Caldeirão uma relação de vivência sustentável, com uma agricultura agroecológica e a permacultura pautando o modo de ser e as relações sociais, com um modelo econômico onde o produto do trabalho era partilhado e pertencente a todos; e que nos dias de hoje reflete como utopia de um campesinato caririense.

4 SUSTENTABILIDADE EM COMUNIDADES RURAIS ALTERNATIVAS

“É preciso que cada um veja o outro para que possa se ver. O ser só o é em relação com o outro. Este é o cerne da ética do encontro que permite a descoberta do caminho sustentável”.

(Suely Salgueiro Chacon)

A Região Metropolitana do Cariri (RMC) cearense instituída oficialmente pelo Estado a partir de 2009 compreende nove municípios, com predominância de crescimento econômico, demográfico e urbanização a cada ano.

Pretendemos fazer uma análise reflexiva sobre o processo de regionalização e regionalidade caririense articulado com o conceito de redes e desenvolvimento regional sustentável, onde vamos localizar dentro da região do Cariri, comunidades rurais alternativas que protagonizam a sustentabilidade.

Sabemos por pesquisas mais recentes que essa região não integra a sustentabilidade dentro das ações de governança, nas políticas públicas. O que acarreta um conjunto de problemas relacionados à urbanização sem planejamento, globalização e suas consequências, conflitos territorial com interesses econômicos predominando, falta de diálogo com comum interesse regional e necessidade urgente de pensar o desenvolvimento sustentável para a região que cresce rapidamente.

Os problemas enfrentados no aglomerado da região metropolitana do Cariri são desafios para a gestão pública e a população, cuja pretensão seja vislumbrar a médio e longo prazo uma região mais sustentável.

Os núcleos urbanos constituintes da Região Metropolitana do Cariri aprenderam a conviver, rotineiramente, com diversos problemas estruturais de oposição aos princípios e diretrizes inerentes às Cidades Sustentáveis, tais como: núcleos urbanos dispersos; poluição hidrológica e atmosférica; aumento do déficit habitacional com a conseqüente ampliação das periferias urbanas e ocupação de áreas de proteção ambiental e/ou de riscos; desigualdades sócio-econômicas intra e intermunicipais; precariedade de serviços públicos essenciais, como saúde, educação e transporte coletivo; ausência de áreas verdes e de lazer; entre outros (NASCIMENTO, 2013, p.108).

Segundo Nascimento (2013) a região precisa elencar as forças políticas e sociais para traçar um plano de políticas públicas que efetivamente seja pautado na

lógica do desenvolvimento regional sustentável. O que implica uma análise crítica da atual situação da problemática e da atenção que os poderes públicos dão a sustentabilidade dentro dos seus planejamentos para as políticas públicas.

Um dos principais aspectos a serem sanados na Região Metropolitana do Cariri é a elaboração de uma política de planejamento contundente e que englobe a identificação e minimização das problemáticas locais em um viés participativo a fim de nortear a criação e elaboração de políticas públicas visando o atendimento das necessidades coletivas regionais. A partir dessa premissa se terá maior propensão à consolidação de uma rede de Cidades Sustentáveis na RMC. Porém, o caminho a ser trilhado será longo em virtude que a Região Metropolitana do Cariri não contempla, nem mesmo em sua lei de criação, a vertente da sustentabilidade (NASCIMENTO, 2013, p.133).

A sociedade, o mercado e o Estado precisam incorporar uma agenda para o desenvolvimento regional que garanta o desenvolvimento sustentável na região do Cariri, ou seja, na RMC.

Inicialmente propomos falar em localização no espaço e qualidade de vida, na atualidade é imprescindível para qualquer sociedade localizada em um território urbano ou rural ter as condições saudáveis para o seu desenvolvimento. Com a industrialização, urbanização e crescimento demográfico em diversas partes do planeta essas condições que poderiam garantir uma vida mais sustentável estão ameaçadas, com cada vez mais regiões enfrentando diversos problemas como escassez de recursos naturais, desigualdades sociais e concentração das riquezas geradas nas redes financeiras globais. A região metropolitana do Cariri cearense, principalmente Juazeiro do Norte, Barbalha, Crato e Caririáçu forma um território que se localiza dentro do semiárido nordestino, cercada pela chapada do Araripe, reserva florestal, o que garante para a região um clima e vegetação diferenciada além de fontes naturais de água, um dos motivos de povoamento acelerado.

Outro motivo que acelerou o crescimento demográfico foi os fatos históricos e religiosos envolvendo as figuras do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo que em 1989 uma hóstia foi dada pelo padre a beata e em comunhão está partícula transformou-se em sangue, onde atribuíram um milagre, o que gerou o surgimento de um catolicismo popular e um enorme fluxo de romarias e peregrinações que acontecem até hoje, como cidade mais urbanizada, em plena verticalização territorial, com maior comércio, e expansão de setores como educação e indústria, Juazeiro do Norte vai ganhando porte de metrópole e essa metropolização vai

acarretando um conjunto de problemas típicos e comum em outras metrópoles brasileiras.

Um processo natural e histórico de regionalização da Região do Cariri foi se configurando ao longo de sua formação, caracterizada por uma cultura fortemente atrelada as tradições populares, festas, movimentos de resistência, religiosidade popular, romarias, coronelismo e cangaço; com a instituição da metropolização, e com as políticas públicas esse forjamento de regionalização ganha novos sentidos e outros significados são amplamente percebidos em um discurso de modernidade, crescimento, desenvolvimento ou qualquer iniciativa que garante uma economia atuante e que se reverta em lucro para os financiadores de projetos desenvolvimentista do Cariri. O que acontece e a predominância do poder econômico querendo ditar os rumos de uma globalização local e enfrentando as resistências que se articulam nesse conflito de regionalização, como destacamos no diálogo de Haesbaert:

Um primeiro pressuposto é o de que “regionalizar” significa, de saída, assumir a natureza regional, hoje, ao mesmo tempo como condicionado e condicionante em relação aos chamados processos globalizadores – ou melhor, como seu constituinte indissociável – a ponto de, muitas vezes, regionalização e globalização se tornarem dinâmicas tão imbricadas e complementares que passam a ser, na prática, indiscerníveis, muitos apelando para neologismos como “glocalização” para entender a complexidade desses processos. Mas a globalização, como bem sabemos, está longe de ser um consenso, em primeiro lugar por não representar um processo uniforme e, neste sentido, não ser propriamente “global”. Muitos pesquisadores preferem mesmo utilizar o termo sempre no plural, “globalizações” distinguindo aí suas múltiplas dimensões, a enorme desigualdade com que é produzida/difundida e seus diferentes sujeitos – tanto no sentido daqueles que prioritariamente a promovem e a desencadeiam, quanto daqueles que a ela basicamente encontram-se subordinados (HAESBAERT, 2010, p. 04).

Essa regionalização que acontece como processo constante de articulações e rearticulações dos sujeitos localizados dentro do espaço territorial e que aqui diferenciamos do processo de globalização, ou seja, processos que são globalizações que existentemente busca uma uniformização e homogeneização da região Metropolitana do Cariri, deixando suas consequências.

São muitos os projetos globalizantes e globalizações constantes para a região Metropolitana do Cariri, as políticas públicas carentes de maior participação popular são em sua maioria voltadas para um progresso globalizador, que não respeita a identidade da região, a regionalidade construída socialmente. Muitas obras públicas

ou concessões para a iniciativa de mercado são justificadas apenas como obras necessárias a demanda de crescimento da região. Surge uma verticalização urbana emergente, e horizontalmente o crescimento vai se expandindo, nessa dinâmica encontramos obras que pretendem a homogeneização da Região Metropolitana do Cariri, como conjuntos habitacionais, centros comerciais e prédios públicos todos padronizados, são muitas as iniciativas que não respeitam a regionalidade, que não estão dentro de uma racionalidade sustentável, apenas contempla a economia de mercado. O que preocupa e saber é que a maioria das regiões metropolitanas brasileiras segue o mesmo processo de globalização, sendo reforçado pelo mercado e uma necessidade criada pela mídia, pesquisadores como Sennett (1999) e Bauman (1999), chama a atenção para essas cidades que cresceram nessa lógica globalizante:

E ele mesmo pinta um quadro assustador do estrago causado às “vidas de pessoas reais em nome da realização de algum plano abstrato de desenvolvimento ou renovação”. Sempre que foi empreendida a execução de tais planos, as tentativas de “homogeneizar” o espaço urbano, de torná-lo “lógico” “funcional” ou “legível” redundaram na desintegração das redes protetoras tecidas pelos laços humanos, na experiência (BAUMAN, 1999, p.42).

Pensar como está se constituindo a regionalidade do Cariri e logo o sujeito caririense pode revelar o conjunto de elementos dessa identidade regional, coisas que a globalização vai omitindo na sua dinâmica homogeneizadora, esses elementos de identidade muitos deles não são nem reconhecidos pelo sujeito caririense ou vai sendo esquecido no tempo e no espaço.

A região metropolitana do Cariri, com sua identidade cultural compõem-se de redes que são importantes para sua regionalidade, lugar que simbolicamente é marcado pelo sagrado, a memória viva dos antigos índios Cariris ao catolicismo popular de Padre Ibiapina, Padre Cícero, Beata Maria de Araújo, Beato José Lourenço, as romarias e devoções populares, santidades não oficiais e diversas manifestações religiosas. As tradições em festas populares, mestres da tradição oral, produção artística dos artesãos, literatura de cordel entre outros elementos do imaginário, um patrimônio material e imaterial que são significativos nesse processo de regionalização, e que a globalização tenta desarticular em busca de uma homogeneização, quanto a isso Bauman alerta:

Numa localidade homogênea é extremamente difícil adquirir as qualidades de caráter e habilidades necessárias para lidar com a diferença humana e situações de incerteza; e na ausência dessas habilidades e qualidades é fácil temer o outro, simplesmente por ser outro – talvez bizarro e diferente, mas primeiro e sobretudo não familiar, não imediatamente compreensível, não inteiramente sondado, imprevisível (BAUMAN, 1999, p. 43).

A Região Metropolitana do Cariri com toda sua diversidade tem enfrentado um grande desafio nessa urbanização globalizante, tem resistido, e a vida urbana só pode ganhar significado sustentável se não for um projeto uniforme e homogêneo. A identidade de uma região se caracteriza nas relações dos sujeitos da região com a sua cultura, ou seja, envolve identificação, como ressalta Haesbaert:

A “identidade de uma região” se refere “às características de natureza, cultura e dos habitantes que distinguem ou, de fato, podem ser usadas nos discursos da ciência, da política, do ativismo cultural ou da economia para distinguir a região frente as demais”, através de classificações que excluem determinados elementos e incluem outros, expressando assim “o poder de delimitar, nomear e simbolizar o espaço e grupos de pessoas” (PAASI, 2002b: 140). Por outro lado, a “identidade” ou “consciência” regional – ou, se quisermos, também, num certo sentido, regionalidade – envolve a identificação dos habitantes com sua região, tanto dentro quanto fora dela. Participam na sua construção ativistas sociais, instituições e organizações (HAESBAERT, 2010, p. 19).

Dentro dessa regionalização enquanto processo em construção e dessa regionalidade enquanto identidade e identificação dos sujeitos caririenses com seu lugar, está surgindo cada vez mais um debate sobre desenvolvimento regional e sustentabilidade, sendo ampliado o conceito de desenvolvimento sustentável, redes e territórios, no que diz respeito a um conjunto de atores que protagonizam dentro da Região Metropolitana do Cariri e ideia de pensar uma sociedade sustentável, cada sujeito que desenvolve uma relação dentro do espaço territorial contribuindo com ações individuais ou coletivas sustentáveis está diretamente contribuindo com esse projeto de ampliar e fortalecer uma sociedade caririense culturalmente sustentável, essa ação identificamos como protagonismo sustentável e cada protagonista sustentável é um sujeito com regionalidade consciente.

Precisamos de mais ativismo sustentável que protagonize um debate ainda maior com a população da Região Metropolitana do Cariri, pois o momento é oportuno para as discussões sobre essa regionalização que se realiza e é mais presente na urbanização, modificação do espaço, aglomerados comerciais e industriais, ocupações indevidas e insustentáveis, aumento no consumo e produção de lixo, aterro sanitário e mobilidade urbana entre uma complexidade de demandas

com esse crescimento emergente, certamente tudo vai sendo modificado rapidamente e como consequência podemos perder traços da identidade e da memória local, o patrimônio histórico cultural, os locais de memória religiosa, o patrimônio ambiental entre outros símbolos da nossa regionalidade. Basta comparar a Região Metropolitana do Cariri com outras regiões metropolitanas que já tiveram o seu processo de crescimento e incharam causando grande prejuízo à memória do lugar. A Região Metropolitana de Fortaleza com a industrialização e verticalização urbana foi prejudicada em muito a qualidade de vida dos habitantes, sem contar nas perdas de identidades culturais e patrimônios históricos que deram lugar ao progresso, dentro de uma globalização imposta e uma regionalização insustentável e sem planejamento, com políticas públicas sem governança e imediatas ações de governo que tem como finalidade última realizar os projetos de campanha política sem a participação democrática.

Queremos também pensar a região do Cariri localizando-a dentro do conceito de redes, que tem sua significação dentro do contexto de comunicação e interação social, principalmente dentro da globalização; a rede Cariri ganha um conceito que exemplifica essa dinâmica de articulação e rearticulação constante da regionalização do Cariri, ou da rede cariri. Segundo Enne (2004) rede é:

Uma rede seria, portanto, uma construção social de relações de grandezas distintas, mas que possibilitariam o contato entre diversos elementos que iriam gerar sua composição (por exemplo, parentesco, vizinhança, laços políticos, dentre outros). Esse conceito de rede poderia ser aplicado para diversos estudos sociais, sendo útil (ENNE, 2004, 265).

As diversas redes que formam a região do Cariri com os sujeitos interagindo vão socialmente configurando uma regionalização e com todos os conflitos dessas articulações deve prevalecer o entendimento de que é necessário pensar o desenvolvimento regional com sustentabilidade, não é interessante uma globalização e nem possível uma globalização total e sendo assim a resistência deve ser mais consciente, não é interessante somente o progresso econômico como única finalidade para crescer, pelo contrário, precisamos de desenvolvimento e que seja articulado com toda a rede Cariri, com pleno senso crítico de reinventar uma nova regionalização com sustentabilidade para consolidarmos uma regionalidade sustentável.

Não podemos deixar de reafirmar que na região do Cariri muitos elementos simbólicos da cultura local, das tradições, dos lugares de memória e da história não são contemplados dentro da lógica do crescimento urbano acelerado e sem planejamento, sem políticas públicas que contemple uma governança participativa o que temos é cada vez mais interferência nessa identidade cultural da rede Cariri.

A região do Cariri, articulada nesse conceito de rede, tem sido um território de contrastes entre essa globalização incitada pelo crescimento econômico e urbanização padrão, a regionalidade caririense inventa e reinventa constantemente dentro do processo de regionalização que acirra um conflito entre a identidade local e os ideais globalizantes e o olhar para o futuro, compreendendo uma postura sobre sustentabilidade, onde a atuação política dos sujeitos sustentáveis busca protagonizar essa necessidade de uma região planejada com sustentabilidade.

Vamos encontrar nesse Cariri, comunidades que vivenciam concretamente essa alternativa para a sustentabilidade, passando a agir de forma que diferencia da lógica de consumo e mercado imposto como padrão, nem sempre alcançando a radicalização de romper com tudo, mas sendo o mais sustentável possível no cotidiano.

Comunidades como Aldeia da Luz em Barbalha, Agrofloresta do Sr. Zé Arthur em Nova Olinda e Casa do Alto em Caririaçu, todas na região do Cariri, representa a iniciativa de um protagonismo para o Desenvolvimento Regional Sustentável na região, que reúne pessoas que buscam a colaboração em uma produção agrícola saudável, em um consumo consciente e disseminando a ideia da Permacultura e Agrofloresta, contribuindo para uma consciência ecológica.

Esse processo que Manzini (2008) compreende que faz parte de uma transição rumo à sustentabilidade, e que significa dentro da lógica social uma alternativa que diferencia da maioria que compõe o padrão insustentável da atualidade, faz com que ganhe grande sentido, é uma força que mobiliza caminhos possíveis do futuro, porque são “descontinuidades locais” que sinalizam um potencial para o rompimento dos padrões estabelecidos.

A transição rumo à sustentabilidade, especificamente a modos de vida sustentáveis, será um processo de aprendizagem social largamente difuso no qual as mais diversificadas formas de criatividade, conhecimento e capacidade organizacionais deverão ser valorizadas do modo mais aberto e

flexível possível. Um papel particular será desempenhado por uma série de iniciativas locais que, por diversos motivos, serão cada vez mais capazes de romper os padrões consolidados e nos guiar rumo a novos comportamentos e modos de pensar. São por esse motivo denominadas de descontinuidades locais (MANZINI, 2008, p. 61).

Percebemos nessa nossa pesquisa que essas comunidades, Aldeia da Luz e Casa do Alto que desenvolvem a permacultura e a agrofloresta de Sr. Zé Arthur, compõem minorias dentro desta grande região do Cariri, e que sendo descontinuidades afirmativas causam o conflito natural frente ao confronto com os pensamentos e comportamentos dominantes. São taxados de loucos, exóticos, alternativos. Embora estejam essas comunidades cada vez fortalecidas, sempre vivem na crítica da opinião que não vigarão, mas em um olhar mais atento, já vigaram, pois estão cumprindo sua função dessa transição, efetivamente já protagonizam a sustentabilidade e corroboram para superar um paradigma.

Esses casos promissores expressam principalmente a atividade de minorias sociais e, quando confrontados com os modos de pensar e comportamentos dominantes, tendem a desaparecer. São, mesmo assim, iniciativas cruciais para promover e orientar o processo de transição rumo à sustentabilidade. Podem ser vistos como experimentos sociais de futuros possíveis: laboratórios multifocalizados e difusos, onde diferentes movimentos rumo à sustentabilidade são ensaiados. Como ocorre em qualquer laboratório, ninguém pode dizer a priori, qual experimento terá realmente sucesso. Não obstante, é possível aprender algo por meio de cada uma dessas tentativas, se formos capazes de reconhecer seu valor (MANZINI, 2008, p. 61).

É o que vemos dentro dessas comunidades, assim como um laboratório, acontecem diversas experiências que ganham resultados surpreendentes, as bioconstruções que começam a conquistar mais pessoas que visitam os espaços da Aldeia da Luz e Casa do Alto, as diversas formações que acontecem na agrofloresta quando Sr. Zé Arthur expõe a necessidade de fazer uma agricultura livre de agrotóxicos; os projetos e oficinas, as palestras que vão sensibilizando para uma nova consciência ecológica, são realmente “experimentos sociais de futuros possíveis”.

4.1 Fanka: Aldeia da Luz

"A permacultura também reflete a contínua evolução dos nossos sistemas de conhecimento, atualmente desafiados por pós-modernistas e pós-estruturalistas, feministas e ecofeministas, ecologistas sociais, ecologistas profundos e ecopsicólogos, além daqueles interessados em holismo, senso de lugar, sustentabilidade, comunalismo, espiritualidade e sistemas primitivos de conhecimento".

(Stuart B. Hill)

Aldeia da Luz, está localizada no município de Barbalha, na zona rural, Sítio Mata, na região do Cariri, no Estado do Ceará. É uma das primeiras comunidades na zona rural a iniciar trabalhos de produção com base na técnica da Permacultura. A responsável pela comunidade Aldeia da Luz é a Professora da Universidade Federal do Cariri, Francisca Pereira dos Santos, mais conhecida como Fanka. Dentro da Aldeia da Luz todas as ações cotidianas são pensadas de maneira sustentável e o menos consumista possível e a maneira de viver e conviver da comunidade é sempre de forma equilibrada e em sintonia com a natureza.

A Aldeia da Luz comunidade que desenvolve um trabalho de produção com base na Permacultura, que caracteriza-se por uma alternativa de protagonismo da sustentabilidade, porque engloba responsabilidade ecológica, com ações sustentáveis, combate ao consumismo supérfluo e em sintonia com a ancestralidade sagrada.

Uma comunidade alternativa no Cariri cearense com protagonismo social feminino, que através da permacultura, espiritualidade e empoderamento tem assumido posturas e práticas sustentáveis.

A iniciativa de desenvolver a Permacultura como alternativa de vida, levou à professora Fanka a ampliar de uma casa construída em "super adobe", técnica de bioconstrução da permacultura, para uma comunidade, envolvendo a família, amigos, pesquisadores que periodicamente passam temporadas na Aldeia da Luz,

com a finalidade de fortalecer a Permacultura através de cursos, e assim disseminar e criar multiplicadores.

Eu acho que meu ponto de conexão para entrar na permacultura foi com George Belisário, um amigo, que me falou da permacultura, isso em 2007, 2008 mais ou menos. Na oportunidade eu não tive condições de fazer o curso, mas foi um impacto muito grande para mim, eu fiquei apaixonadíssima e em 2009 quando eu tive realmente condições, eu parti junto com o próprio George Belisário para um curso em Pirenópolis no instituto de Permacultura do Cerrado em Goiás, e fizemos o PDC (Permacultura, Desenho e Consultoria) juntos, logo em seguida que cheguei eu resolvi construir a minha casa em super adobe que é uma técnica de sacos empilhados com areia e construí a princípio o que seria minha casa, mas isso foi crescendo e tomando volume a ideia da minha casa para se transformar em uma aldeia em uma comunidade de uma casa virou duas, virou três virou quatro casas e todas em bioconstrução e foi crescendo a ideia da permacultura para que a gente pudesse fazer dentro dessa comunidade trabalhar hortas, trabalhar captação de água da chuva, captação da água das pias e outras questões que foram surgindo do debate da permacultura que vai inserir na questão da alimentação pra gente mudar a alimentação, a gente hoje tem uma alimentação vegetariana caminhando para o veganismo já com passos bem alargados, então isso reflete na nossa cozinha nas nossas contas o que a gente está comendo, então foi um processo que começou em 2007 e que culminou em 2009 com a construção física da Aldeia da Luz (FANKA, entrevista, 2015).

Os sujeitos residentes na Aldeia da Luz compreende uma família que integra um compromisso em desenvolver a Permacultura, assim se configurou essa rede social, Enne (2004), integrando e associando outros sujeitos da região do Cariri para o desenvolvimento das linhas e diretrizes que compreende essa vivência em comunidade, com trocas, afetos e espiritualidade. Fanka (2015) define os sujeitos da Aldeia da Luz.

Eu, Rejane, minha irmã Adriana e a minha tia que mora aqui junto, sendo que minha tia a gente não conta muito, que ela está na "vibe" dela é uma senhora que está no processo dela, a gente não tem nenhuma implicação com ela, deixa ela no canto na "vibe" dela e tal, mas seríamos a base seria nós três atualmente, três mulheres decididas a trabalhar com permacultura, arte, saúde e espiritualidade; que são as quatro linhas que a gente trabalha aqui, que a gente trabalha com Reike na área da saúde, na área da espiritualidade, trabalhamos com cristais lemurianos que é uma iniciação que nós tivemos para trabalhar os chacras para o equilíbrio físico, porque a permacultura não é só você construir prédios sustentáveis, bioconstruções, mas você se perceber dentro dessa paisagem como uma paisagem também que modifica inclusive essa realidade, mas a gente tem que cuidar também da gente do nosso corpo (FANKA, entrevista, 2015).

A Aldeia da Luz compreende um laboratório para pesquisa, práticas da permacultura e encontros de pessoas que buscam compreender esse paradigma da sustentabilidade; a espiritualidade está muito presente, "o sentido original de "espírito" em muitas tradições filosóficas e religiosas antigas, não só no Ocidente

como também no Oriente, é o de sopro da vida” (CAPRA, 2002, p. 73). Durante nossa pesquisa de campo, presenciamos a participação de universitários, pesquisadores e artistas em visitas. Residências com propósitos em somar com os projetos desenvolvidos, o que significou que a Aldeia da Luz funciona também como um centro de formação para a Permacultura e sensibilização das questões emergente da sustentabilidade no Cariri.

A Permacultura vai além de bioconstruções e canaliza uma ideia do sujeito se perceber na sua realidade e buscar as mudanças que serão significativas para si e para a comunidade, uma ideia que pressupõe se colocar como sujeito saudável superando hábitos insustentáveis do consumismo moderno e se fortalecendo na espiritualidade. A maioria das pessoas do mundo estão inseridas em um processo globalizado, alienadas em seu imediatismo consumista que é determinado por uma industrialização viciada na obsolescência programada. Cada vez mais assistimos a construção de uma globalização alicerçada no ideal de um crescimento econômico insustentável para o planeta. Globalização imaginada e que tem como base a ânsia dos produtores por mercados amplos.

Mas a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais, isto é, por governos e empresas dos países dependentes, por produtores de cinema, da televisão, artistas e intelectuais, que desejam inserir seus produtos em mercados mais amplos. As políticas globalizadoras obtêm consenso, em parte, porque excitam a imaginação de milhões de pessoas ao prometer que o dois e dois que sempre somou quatro pode resultar em cinco ou até seis (CANCLINE, 2003, p.28).

Esse fenômeno da globalização e da sociedade consumista coloca cada vez mais em desafio a ideia dessa população mundial conseguir desenvolver uma cultura da sustentabilidade.

As diferenças são tão profundas e multiformes que justificam plenamente falar da nossa sociedade como sendo de um tipo distinto e separado – uma sociedade de consumo. O consumidor em uma sociedade de consumo é uma criatura acentuadamente diferente dos consumidores de quaisquer outras sociedades até aqui. Se os nossos ancestrais filósofos, poetas e pregadores morais refletiram se o homem trabalha para viver ou viver para trabalhar, o dilema sobre o qual mais se cogita em dia é se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir. Isto é, se ainda somos capazes e sentimos a necessidade de distinguir aquele que vive daquele que consome (BAUMAN, 1999, p.88).

Uma das questões que na Aldeia da Luz é vivenciada é o consumo, como máxima é definida a ideia de ser o menos consumista possível e criar uma postura

de consumo consciente. Diante disso Fanka destaca que a atual sociedade ainda é a sociedade que vive a industrialização.

É fato que a gente vive ainda a industrialização, a revolução industrial foi uma coisa desastrosa para o planeta, culmina com tudo que a gente vive hoje, nós não vemos sustentabilidade, nós tivemos todos esses eventos nacionais e internacionais que já tem os dados, que fala do limite do planeta, a última a Rio+20, dados já tem suficientes, você pode acessar pelo Google como é que está a situação, o que eu vejo é que nós ainda estamos nesse paradigma, é claro que já começou a discussão para eliminar esse paradigma e começar outro, e esses pequenos núcleos que nós chamamos pontos de luz, eles são fundamentais porque eles estão focados como nós; Aldeia da Luz, A Casa do Alto com o George Belisário, o pessoal do Chico Gomes com Leandro que está fazendo um trabalho com hortas mandalas já trabalhando com a comunidade, e ali você vai ter vários focos, pequenos focos, o que nós costumamos dizer que a Permacultura é a grande revolução silenciosa (FANKA, entrevista, 2015).

Então a Aldeia da Luz a Casa do Alto e a Agrofloresta, essas comunidades que focalizamos na nossa pesquisa, associadas a outras iniciativas compõem o mapa na região do Cariri que sinaliza um protagonismo para alcançarmos o paradigma da sustentabilidade. O sentido do bem-estar tradicional insustentável e consumista está mudando, (MANZINI, 2008). Como é destacado, está acontecendo uma revolução silenciosa que agrega um conjunto de iniciativas em todo o planeta com experiência em Permacultura.

No tocante à economia, as ações de quem desenvolvem a Permacultura acaba influenciando na redução do consumo, na redução da industrialização e redução do Produto Interno Bruto, o que conseqüentemente provoca o decrescimento, caminho favorável para a preservação dos recursos naturais e são extraídos pela indústria para transformar em matéria prima para o consumismo exacerbado da sociedade do consumo.

Você começa a viver do seu próprio sítio do seu próprio espaço, o que vai desembocar naquela discussão que a gente estava fazendo sobre o decrescimento, justamente porque a gente não vai mais entrar na discussão do PIB, porque a gente vai comer da nossa própria horta, isso não entra, você vai fazer customização das suas próprias roupas para comprar o mínimo de roupa, você vai diminuir o consumo (FANKA, entrevista, 2015).

A sociedade moderna é a sociedade do consumo, Bauman (1999) e dentro desse protagonismo para a sustentabilidade corrobora com a ideia crítica que é a distinção entre o que é viver e viver para consumir, Bauman (1999).

Serge Latouche (2009) é um economista francês que tem divulgado a teoria do decrescimento, para ele, o decrescimento pode ser uma alternativa para o

planeta, pois na atual crise econômica, social e ambiental, precisamos não só decrescer como passar por transformações culturais que supere esse modelo econômico vigente, esse ideal de aumentar o produto interno bruto, para Latouche:

Já não há mais margens de manobra. A torta, isto é, o produto interno bruto, não pode mais crescer. Mais ainda (e nós o sabemos muito bem há longo tempo, embora nos recusemos a admiti-lo), a economia não deve crescer. A única possibilidade para escapar ao pauperismo, tanto no Norte como no Sul, é a de retornar aos elementos fundamentais do socialismo, mas sem esquecer, desta vez, a natureza: repartir o bolo de maneira equitativa. Ele era trinta a cinquenta vezes menor em 1848 e, no entanto Marx, mas também John Stuart Mill, já pensavam que o problema não era o volume da torta, mas sua injusta repartição! (LATOUCHE. IHU, entrevista, 2009).

Decrescimento para a região do Cariri significa melhor qualidade de vida, no momento estamos acelerando esse ritmo, estamos crescendo assustadoramente com a entrada de grandes supermercados e novas indústrias, o que antes seria motivo para comemorar, hoje é motivo de preocupação, pois foge do ideal de uma vida mais saudável como Lautoche afirma:

Uma lógica de crescimento e um projeto de decrescimento são incompatíveis, mas o projeto de decrescimento visa fazer crescer a alegria de viver, restaurando a qualidade de vida (um ar mais sadio, água potável, menos estresse, mais lazer, relações sociais mais ricas etc.) (LATOUCHE. IHU, entrevista, 2009).

Notadamente percebemos na imersão desta pesquisa a qualidade de vida que os sujeitos da Aldeia da Luz desfrutam, quanto à moradia, alimentação e bem estar nas relações sociais.

A questão da disseminação do conhecimento sobre sustentabilidade é um desafio, pois a educação que deveria ser um dos processos naturais para formar o sujeito crítico frente a essa realidade insustentável que estamos vivendo, essa sistematização educacional ainda é precária e precisa urgentemente de iniciativas que favoreça uma educação para a sustentabilidade.

Na verdade a gente ainda está imerso nesse processo, porque as escolas não mudaram a forma de ensinar e a educação ela é muito importante nesse processo de transformação, hoje nós temos uma educação geral até a universidade totalmente dentro do paradigma da industrialização, dentro do paradigma do mercado, a universidade, a palavra central dela é mercado, então assim, a educação ainda precisa passar por transformações incríveis, o que Edgar Morim chama de uma reforma do pensamento e que tem que começar pela educação (FANKA, entrevista, 2015).

A educação pode acelerar esse processo de tomada de consciência do sujeito, uma educação para a sustentabilidade, que encontre a crítica necessária a

esse atual modelo educativo que insiste ainda em pleno século XXI apostar em dicotomias e reduzir as complexidades humana.

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra (MORIM, 2000, p. 61).

O processo educacional seria indispensável para despertar a conscientização, promovendo um despertar para uma cidadania ecológica, favorecendo ações concretas do sujeito frente à realidade de desafios que enfrentamos quanto à crise ambiental, econômica e social.

As escolas, a educação, os movimentos culturais, os projetos que vem na área da cultura tem que está focado na discussão do paradigma que a gente chama do paradigma cartesiano da separação que acha que a natureza é acolá e a gente está aqui, começar a mudar isso através da educação, através dos projetos culturais, e cada vez mais interditar seja projetos, seja movimentos que venha no sentido da manutenção desse status quo, porque quando você se descobre ai é preciso que a pessoa tenha a consciência, não basta só à informação, muita gente sabe da informação de que tomar Coca-Cola faz mal à saúde, de que comer essas carnes de hamburguês faz mal a saúde, isso é uma informação, a pessoa tem, mas continua comendo; o salto de sair da informação para a consciência, olha eu tenho a informação e, portanto eu não consumo mais isso, eu não faço mais isso, eu não pratico mais isso, essa consciência tem que vir através de um movimento que eu acredito que a educação é fundamental para isso. Então quando você se descobre dentro da sua identidade, que você descobre que você esta numa região, num território, que tem uma tradição profundamente indígena, claro que ela não está nas escolas, dito isso nas escolas, está excluído do processo, nós não nos reconhecemos como índios, como caboclos, como pretos, nós não nos reconhecemos porque toda a escola, todo sistema escolar com sua chamada grade e tudo mais e todo seu currículo é para excluí isso, mas a gente no processo de reconexão de religação, conversando com os mais velhos com os nossos avós a gente começa a trazer essa consciência, essa identidade, é preciso ter clareza da identidade que nós estamos dentro de um território que foi tombado como um ambiente ecológico, que é a Chapada Nacional do Araripe, e não é só o povo da Batateira que é povo da floresta porque está lá mais forte porque aqui também era só que foi devastado, a ideia de desenvolvimento econômico, o sistema vem e tira toda nossa Agrofloresta que nós tínhamos aqui no lugar no território que hoje é cidade, a cidade foi chegando de maneira desorganizada no sentido de não planejamento e a floresta foi sendo destruída e a identidade foi sendo perdida, então é preciso ter essa consciência, é preciso pensar nessa identidade e disseminar ela na educação, nos projetos culturais, nas atividades diversas para que a juventude as crianças comecem a se perceber como curumins que vai defender a natureza porque ele também é natureza, é preciso essa compreensão que não está infelizmente na nossa discussão de educação (FANKA, entrevista, 2015)

Começa a entrar em debate a questão da educação ambiental, a ecopedagogia e toda forma de educação para a sustentabilidade, o mais importante é que qualquer que seja a nomenclatura está se configurando a necessidade e entendimento de pensar uma educação que tenha um sentido aprofundado sobre as questões emergentes para o desenvolvimento que traga conhecimento para a transformação.

A ecopedagogia não se opõe à educação ambiental. Ao contrário, para a ecopedagogia a educação ambiental é um pressuposto básico. A ecopedagogia incorpora-a e oferece-lhe estratégias, propostas e meios para a sua realização concreta. Foi justamente durante a realização do Fórum Global 92, no qual se discutiu muito a educação ambiental, que se percebeu a importância de uma pedagogia do desenvolvimento sustentável ou de uma ecopedagogia. Hoje, porém, a ecopedagogia tornou-se um movimento e uma perspectiva da educação maior do que uma pedagogia do desenvolvimento sustentável. Ela está mais para a educação sustentável, para uma ecoeducação, que é mais ampla do que a educação ambiental. A educação sustentável não se preocupa apenas com uma relação saudável com o meio ambiente, mas com o sentido mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana (GADOTTI, 2009, p. 67).

Encontramos na Aldeia da Luz um espaço de debate e formação, pois constantemente acontecem encontros para discutir questões próprias da Permacultura, projetos são desenvolvidos dentro e fora da aldeia aproximando a comunidade e a universidade a conhecer e compartilhar das experiências da Permacultura. A Aldeia da Luz está inserida nesta ideia de promover a “ecoalfabetização” nos processos e encontro que se dão entre os sujeitos.

A gente só retira a gente não agradece, você está na hora do almoço comendo um prato com arroz e feijão, mas aquele processo para chegar a sua mesa quem plantou, quem colheu, quem fez o transporte para chegar na sua mesa e alguém fez para você comer, tanta gente envolvida naquele prato, mas a gente não percebe, a gente está desconectado, então a educação ela, de qualquer maneira ela fez muito mal a gente, mas ela também pode fazer muito bem dependendo da forma como você vai, porque tem propostas alternativas, está aí Paulo Freire, está aí Edgar Morin, está a “ecoalfabetização” do Fritjof Capra, está tantas possibilidades de educação que vem para reconstruir uma nova ideia identitária ligada à ecologia (FANKA, entrevista, 2015).

O processo de Consciência das comunidades alternativas que protagonizam ações para a sustentabilidade, através da educação, como processo revolucionário e libertador, do oprimido ser humano e do oprimido planeta terra, Freire (2001), que é explorado de forma insustentável, essa pedagogia da terra se liga a um passado onde as ações do Padre Ibiapina, Padre Cícero, Beato José Lourenço e Beata Mocinha canalizavam ações que respeitavam a ecologia e até afirmações mais

politizadas quanto a iniciativas para a preservação ambiental e o desenvolvimento social.

O Ralph Della Cava fala isso no livro dele, que o Padre Cicero fez um movimento muito forte contra o Henry Ford que queria levar um pedaço da Amazônia, então já naquele tempo o Padre Cicero estava num protagonismo ecológico onde ninguém nem pensava em sustentabilidade, o cara já estava fazendo política nesse sentido, porque, porque ele convivia com os índios, naquele tempo não tinha cidade, ele andava a pé, ele via toda a agrofloresta, ele sentia, ele dizia, ele pensava, nossa isso um dia do jeito que as coisas anda vão se acabar, é preciso cuidar disso, então ele conversava com os caboclos, com os índios, ele sistematizou um pensamento que chama de “preceitos ecológicos” “os mandamentos da ecologia” a gente tem que beber no Padre Cicero sim (FANKA, entrevista, 2015).

De fato, Ralph Della Cava (1976) cita o pesquisador Morel (1946), que faz referência à oposição do Padre Cícero as concessões dadas a Henry Ford na Amazônia, o que mostra uma ação que protagoniza a ideia de preservação do meio ambiente, um olhar para a sustentabilidade, combativo a noção destrutiva em nome do progresso industrial e principalmente de um ideal nacionalista de defesa do patrimônio ambiental.

Um escritor, em consonância com o fervor nacionalista do final da década de 1920 e principio da de 1930, chegou mesmo a enaltecer o Patriarca como um eminente nacionalista brasileiro: a oposição do Padre Cícero à “entrega” pelo governo de vastas porções das florestas de seringueiras da Amazônia a Henry Ford , em 1928, contrastava com a mentalidade entreguista das autoridades federais (DELLA CAVA, 1976, p.267).

Reencontrando essa história do Cariri, sem dúvida o título de “padroeiro das florestas” que o Padre Cícero recebeu da ONG Greenpeace faz jus a sua trajetória de militância pelo meio ambiente, ele foi um protagonista que encontrou em meio ao semiárido nordestino outros atores que contribuíram para a preservação das nossas reservas florestais, os beatos e beatas contemporâneos do Padre Cícero trazem essa característica ideológica da consciência ambiental.

A exemplo das comunidades alternativas que atualmente protagonizam a sustentabilidade através da permacultura e agrofloresta vamos encontrar em um passado não muito distante do Cariri uma relação que indica uma retomada do pensamento coletivo dos beatos que desenvolveram ações sustentáveis. O caldeirão do Beato José Lourenço foi uma comunidade que trabalhou com base sustentável, tendo a Permacultura como base, já que as técnicas de moradia, agricultura e gestão social garantem essa leitura. Segundo Fanka (2015) o beato José Lourenço desenvolveu Permacultura no Caldeirão.

O Beato José Loureço fez Permacultura o tempo inteiro, lá no Caldeirão tinha quatrocentas casas, todas de taipa que era a tecnologia social bioconstrução do contexto, tinha agrofloresta, tudo era numa gestão social altamente evoluída e foi por isso claro que eles destruíram porque havia um núcleo de desenvolvimento de abundancia, eles tinham três palavras de ordem: oração, trabalho e abundancia, então quem tem essas três coisas, não passa fome nunca, porque você está conectado, você trabalha e o trabalho é uma coisa maravilhosa porque dignifica a gente e você vive em abundancia o que você quer mais da vida. Esta aí o beato José Lourenço para a gente pensar em Permacultura a Permacultura dos beatos do Cariri (FANKA, entrevista, 2015).

O Caldeirão transformou terras áridas em férteis campos cultiváveis e solucionou a fome do sertanejo, (BARROS, 2008). Dentro da Aldeia da Luz encontramos as práticas sustentáveis que são desenvolvidas e que são importantes para consolidar esse diferencial alternativo de um protagonismo para o desenvolvimento sustentável na Região Metropolitana do Cariri.

Inicialmente a gente está trabalhando com bioconstrução, que foi a primeira prática para usar o mínimo de cimento, o mínimo dessa estrutura da alvenaria convencional que é muito pesada, esse foi o primeiro momento, agora a gente está num momento onde a gente vai trabalhar captação da água da chuva porque a gente só trabalhou só captação das águas da pia para direcionamento das plantas, hortas, tem as hortas comestíveis daqui que a gente já come daqui, fizemos o nosso pomar e a gente come já mais de quinze frutas daqui de dentro, o território é pequeno, mas a gente já come as frutas daqui de dentro a gente trabalha nessa parte, alimentação vegana que é um passo forte que a gente deu aqui, que tem haver, a questão da gente eleger a nossa política em comunidade de maneira democrática também tem haver com a permacultura porque a permacultura tem a parte da governança da cidadania dessa parte mais política digamos assim que é da estrutura da gestão, a questão dos animais é muito forte na aldeia, nós temos vários animais onde a gente está agora à gente está querendo, entrando num processo de introduzir o vegetarianismo para os animais cachorros, gatos que está um pouco difícil ainda mais a gente está fazendo a experiência. Na outra área de permacultura a gente trabalha com Reike, com cristais lemurianos, com constelação familiar, os trabalhos também com a pessoa para o equilíbrio dos chacras, então a gente cuida da terra, a visão é a terra tem que ser cuidada, o solo, as pessoas, os animais, o ar, a comunidade é esse conjunto de coisas, porque a ideia de comunidade é sempre as pessoas, mas as pessoas é um elemento da comunidade então a gente está pensando a comunidade com os animais, a terra que é o solo, o cuidado com a terra, o ar o cuidado com o que a gente está tocando fogo o quer que é isso, o cuidado os animais, ou seja, outros elementos para ampliar essa ideia de comunidade (FANKA, entrevista, 2015).

As ações sustentáveis, não ficam restritas apenas a localidade da Aldeia da Luz, são levadas para a comunidade acadêmica e sociedade em geral, como forma de propagar o conhecimento da Permacultura, possibilitando a sensibilização e formação de novos multiplicadores.

A gente tem um projeto de extensão chamado Teia de extensão, ensino e pesquisa na área de permacultura e formação da permacultura onde a gente está desenvolvendo o projeto “mudas que falam” que também é um projeto em parceria com a Aldeia da Luz que é um projeto daqui também que é

mudas que falam que é o nosso viveiro que a gente trabalha com distribuição de mudas para repercutir na cidade, a gente trabalha com o projeto “charrete literária” que é um projeto de mediação de literatura para criança, mas a gente trabalha com o cordel e com as mudas que falam, as crianças recebem o livro e recebem as plantas, tudo isso são trabalhos externos com a comunidade. Esse projeto de extensão que a gente tem, nós criamos um movimento coletivo chamado “Brenhas” que são vários jovens que estão fazendo intervenção na mata, então vai para o Riacho de Meio, aí coleta todo o lixo, faz meditação, os alimentos que comem só frutas, sucos nada de industrializado no processo não deixam sujo, vão para limpar a mata (FANKA, entrevista, 2015).

A Aldeia da Luz simboliza essa tomada de consciência para o desenvolvimento sustentável que estamos vivenciando na atualidade. Como enfatiza Fanka é um ponto de luz entre essa realidade de insustentabilidade que essa sociedade do consumo se transformou.

A Permacultura que é praticada dentro da Aldeia da Luz favorece essa rede de ações sustentáveis: valorização do feminino, integração com a espiritualidade, combate ao consumismo supérfluo, bioconstruções, ecopedagogia, consciência ecológica, e tantas outras ações afirmativas, que definimos como um protagonismo para o Desenvolvimento Regional Sustentável.

Foto 4 – Entrada da Aldeia da Luz.



Fonte: Acervo do Autor (2015).

Foto 5 – Fanka divulgando o projeto Mudanças que falam.



Fonte: Acervo do Autor (2015).

A comunidade Aldeia da Luz simboliza na região do Cariri a sustentabilidade em processo, de fato as ações desenvolvidas são de uma nova racionalidade, que envolve um novo comportamento frente aos desafios do século XXI. Enquanto muitos empunham a bandeira do desenvolvimento sustentável apenas de forma superficial, os sujeitos da Aldeia da Luz vivenciam alternativas para uma efetiva cultura sustentável.

4.2 Sr. Zé Arthur: Agrofloresta

"Para pensar e agir em nome da agroecologia não como a institucionalização da marginalização da agricultura alternativa ou ecológica, tampouco apenas como "ecologização" da agricultura moderna ou convencional, e sim como uma forma de agricultura apreendida enquanto uma verdadeira alternativa técnico-científica global, como uma renovação do social e do sistema técnico-produtivo, podendo constituir-se em fonte de importantes mudanças culturais".

(Jalcione Almeida)

No Sítio Tabuleiro, zona rural do município de Nova Olinda, Cariri Cearense, onde o Sr. José Raimundo de Matos, mais conhecido como Zé Arthur e Dona Sebastiana Gomes, mais conhecida como Dona Bastinha, sua esposa, resolveram implantar uma Agrofloresta. Como agricultores trabalham na produção de diversos produtos da forma mais sustentável possível. Além da agrofloresta, existe o turismo de base comunitária com uma pousada para hospedagem de pesquisadores e turistas interessados em conhecer a experiência da agrofloresta. A agrofloresta corresponde a um trabalho que tem mais de 20 anos, uma produção agrícola saudável, que não utiliza agrotóxico, não degrada o solo e durante esse tempo as mudanças são significativas, pois no início a propriedade de terras do Sr. Zé Arthur era árida e hoje está bem arborizada e com uma boa produção de alimentos, tudo por conta do processo de manejo e atividades próprias do sistema agroflorestal.

Inicialmente essa agrofloresta nasceu com um trabalho de incentivo de um suíço que teve a oportunidade de visitar o Ceará e implantar experiências de Agrofloresta, esse suíço é o senhor Ernest Gotsch e que juntamente com a Associação Cristã de Base (ACB), fizeram com que a experiência da agrofloresta de Sr. Zé Arthur desse certo. Bem no início mesmo, as dificuldades das mudanças na maneira de produzir de forma mais sustentável fez com que o Sr. Zé Arthur enfrentasse muitos desafios, inclusive o de ser tachado de louco em acreditar que era possível essa transição da agricultura convencional para a Agrofloresta; e só posteriormente quando começaram a aparecer os primeiros resultados é que a

agrofloresta passou a ser uma experiência exemplo e que hoje simboliza a concretização desse processo transitório.

Na época em 1995, o projeto que iniciou essa alternativa na zona rural de Nova Olinda, tinha o intuito de promover mudanças em um conjunto de propriedades, e foram 18 que iniciaram, mas somente a do Sr. Zé Arthur permaneceu, pois as dificuldades do início e a demora de comprovar os resultados fez com que os outros agricultores desistissem.

O sistema agroflorestal do Sr. Zé Arthur atualmente apresenta uma solução sustentável como referência para toda a Região Metropolitana do Cariri; produzindo uma significativa quantidade cada vez mais de frutas, legumes e verduras sempre de forma orgânica, e criação de animais, sem prejudicar o solo com queimadas ou desmatamento, sem agrotóxicos. Destacamos essa iniciativa do Sr. Zé Arthur como um protagonismo para o Desenvolvimento Regional Sustentável, Sr. Zé Arthur destaca o início desse processo em 1995.

Ai começou com um grupo que veio da Alemanha e esse grupo chegou para a gente fazer esse trabalho sem a queima, há vinte anos, a gente, uns não acreditavam, eu também não acreditava, porque dava a sustentabilidade sem a queima, porque quando a gente queima uma roça cata tudo para poder plantar, tira toda a vegetação, tira o que fica o que o fogo não queima, tem que fazer a coivara e queimar, a onde a terra fica crua ela não dá o legume, aí foi aonde eles não acreditavam, muitos grupos não acreditou, mas aí com a palavra do Alemão, um produtor disse: Rapaz porque onde a terra fica crua não dá legume e porque é que essa terra toda crua vai dá o milho, o feijão? Ele disse é porque a terra fica descoberta, a prática que nunca tinha feito; a gente trabalha em terra coberta. Então nós subimos para a caatinga e lá nós fizemos o manejo com o grupo e nós vimos que funcionava, porque no primeiro ano apanhamos muito feijão, uma terra muito pedregosa, ninguém nunca tinha visto milho nesta terra, aí ele trazia as plantas e nós começamos a plantar, agora nós vamos plantar milho; o produtor falou, eu nasci e me criei e nunca vi uma espiga de milho nesta terra, então ele disse, pois vou fazer essa terra dá milho, eu mesmo fui e quebrei as espigas de milho (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

A alternativa de produção através do manejo diferenciado, trabalhando com a terra coberta, seja por folhas e galhos, fez com que o Sr. Zé Arthur comprovasse que era possível uma agricultura mais sustentável, e que a substituição do hábito de queimar trouxe mais produtividade, são alternativas dentro do contexto social do pequeno agricultor e para a agricultura familiar, (CAPORAL, 2009) e que foi exitosa a experiência, quando comparada a terras vizinhas que utilizava à queimada.

A gente teve uma roça com uma trilha no meio para cá queimada e a minha sem queimar, essa do vizinho não prestou para nada, e essa minha ninguém

entrava dentro com tanto milho e fava e feijão (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

A mudança é algo muito difícil e causa descrédito quando os resultados dessa mudança demoram a aparecer, a demora de a natureza reagir, foi assim depois de vinte anos é que seu Zé Arthur pode está com sua Agrofloresta funcionando e produzindo, foi um processo que reuniu outras dezoito propriedades que se todos resistissem tendo a paciência e acreditando como o Sr. Zé Arthur, talvez hoje tivéssemos uma boa área com Agrofloresta em Nova Olinda. O que significa uma mudança de consciência e a certeza de está fazendo uma agricultura saudável e preservando a natureza. A agroecologia enquanto processo envolve atitude política frente à racionalidade social e ambiental, com foco integral e holístico, (ALTIERI, 2004).

Rapaz é o seguinte, aqui nós começamos com dezoito, esse grupo de alemães veio com dezoito famílias, mas aí essa aqui ela ficou mais pioneira, porque eles têm área sustentáveis todas elas nós fomos lá e formaram e fizeram, mas aí não acreditaram e nos fim das terras quem tem suas terras ainda queima, ainda tem as queimadas e eu acreditei e também de lá para cá não queimei mais e nem passei agrotóxico eu nunca usei, não passei agrotóxico e aí é que nem diz só tem o que crescer (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

Na agroecologia a lógica é de longo prazo e não de curto como na agricultura convencional, (ALTIERI, 2004), demorou em aparecer os resultados, mas gente pode comprovar uma realidade diferenciada quando visita, passeia pela propriedade, a agrofloresta do Sr. Zé Arthur, a diversidade de frutas, hortas, criatórios de animais e plantações de legumes e tudo funcionando com uma lógica agroecológica, cada manejo ao seu tempo, cada safra dentro de uma programação que interagem, onde tudo favorece o todo, onde percebemos a natureza integrada favorecendo a produção.

Você planta o milho e o feijão e isso você tira é muito, que é isso que se planta no nosso solo é o milho e o feijão, nessa área agroecologia você pode fazer os manejos e plantar o milho e o feijão que dá muito bom, e negócio é mais é frutas porque aí você vai fazer suas filas de frutas e vai trabalhar com as coisas rápidas que é o milho e o feijão, e quando é com três quatro anos você tem as fruteiras, é uma fruteiras consociadas porque aí você vai plantar diversas plantas, diversas frutas e forma sua área sustentável para não faltar dentro de sua propriedade (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

A experiência da agrofloresta favoreceu ao turismo rural, o fato de existir essa propriedade na zona rural de Nova Olinda, como resultado de um processo que em vinte anos apresenta cada vez mais a consolidação de uma realidade, favoreceu ao

turismo, pois pesquisadores, adeptos da agricultura orgânica, universidades e associações busca conhecer a experiência e isso sem dúvida integra uma cadeia que envolve a agrofloresta e o turismo. Dentro da lógica dessas comunidades criativas, surge à socialização de ativos e outras redes para estimular as capacidades e assim fomentar a economia, (MANZINI, 2008).

O turismo rural aqui é diretamente, é tanto que agora já botaram até uma sinalização aí nas estradas, umas placas, porque estava vindo muito ônibus e se perdia nas estradas, por causa de umas curvas que tem aqui né, então eles sinalizaram lá de Nova Olinda a chegar aqui. Aqui tem um turismo de todos os estados, de todos os estados vem gente aqui e quando parte para outros países, vem muita gente de outros países, tem a pousada aqui, eles dormem e ficam fazendo o intercambio deles até chegar em Santana do Cariri, que é só um trem, agora nós tivemos numa reunião na Casa Grande que é onde mais a força turismo que chega lá, jogaram um ponto turismo aqui, só tem dois pontos a Casa Grande e aqui o Zé Arthur (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

Podemos perceber que essa realidade do semiárido onde cada vez mais as adversidades climáticas, com estiagem e falta de água para o sertanejo faz com que o homem do campo enfrente muitas dificuldades, e a falta de políticas públicas faz com que o sertanejo se desestabilize e deixe o seu lugar e vá à busca de melhores condições nas cidades. Essa realidade é apresentada por Chacon (2007) em seu trabalho o “Sertanejo e o caminho das águas” onde enfatiza que no estado do Ceará a exclusão e as carências poderiam ser amenizadas com políticas públicas adequadas, mas infelizmente o que se constatou no seu estudo foram políticas públicas inadequadas e consequências negativas para o sertanejo.

Em todo o Estado, mas especificamente no Sertão, as pessoas e o próprio ambiente natural foram excluídos pelo sistema econômico e social vigente, porem sofrem as consequências negativas da intervenção de políticas públicas inadequadas à realidade local. Essas políticas tem desmobilizado o modo de vida do sertão, em prol de uma “modernidade” capenga e ineficiente, que não consegue conter os fluxos migratórios, muito menos melhorar efetivamente a qualidade de vida do sertanejo, e insiste em soluções paliativas que só aumentam a vulnerabilidade do sertanejo (CHACON, 2007, p. 275).

Na contramão desse processo existe o caso da agrofloresta do Sr. Zé Arthur, que mostra essa experiência de convivência com o semiárido, o que é possível por conta dessa forma de sistema agroflorestal. Outro fator importante é sobre a continuidade desse processo, onde os jovens netos do Sr. Zé Arthur começam a trilhar o caminho da produção agroecológica, e com políticas públicas elaboradas com alteridade é possível uma permanência do sertanejo no campo e um fortalecimento de sua identidade.

Eu tenho uns meninos e estão tudo envolvido nisso aí, estão vendo que é o ramo do produtor. Esse projeto jovem quando vieram fazer eu não enquadrava porque eu não tinha mais jovem dentro de casa, mas aí botei os netos, dentro da reunião, perguntei se os netos podia, fizeram o cadastro, aí eles passaram, os netos estão muito envolvidos nesse projeto paz, que é um projeto que mexe com o solo, porque lera mexe com solo, mas nós já estamos com as mudas para continuar a plantar as fileiras de plantas. Jovens não tem terra, mas aí os pais deram a terra para eles fazerem. O projeto eles manda a irrigação, manda a caixa, manda a irrigação e manda também um quintal para a gente criar galinhas, dali você faz no modelo daquela beira praia quem nem aqueles carrossel da beira praia e no aceiro daquele carrossel você vai rodar toda de leira de hortaliças e para adiante você vai fazer os comedores das galinhas, vai fazer o corredor e adiante vai cercar onde as galinhas vão ficar (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

A motivação para fazer diferente, protagonizar a sustentabilidade nasce de uma consciência, um processo educativo para a terra que fez com que surgisse nova mente e novo coração, (BOFF, 2012) foi necessário esse processo agroflorestal para que o Sr. Zé Arthur acreditasse que era possível e tivesse a paciência de esperar os resultados, foi fazendo uma análise reflexiva da maneira de produção da agricultura convencional e os prejuízos em anos de atividades como agricultor para compreender que era necessária a transição.

Porque eu Trabalhei muito, nesse sentido escarvando meu solo, dezoito hectares de terra que a gente tem, a família é muito grande, a gente brocava quinze tarefa, dez, quinze tarefa todos os anos, ligeirinho eu acabei as terras e fui trabalhar em terras dos outros. Aonde nesse trabalho, a gente hoje trabalha aqui, cultiva dois hectares de terra, não existe seca, não tem seca para isso aqui, porque todo dia tempo de seca, nós tivemos dois anos seco aqui, mas aí para mim não houve seca, não houve seca porque as frutas, quando está só no milho e feijão que você está começando que a terra era muito acabada, está começando, pode ser que tenha as secas, por que aí você não tem outra coisa para você recuperar, porque ai você está plantando, mas depois que você formar isso aqui que nem está aí para baixo esse trecho não tem mais seca para isso aí, a gente convive com a seca muito bem (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

Essas políticas, das associações, Organizações Não Governamentais e projetos de universidades estaduais e federais têm contribuído muito para superar dificuldades do sertanejo e sua convivência com o semiárido. Hoje mais que nunca acreditamos que os caminhos devem conduzir a uma sustentabilidade do semiárido, com políticas que assegurem a convivência das famílias sertanejas no sertão, com possibilidade de produzir e garantir sua existência com dignidade e qualidade de vida.

Dentro as organizações da região metropolitana do Cariri que tem destacado no apoio com projetos e políticas para a agrofloresta do Sr. Zé Arthur, ele destaca que sempre participa dos pequenos projetos destas instituições.

Os pequenos projetos têm a Associação Cristã de Base (ACB) que é instituição daí do Crato, da Rua dos Cariris, e ela dá muita assistência, não só a Zé Arthur, mas aqui na nossa região no município de Nova Olinda. Temos outro aí agora que é a Flor do Pequi também que está trazendo o projeto das cisternas de produção e referente a projeto tem o Banco do Nordeste, o Projeto São José, Fetraece, Cáritas, Semasp, IBAMA e assim são muitas parcerias (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

A agrofloresta do Sr. Zé Arthur é uma experiência exitosa no tocante ao processo de transição de um sistema de agricultura tradicional para um sistema agroecológico, isso acontece dentro de um processo consciente na arena social e ecológica da região, um processo ético político carregado de significados para protagonizar um devir sustentável.

A transição caracteriza-se como o processo de passagem no qual este sistema se realiza internamente, mas também interage com o ambiente geral sendo algo eco-socialmente construído e em continuo devir, apresentando uma interface política (MACIEL, 2014, p. 145).

Esse processo poderia ser potencializado por políticas públicas bem construídas e focadas nessas experiências, o que acontece é que nem sempre existem programas estatais preparados para essa alternativa da sustentabilidade agroecológica, o desenvolvimento sustentável que muitas vezes é incorporado em ações e programas governamentais não condiz com o desenvolvimento e sustentabilidade do sertanejo.

As políticas públicas não conseguem reverter o processo agudo de exclusão social e promover um processo sustentável de desenvolvimento para o Sertão. A resposta está na base de formulação dessas políticas. Elas partem do pressuposto de que o Sertão é um espaço inviável economicamente e que o principal conflito nesse espaço é relativo ao acesso à água, imputando os aspectos ambientais o não-desenvolvimento da região. Ignoram a história, os valores e a cultura do Sertão e ainda tem contribuído para agravar o verdadeiro conflito que norteia os sertanejos: a perda de identidade, que os desmobiliza, paralisa-os e expulsa-os de seu lugar (CHACON, 2007, p. 282).

Recentemente mesmo com as políticas para a transposição do Rio São Francisco e a construção do Projeto Cinturão das águas, a possibilidade de vislumbrar as famílias sertanejas usufruindo destas águas é uma questão delicada, pois a especulação imobiliária por grandes proprietários do agronegócio tem contribuído para a evasão das famílias, com a água chegando logo surgem ofertas de compra de terras irrecusáveis e como o sertanejo está culturalmente desmobilizado e com a identidade enfraquecida, vende suas terras, enfraquecendo a agricultura familiar sustentável.

O sistema agroflorestal do Sr. Zé Arthur atualmente funcionando com uma produção de alimentos para o consumo e comercialização possibilitou a certeza de um sistema sustentável para a família sertaneja, com isso veio à estima e o fortalecimento de valores que fazem do Sr. Zé Arthur um sujeito conectado a suas raízes e tradições, fez da família uma comunidade colaborativa e integrada com a natureza.

Como bem define Zaoual (2006) sobre sua teoria dos “sítios” como espaço culturalmente construído, carregado de significantes e significados atrelados à vivência do “homo situs” que corresponde a uma fortaleza cultural que corresponde a uma construção sólida, e que não foi desestabilizado pelo processo mercantilista, pelo contrário resistiu e é capaz de enfrentar as globalizações mercantilizadas.

Cada sítio possui, portanto, seus ícones atrás dos quais dissimulam-se suas crenças fundamentais e seus mitos fundadores, que dão sentido a suas regras de vida social. Tais crenças se manifestam em objetos, instituições, costumes, patrimônios, animais etc. e condicionam à dinâmica e a reprodução do sítio. Materializados ou não, esses valores são inalienáveis e não negociáveis dentro dos critérios do mundo mercantil, e condicionam este último (ZAOUAL, 2006, p. 36).

Compreendemos que o processo de transformação que passou a transição do sistema de agricultura tradicional para o sistema agroflorestal fortaleceu ainda mais a identidade da família do Sr. Zé Arthur, favorecendo garantias reais de uma existência no campo com uma produção significativa que corresponde a essa convivência com o semiárido.

E que neste cenário de percepções sobre o ambiente, a sustentabilidade e a racionalidade crítica sobre a crise ambiental, social e econômica, a Agrofloresta de Sr. Zé Arthur sinaliza possibilidades e exemplo para fortalecer iniciativas e políticas que busque o fortalecimento de uma agricultura saudável e sustentável.

O próprio Sr. Zé Arthur localizado dentro desse protagonismo pelo Desenvolvimento Sustentável vai disseminando o conhecimento e saberes de sua experiência, nas diversas participações em eventos científicos em que fala da Agrofloresta, nas explicações que faz a centenas de estudantes, visitantes e turistas que vão até Nova Olinda conhecer a Agrofloresta e principalmente na ideia de inserir seus filhos e netos, empoderando-os para que esse protagonismo continue.

Com isso a agrofloresta de Sr. Zé Arthur está concretizada nesse conjunto de valores e princípios, que foi se definindo na ética do Desenvolvimento Sustentável, uma racionalidade que busca somar esforços para construir esse paradigma, tudo ganha sentido em relação a esse projeto de promover uma agricultura sustentável e com alimentos saudáveis em uma arena social de grandes contrastes nos sistemas de agronegócios com seus agrotóxicos que domina o mercado.

Vamos localizar na Agrofloresta essa ética para a sustentabilidade, o que vai formando um território de troca de saberes e sendo construído um êthos, com seus protagonistas que atuam para efetivação desse projeto.

A metáfora da ética como morada do homem sugere precisamente que, com base no êthos, o mundo se torna habitável. Essa morada se constrói a partir dos costumes, das normas, dos valores e das ações humanas. Vale a pena lembrar que, nesse sentido, o espaço do êthos como espaço humano não é dado ao homem, mas construído por ele. O êthos significaria a invenção das comunidades históricas, de um espaço de fixação e de controle de um mundo físico. Se o espaço humano é construído exatamente a partir das ações humanas, ações que são permeadas de valores, hábitos e costumes, isso significa que a ética é um elemento fundamental na construção desse espaço, o que, logicamente, remete a problemática relativa ao relacionamento do homem com a natureza e com o ambiente (ALENCASTRO, 2015, p. 38).

Quando perguntamos ao Sr. Zé Arthur sobre sua a condição e sentimento de quem está protagonizando a sustentabilidade na Região Metropolitana do Cariri, o mesmo se diz satisfeito e vislumbra a continuidade pela família.

Eu me sinto muito bem, porque aí eu já estou com uma certa idade, mas ai a gente tem dezessete netos, tem oito filhos e espero que eles continue para o futuro, porque não é brincadeira, você hoje tem essas alimentações das escolas que levam agrotóxicos, levam aquela frutas com agrotóxicos que vem de outras localidade e aquilo ali ofende muito o ser humano, por isso é que a gente briga aqui, assim as vezes com um vizinho, pede, não é briga, mas pede para não jogar um agrotóxico, pede por causa das aguas, se botar agrotóxico nas plantas vai levar as plantas contaminadas para a escola (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

Existe uma consciência do sujeito ético, preocupado com o meio ambiente a natureza e as pessoas, atentos aos sinais do complexo mundo do agronegócio, mercados e governos que se articulam e impõe essa realidade insustentável com as crises ambiental, social e econômica.

O que a gente pode dizer é continuar e esses estudiosos, os pesquisadores, mais pesquisar e acabar, e ver se diminui, acabar não acaba porque as empresas hoje, as empresas é mais dos governos e os governos leva muito dinheiro dessas empresas, mas aí diminui essa tal de agrotóxico que é quem está acabando, com tanta doença que tem (ZÉ ARTHUR, entrevista, 2015).

Resta à academia fazer o papel de refletir sobre a realidade da agricultura e produzir o conhecimento necessário para informar e conscientizar a sociedades dos riscos e promover uma forma pró-sustentabilidade, iniciativas que protagonizem o desenvolvimento sustentável como a Agrofloresta do Sr. Zé Arthur.

Foto 6 – Entrada da Agrofloresta



Fonte: Acervo do Autor (2015).

Foto 7 – Sr. Zé Arthur e Dona Bastinha.



Fonte: Associação Cristã de Base (2014).

A experiência agroflorestral do Sr. Zé Arthur significa uma alternativa para a agricultura familiar sustentável na região do Cariri. Pode ser um referencial para novas políticas públicas que realmente estejam comprometidas com o desenvolvimento e a qualidade dos alimentos para o povo. Diante de um mercado quase que dominado pelo agronegócio e seus agrotóxicos, a agroflorestra do Sr. Zé Arthur é uma resistência que protagoniza o desenvolvimento sustentável no Cariri.

4.3 George Belisário: Casa do Alto

"A permacultura nasceu de um estudo sobre as culturas humanas que conseguiram permanecer por longo tempo sem destruir seu meio em diversos lugares e períodos da História da Humanidade. E se percebeu que a harmonia com a natureza depende de uma visão filosófica na qual o convívio entre as pessoas e com a natureza é o maior valor".

(Enrique Ortega)

A comunidade Casa do Alto localizada na zona rural do município de Caririaçu, na região do Cariri, se destaca como um espaço social coletivo que desenvolve a permacultura, especificamente na experiência com bioconstrução e agricultura, um trabalho com consciência ambiental, espiritualidade, estilo de vida com harmonia e reponsabilidade ecológica. O senhor George Belisário é um dos responsáveis por esta experiência e fala como iniciou esse processo.

Tudo começou a uns doze, treze anos atrás, a gente estava para ir de Juazeiro para cá, Caririaçu e eu já estava começando a pesquisar sobre formas de sustentabilidade, comecei a estudar sobre comunidades, e nesses meus estudos sobre comunidades, busca por, que na época tinha muito de autosustentável, no período em que se falava em comunidades autossustentáveis, que foi um conceito que acabou, desembarcou hoje no que a gente chama das ecovilas e que no primeiro momento ruiu, faliu, porque esse auto hoje em dia você suprimiu ele não existe autosustentabilidade, você não consegue ficar só isolado e sim você trabalha hoje a sustentabilidade. E nesses meus estudos acabei descobrindo que existiam algumas comunidades aí espalhadas pelo Brasil que desenvolviam essas práticas, o primeiro contato foi com a Permacultura, porque a bioconstrução ela é como se fosse uma das materializações da Permacultura, faz parte de um dos princípios da Permacultura, você vai trabalhar várias questões e a bioconstrução está dentro desse conceito (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

A ideia de conviver em comunidade compartilhando de uma experiência harmônica com a natureza é um processo que cada vez mais surge em diversos lugares do planeta; essa sociedade atual emite diversos sinais, como grupo de pessoas que estão por voluntarismo criando novos modos de vida sustentáveis, Manzini (2012), está se consolidando essa nova racionalidade para uma existência com mais qualidade de vida e que tenha como base princípios de respeito, solidariedade e equilíbrio com a natureza e com as outras pessoas.

Os moradores daqui, A Casa do Alto na verdade é, o que é a Casa do Alto, a Casa do Alto é uma experiência, uma prática nossa, elementos que se escolheram e resolveram fazer, tentar uma prática de vida comunitária, em que a gente pudesse está aí tentando trazer exatamente esse conceito de equilíbrio e de harmonia, com o ambiente em si, então agente procura ter práticas aqui que sejam voltadas para esse equilíbrio para a manutenção disso, então quem pratica a bioconstrução aqui, os moradores e também algumas pessoas aqui ao redor da comunidade que nós acabamos também envolvendo no processo, tanto no processo para auxiliar, como forma de curiosidade as pessoas acabavam ficando curiosas para vê as tal das casas de saco (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

Na atualidade as sociedades desenvolveram um condicionamento existencial totalmente atrelado ao processo econômico existente, o modelo capitalista econômico que predomina a maioria das relações sociais no mundo, causa muitos problemas, desgaste dos recursos naturais, exclusão e desigualdades sociais, consumismo e competitividade extrema. O capital continua ditando os padrões de comportamento e gerando suas consequências.

Não há evidência de que a participação do trabalho na renda nacional tenha aumentado de modo substancial ao longo dos anos. O que se sabe é que o capital (não humano) é quase tão indispensável no século XXI quanto foi nos séculos XVIII e XIX — e que é possível que se torne ainda mais indispensável no futuro. Podemos também afirmar que, tal qual acontecia no passado, à desigualdade da riqueza ocorre, sobretudo, dentro de cada faixa etária, e veremos que a riqueza herdada é quase tão decisiva para o padrão de vida de uma família no século XXI quanto era na época em que Balzac escreveu O pai Goriot. No longo prazo, a força que de fato impulsiona o aumento da igualdade é a difusão do conhecimento e a disseminação da educação de qualidade (PIKETTI, 2013, p. 31).

São males do capitalismo globalizado e que muitas pessoas conseguem ascensão financeira seguindo as mesmas regras do capital, claro que para isso o conhecimento e a educação são indispensáveis, mas existem pessoas que tentam superar e liberta-se desse condicionamento sistemático, com isso a experiência da Casa do Alto vislumbra a possibilidade de vivência diferenciada e comprometida com outra racionalidade, com cumplicidade colaborativa em construção de uma identidade do ser e não do ter.

Quando indagamos sobre o sentido que tem fazer parte de uma experiência alternativa de vida, comprometido com outros valores e crenças, George Belisário definiu como uma mudança de paradigma.

De uma crença, de uma necessidade, de uma mudança né, a gente vive esse paradigma tão senso comum, todo mundo vive é uma luta tão grande para a sobrevivência, mas é uma sobrevivência em que você só consegue se for com relações que são desgastadas e que você não consegue encontrar apoio nem consegue encontrar cumplicidade nem pessoas que

queiram trabalhar de forma colaborativa, em mim nasceu desse fato, eu justamente busquei pessoas que tinham esse ideal de trabalho de forma coletiva de tentar fazer as coisas em conjunto, e foi justamente o que me chamou sempre atenção. Quando eu comecei a estudar e a pesquisar a respeito dessas práticas sustentáveis, me chamou muita atenção que a maioria dos grupos tinham em comum isso, romper com o ter em favor do ser, então as pessoas estavam passando de uma fase em que eles estavam preocupados em ter, em possuir e estavam muito mais ligados a um ser, a um ser mais ecológico, a um ser mais pacífico, ao um ser enfim um ser humano (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

A atuação de George Belisário em protagonizar essas ações da Permacultura vai disseminando a ideia na região e ganhando adeptos e multiplicadores. Assim surge a cooperação que possibilita trocas com benefícios para as partes envolvidas, Sennett (2012). A atuação e militância em promover oficinas e trabalhos na comunidade tem despertado a curiosidade e interesse por que como define é um trabalho de contaminação que vai despertando essa consciência da necessidade de refletir sobre mudanças e reformas no estilo de vida e na relação com a natureza.

Eu costumo dizer que é um trabalho de contaminação na verdade, a gente vai contaminando as pessoas; vai impregnando elas dessa necessidade de transformação, de mudança de reforma. Porque assim o princípio básico da Permacultura é exatamente você assim, você não pode propor para uma outra pessoa um modo de vida que você não viva, como é que você pode querer propor para uma outra pessoa viva de uma forma que você próprio não vive, você não acredita, então fica difícil, então assim quando eu falo para as pessoas que é possível compostar lixo, criar minhocas, construir uma casa de terra e habitar dentro dela, eu falo porque eu faço isso, porque eu vivo isso, como prioridade é uma das premissas da Permacultura é você exatamente, você vivenciar aquilo que você quer divulgar para os outros, esse trabalho acaba realmente se tornando, de certa forma você acaba contaminando (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

A Casa do Alto como uma experiência tem dado muitos resultados no que diz respeito às práticas, empoderando os sujeitos a se perceberem a autonomia dos processos possibilitando ver o mundo e conceituar novas ideias para solução de diversos problemas. Na permacultura a coletividade sempre é beneficiada, Bonzatto (2010). Cria-se uma rede criativa para expandir a permacultura por outras realidades, disseminando, transformando, educando e fazendo surgir novos multiplicadores.

Eu estava num trabalho com uns jovens, uns adolescentes lá no Crato, numa comunidade lá, construção de bancos numa praça, bancos de bioconstrução e eles ficaram impressionados, mas isso não vai acabar, não vai destruir, primeiro acharam estranho, mas depois do meio para o fim eles começaram a entrar numas e perceberam uma coisa muito interessante, que eu vi até um trabalho do professor Bonzatto que eu estava lendo, ele falando dessa coisa de você dá oportunidade para o próprio sujeito encontrar a solução do problema dele, então assim eles começam a se envolver nesse processo, veem que é possível, já não era mais o meu

saber era o que eu tinha, podia dividir com eles, compartilhei, ai eles começaram a parti dai pensar, porra não pode ser assim? Eu disse pode porque não. E ai eles começaram, realmente é um trabalho que estimula que contamina que faz com que a pessoa comece a sair dessa zona de conforto, porque todo mundo tem tudo pronto, hoje você vai para o supermercado compra está tudo pronto, aí quando a pessoa começa ele mesma a produzir as coisas que são dela as relações são diferentes as formas como as pessoas se encontram com aquilo que é dela dá um outro sentido de propriedade, não é posse, mas é um sentido de completude, porque poxa, eu consegui realizar, eu fiz então isso estimula dá uma outra forma, gera um outro impacto nas pessoas, é diferente, é muito diferente de você comprar uma coisa pronta e você mesmo fazer, confeccionar suas coisas, é outra história, que é um dos princípios mais interessantes da bioconstrução, a autoconstrução, você mesmo construí o seu espaço, construir a sua casa segundo as suas necessidades, segundo a sua vontade, aquilo que você quer para você (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

A permacultura contribui diretamente para essa vivência coletiva onde a racionalidade de produção é para garantir as necessidades do coletivo e isso tudo dentro de um sistema de autogestão, implica um amadurecimento colaborativo para os desafios que é conviver dentro desse novo paradigma.

A permacultura é também o resgate de técnicas ancestrais, além de cuidar da produção e desenvolvimento de adaptações diversas, utilizando os materiais disponíveis nos próprios ambientes realizadores. Tal princípio está diretamente entranhado nas questões de autogestão, que é a comunidade cuidando diretamente de seus próprios interesses e necessidades, garantindo que seja a produção, a distribuição e mesmo o domínio da tecnologia, necessárias à produção de benefícios será sempre coletiva, na garantia de que tais ações contemplem toda a comunidade e apontem novas soluções na medida em que os problemas apareçam (BONZATTO, 2010, p.22).

Dentro desse sistema econômico em que vivemos a capitalização da permacultura tem preocupado aqueles que praticam a Permacultura como a finalidade de conectar-se com a terra, com os princípios de cuidar do planeta, cuidar dos outros seres vivos e partilhar com todos aquilo que se tem em abundância. Infelizmente a mercantilização têm apropriado de conceitos e ideias que buscam superar a própria mercantilização, o efeito de reinvenção capitalista que sempre impera em momento de critica e crise a sua existência. George Belisário lamenta esse comércio.

Já tem gente que vende Permacultura, já tem gente que comercializa a Permacultura o que para mim é uma pena, infelizmente já tem gente que faz comercio com isso. Eu entendo Permacultura como um comercio não, entendo como uma forma de vida e como forma de vida automaticamente na medida em que você vai aprendendo esses princípios que você vai trabalhando as questões básicas observação; os três princípios é: cuidado com a terra, cuidado com o outro e partilha de excedente, você vai fazendo isso, então naturalmente você vai começando a se modificar, ele exige de você uma mudança de atitude em relação ao outro, se você tem cuidado

com a terra então o cuidado com a terra não é simplesmente, é a terra em um todo, é todo o ecossistema, então me preocupo com os outros seres que compartilham comigo o espaço, então eu crio, eu tenho fruteiras aqui então essas fruteiras são minhas e dos passarinhos eles também dividem comigo uma parte (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

A vivência dentro da Casa do Alto tem essa simbologia do sagrado, onde a espiritualidade é fundamental para aproximar o ser humano da natureza, atrelado a uma visão interligada, onde todos os elementos que compõe o ambiente existem como um todo. Capra (2002) define como um novo processo científico de vida.

A experiência espiritual é uma experiência de que a mente e o corpo estão vivos numa unidade. Além disso, essa experiência da unidade transcende não só a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o eu e o mundo. A consciência dominante nesses momentos espirituais é um reconhecimento profundo da nossa unidade com todas as coisas, uma percepção de que pertencemos ao universo como um todo. Essa sensação de unidade com o mundo natural é plenamente confirmada pela nova concepção científica da vida (CAPRA, 2002, p.74).

A prática da permacultura na Casa do Alto veio como um processo de aprendizagem que nasceu da vontade de mudar, esse processo é contínuo e exige sempre a pesquisa e aprimoramento, de forma que canalize o conjunto de atividades e práticas numa conectividade e que assim possa acontecer um sistema funcional e sustentável. O ensino da Permacultura nos parâmetros de certificação exige a formação em um curso, mas as práticas podem ser conhecidas e praticadas por qualquer pessoa que queira, basta acessar informações na internet, antes mesmo da formação George Belisário já fazia práticas da Permacultura.

Todas essas coisas que são feitas pela Permacultura, como por exemplo esse conjunto de coisas que você tenta fazer para que elas fiquem de certa forma conectadas para que o sistema funcione para gerar a tal da sustentabilidade no espaço, então são várias técnicas que você aprende e que estão aí acessível para todo mundo, a internet tem aí a disposição de quem quer, basta ter um pouquinho de paciência e tentar. Então assim, quando eu fui, antes de eu fazer um curso de Permacultura em si, recebi um certificado, que hoje eu sou um permacultor certificado, em que eu posso lecionar, eu posso dar cursos, eu já fazia práticas, então quando eu cheguei lá foi apenas para ter esse contato com outros lugares (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

Experiências em permacultura hoje acontecem no mundo inteiro e começam a serem utilizadas como alternativas para problemas da realidade social e ambiental das grandes cidades, políticas públicas que favorece essa dinâmica estão comprometidas com a sustentabilidade e parece ser o caminho para o futuro. Está acontecendo discontinuidades sistêmicas da racionalidade do crescimento contínuo e consumos exacerbado, sem o cuidado com o outro e o meio, Manzini (2008). O

projeto “composta São Paulo” citado por George Belisário mostra um potencial para protagonizar a sustentabilidade em sua própria rotina, em casa com ações comprometidas com o bem estar e qualidade de vida.

Mas é o que, era separar o lixo, então a gente separa o lixo, o lixo seco e o lixo úmido, pegar esse lixo separado dá vencimento às coisas que tem que ser recicladas, que podem ser reutilizadas o que é lixo orgânico compostar, uma coisa muito simples que pode ser feito em qualquer lugar, hoje em dia você tem, São Paulo tem um grande projeto chamado “Composta São Paulo” em que todas as casas receberam um kit de composteiras, minhocário que você coloca na sua cozinha, as pessoas estão reciclando o lixo delas, estão fazendo terra, terra cultivável para plantar suas próprias verduras dentro de casa, já tem gente com quintais sustentáveis, que chama de quintais comestíveis (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

O conhecimento da Permacultura é remoto, vem da ancestralidade e que se perdeu com a industrialização moderna, um resgate de técnicas da ancestralidade, Bonzatto (2010). Na atualidade prevalece o condicionamento do sujeito a comprar e consumir tudo pronto, separando as coisas e desintegrando a ser humano da natureza. A Permacultura propõe esse olhar para os saberes que foram se perdendo e outros que permanecem, mas já não encontra sentido dentro desse grande mercado globalizado, dentro dessa sociedade do consumo, Bauman (1999).

Nós não estamos inventando a roda, isso já existia antes, já eram práticas antigas, a Permacultura nasce como resposta exatamente a revolução verde, o cara que criou a Permacultura ele já criou porque ele estava vendo, ele fez o que? Ele foi para as comunidades ancestrais pegou essas práticas antigas e só adequou elas a algumas novas práticas, mas em geral são práticas antigas; minha vizinha nunca ouviu falar em permacultura, mas ela sabia fazer muitas coisas ligadas a isso, para proteger o solo, cuidar do pé da planta para não deixar ele descoberto para que evite perda, evaporação da água, separar a água cinza da água negra, então a água da pia dela ela faz um canteirinho e essa água cai em cima de outra coisa que já filtra e serve para água às fruteiras delas, isso é uma prática permacultural, isso é um biofiltro, mas ela nunca ouviu falar disso, mas faz também (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

No Cariri a Permacultura está começando a ganhar mais espaços, ficar conhecida e novos adeptos vão disseminando as informações, várias comunidades estão vivenciando estas práticas, podemos dizer que uma rede da Permacultura se configurou no Cariri e um movimento que valoriza os princípios da Permacultura. O curso de Permacultura que aconteceu de forma colaborativa mostra que as pessoas estão se articulando para fortalecer ainda mais um protagonismo solidário para o desenvolvimento regional sustentável.

Você tem aí grandes ecocentros que cobram três mil reais por uma PDC, o PDC é Permacultura, Desenho e consultoria, o curso que você faz, é um

curso de 72 horas que te habilita a você usar o título de permacultor oficialmente para que você possa ministrar oficinas, minicursos e inclusive dá o PDC também, ser professor de um PDC, para você puder dá um PDC hoje tem que fazer um curso de Permacultura. Há muitos ecocentros que acabam vivendo disso, se tornou um elemento de que eles cobram, é muito caro para pagar três mil reais para fazer um curso de uma semana em que assim você vai ter práticas de saberes antigos, assim eu critico, eu sou contra, eu acho que há possibilidade de você fazer, você também conseguir tirar, gerar sua sustentabilidade, mas necessariamente você pode fazer isso de outras formas na contramão dessas pessoas que estão comercializando a permacultura que acabam desviando o seu sentido para mim de essência há pessoas que estão fazendo PDC solidário, por exemplo, aqui mesmo na região do Cariri a gente teve um ali no Chico Gomes no Crato no sítio no caminho do Arajara e eles fizeram um PDC solidário em que as pessoas da própria comunidade foram os protagonistas desse curso, eles mostraram as técnicas que eles já usam e outras pessoas que vieram de fora se juntaram a eles, então foi cobrado uma taxa simbólica, e essa taxa simbólica era para manutenção geral de algumas necessidades do curso, apostilas, cd's umas coisas e a alimentação foi toda partilhada por eles, às pessoas, existia uma lista e você trazia a comida e acabou acontecendo. Foi um curso de Permacultura como o que eu fiz, eu fui para Goiás, para Pirenópolis no Goiás fazer um curso de Permacultura e ele aconteceu aqui no Cariri a modos populares, um curso de Permacultura realizado pela comunidade, então isso prova que possível sim (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

Esse acontecimento em desenvolver meios de disseminar o conhecimento sobre permacultura, organizado pela comunidade, com o objetivo de baratear e fortalecer o movimento, faz com que esse protagonismo esteja bem dentro do principio de integração, do cuidado com a terra e com o outro, e isso se articulando em rede, formando-se uma rede para o protagonismo da sustentabilidade na região do Cariri.

A ideia central dessa concepção sistêmica e unificada da vida é a de que o seu padrão básico de organização é a rede. Em todos os níveis de vida - desde as redes metabólicas dentro da célula até as teias alimentares dos ecossistemas e as redes de comunicações da sociedade humana -, os componentes dos sistemas vivos se interligam sob a forma de rede. Vimos, em particular, que na Era da Informação - na qual vivemos - as funções e processos sociais organizam-se cada vez mais em torno de redes. Quer se trate das grandes empresas, do mercado financeiro, dos meios de comunicação ou das novas ONGs globais, constatamos que a organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder (CAPRA, 2002, p.258).

A Casa do Alto já tem contribuído muito para fomentar esse interesse da comunidade pela Permacultura; uma experiência que George Belisário (2015) compartilhou foi que ele fez um trabalho de bioconstrução em uma escola pública da comunidade, o projeto foi construir uma pracinha parque de recreação para as atividades de lazer das crianças, e tudo foi feito com as técnicas e filosofia da Permacultura e assim envolvendo a comunidade escolar transformaram o espaço e a comunidade pode perceber que era possível fazer um bonito trabalho com poucos

recursos e os estudantes ganharam um parquinho. A Casa do Alto está inserida em um projeto ecológico na zona rural da cidade de Caririáçu na região do Cariri.

No decorrer deste novo século, dois fenômenos em específico terão efeitos significativos sobre o bem-estar e os modos de vida da humanidade. Ambos esses fenômenos têm por base as redes e ambos envolvem tecnologias radicalmente novas. O primeiro é a ascensão do capitalismo global; o outro é a criação de comunidades sustentáveis baseadas na alfabetização ecológica e na prática do projeto ecológico. Enquanto que o capitalismo global é feito de redes eletrônicas onde correm fluxos financeiros e de informações, o projeto ecológico trata das redes ecológicas de fluxos energéticos e materiais. O objetivo da economia global é o de elevar ao máximo a riqueza e o poder de suas elites; o objetivo do projeto ecológico é o de elevar ao máximo a sustentabilidade da teia da vida (CAPRA, 2002, p. 258).

As comunidades sustentáveis que surgem por todo o planeta e a exemplo a Casa do Alto desenvolvem essa nova racionalidade, que é o envolvimento na preservação da vida, a certeza de contribuir para melhorar o planeta, reduzindo toda exacerbada necessidade de consumo, a vivência coletiva em bases solidárias e a busca da sustentabilidade em todas as relações que tem o ser humano com a natureza e os outros seres.

Mesmo com a mercantilização da Permacultura, não podemos deixar de ressaltar que a ideia é justamente o contrário, procurar caminhos e alternativas que modifique essa sistemática econômica do poder, como o professor Bonzatto destaca a Permacultura em um projeto desprovido de poder e com o saber acessível a todos.

Daí que o projeto de pesquisa que proponho realiza-se por meio de dois caminhos convergentes: o estudo de tecnologias desprovidas de poder, já que fruto de saberes acessíveis a qualquer um, e que adequadamente chamaríamos de tecnologias de convivência, que conduzam à autonomia, entendida aqui como vivência coletiva possível fora dos sistemas de poder enraizados na unidimensionalidade da vida social formal, certeza da epistemologia solipsista. Para tanto, pesquisaremos além de tais tecnologias, experiências de autonomia de grupos, tanto da temporalidade diacrônica quanto na sincrônica (BONZATTO, 2010, p. 19).

A comunidade Casa do Alto que desenvolve esse trabalho de permacultura se insere não como uma alternativa apenas para superação do modelo econômico e social de insustentabilidade e crise que está configurado em todo o cenário mundial, mas como uma iniciativa consciente de mudança, de vivenciar uma utopia global, mas realidade local, de encontro com os valores humanos e espirituais que exige a dinâmica do mundo contemporâneo.

Esse grupo de pessoas que tentam tornar a Permacultura comercio, acho que acabam jogando contra a própria, contra essa própria ciência que ela

nasce como uma ciência que busca desenvolver muito mais o humanismo nas pessoas, reconectar as pessoas com a terra, com essa outra coisa maior que a gente pode chamar de Deus, de força espiritual enfim ela tem como principio isso, a parti do momento que você começa a desvirtuar muito isso você acaba perdendo muito da essência do que ela pode fazer (BELISÁRIO, entrevista, 2015).

Foto 8 – Primeira bioconstrução da Casa do Alto.



Fonte: Acervo do autor (2015).

Foto 9 – George Belisário e seu filho Pedro.



Fonte: Acervo do autor (2015).

Esse protagonismo pelo desenvolvimento sustentável que tem em George Belisário, um militante consciente da sua atuação, faz com que possamos vislumbrar mudanças significativas na sociedade. A própria existência das comunidades alternativas com a permacultura e agrofloresta, tem uma importância para percebermos que existem mudanças já definidas, esse protagonismo já está favorecendo uma nova forma de viver, e principalmente disseminando conhecimentos e formando novos protagonistas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentabilidade na região do Cariri atualmente presente em comunidades alternativas, que vivem com base na prática da permacultura e agroecologia, mostra uma recursividade no tempo que remete a memória do Caldeirão que foi uma comunidade de base sustentável e este estudo buscou contribuir para o entendimento dessa coexistência atual dos sujeitos que desenvolvem a permacultura e agroecologia e protagonizam o desenvolvimento sustentável.

Numa perspectiva mais filosófica esse passado é retomado e isso gera a possibilidade de nós hoje encontramos a possibilidade de vivenciar novamente a experiência do Caldeirão nessas comunidades que desenvolve a permacultura e agrofloresta e ainda reconhecem a importância da história social do cariri.

Encontramos esse passado do Caldeirão na comunidades da atualidade em definitivo naquilo que se propõe e objetiva e que está inserido nos princípios da permacultura e agrofloresta, e que são construções de conhecimentos que se firma como uma ciência e nasce com resgate dos conhecimentos dos nossos ancestrais.

Nessa perspectiva esses sujeitos que estão protagonizando a sustentabilidade, provocam mudanças dentro desta complexidade da cultura contemporânea, como percebemos essa atual cultura insustentável do consumo e degradação ambiental e que pode ser substituída por uma cultura sustentável, por uma permacultura.

Tanto enquanto orientação de metodologia, como em resultados encontrados, podemos perceber que essas comunidades estudadas estão vivenciando um paradigma sistêmico, onde não existe distinção do ser humano da natureza, mas sim integração que busca fundamentação nessa complexidade, Morim (2000).

Esses sujeitos que desenvolve a prática da permacultura e agrofloresta, trazem para nossa reflexão esse paradigma da complexidade e compõe uma valiosa contribuição para este estudo, que busca o propósito de dialogar com esse pensamento para produzir conhecimento.

A espiritualidade foi uma das características extremamente importantes que fazem parte das comunidades estudadas, essa conexão com a terra e o sagrado faz com que os sujeitos abracem a espiritualidade e que nesta existência buscam desenvolver um plano do devir, de uma sociedade justa e sustentável.

Assim refletimos que os seres humanos tem o potencial e por imanência podem conviver com a natureza de forma sustentável. Foi um aprendizado empírico de milhares de anos, no processo de evolução das espécies, e esse saber entrou em conflito com outros saberes insustentáveis, nossos antepassados exploraram a natureza para sobreviver e causaram grande prejuízo e ao longo do processo foram percebendo o que é conviver com a natureza sustentavelmente e o que é a exploração para que degrada o meio ambiente. Com a industrialização e a racionalidade do crescimento como alternativa, essa problemática se tornou ainda maior e atualmente passamos por essa crise, essa crise que nasceu na atitude do ser humano.

A permacultura e a agroecologia enquanto ciência nasce para rebuscar esses saberes que estão relacionados com a convivência do ser humano com a natureza de forma sustentável, superando a racionalidade da destruição em troca do progresso incerto.

Como a sociedade capitalista taxa de loucos aqueles que fogem da lógica da industrialização, consumismo e relações mercantis extremamente atreladas ao modelo competitivo de exclusão, esses que fogem a esse processo e que buscam uma alternativa fora dessa engrenagem econômica e hegemônica são os considerados exóticos, utópicos e sonhadores. No momento em que todos sabem que essa lógica precisa de mudanças, que a crise está estalada e mesmo assim, num ambiente onde cada vez mais pessoas buscam a sustentabilidade, vamos encontrar um conflito por que o capitalismo busca distorcer os conceitos e mascarar experiências que corroboram com o desenvolvimento sustentável.

Este trabalho pretende soma-se a outros estudos com a finalidade de ampliar o debate sobre as comunidades que desenvolve a permacultura e agrofloresta, e que vai se configurando cada vez mais numa rede com um protagonismo para o desenvolvimento regional sustentável.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Mario Sergio Cunha. **Ética e meio ambiente**: Construindo as bases para um futuro sustentável. Curitiba: Inter Saberes, 2015.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável/4. ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.
- ARTHUR, Zé. Entrevista. 2015.
- ARIÈS, Paul. **A Simplicidade voluntária contra o mito da abundância**. São Paulo. Loyola, 2013.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero**: A terra da mãe de Deus. Fortaleza, IMEPH, 2008.
- BAUMAN, Zigmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BERGSON, Henri. **Memória e Vida**: textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BELISÁRIO, George. Entrevista. 2015.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: O que é - o que não é. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BONZATTO, Eduardo Antônio. **Permacultura e as tecnologias de sobrevivência**. São Paulo: Icone editora, 2010.
- BRUNTLAND, G. H. **Our common future**. London: Oxfor University Press, 1987.
- BURSZTYN, Marcel. (Org.). **Ciência, ética e sustentabilidade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- CANCLINE, Néstor Garcia. **A Globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília: Gervásio Paulus, 2009.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CARIRY, Rosemberg. Cariri: **A nação das utopias**. Fortaleza: Estudos, 2001.
- BATISTA, C. R. Na Casa do Padre Cícero: entrevista. [18 de fevereiro, 1931]. Fortaleza: **Jornal O Povo**. Entrevista concedida a Paulo Sarasate e Alpheu Aboim. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/12/13/noticiafortaleza,3548671/confira-entrevista-dada-ao-o-povo-pelo-padre-cicero-em-1931.shtml>

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido**. Fortaleza: BNB, 2007. Série Teses e Dissertações. Vol. 8.

DALY, HERMAN E. **The case against the global economy (and for a turn toward the local)**. San Francisco: Sierra Club Books, 1996,

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**; tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

ELKINGTON, J. **Canibais com garfo e faca**. São Paulo, Makron books, 2001.

ENNE, Ana Lúcia. **Conceito de rede e as sociedades contemporâneas: Comunicação e Informação**, V7, nº2: pág. 264-273-jul./dez.2004.

FIGUEIREDO, Jose Alves de. O Beato José Loureço e sua atuação no Cariri. **Jornal O Povo**, 07/06/1934.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **O decrescimento-entropia, ecologia, economia**. São Paulo: Editora SENAC, 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas**. Antares, nº 3 – Jan/jun 2010.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

LATOUCHE, Serge. Decrescimento ou barbárie! [08 de agosto de 2010]. Brasília: **Revista IHU**. Entrevista concedida a Alan Bocato. Disponível em <<http://fbes.org.br>>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - São Paulo: Atlas 2003.

LIMA, Douglas Santiago de. Mapa de localização da Região Metropolitana do Cariri. Juazeiro do Norte: 2016.

MACIEL, Paulo Ferreira. **Transição agroecológica no cariri cearense: uma busca pelo desenvolvimento regional sustentável-estudo de casos / Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável, Juazeiro do Norte, 2014.**

MANZINE, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Tradução Carla Cipolla. – Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

NASCIMENTO, Diego Coelho do. **Cidades sustentáveis e desenvolvimento regional**: Atualidades e perspectivas na região metropolitana do Cariri/ Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável – PRODER, Juazeiro do Norte, 2013.

NEVES, Francisco Grangeiro Tavares. **Ação cultural para o desenvolvimento sustentável**: trajetórias e percursos na região do Cariri/ Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável - PRODER, Juazeiro do Norte, 2013.

PASSOS, Edurardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da; BARROS, Laura Pozzana de; ALVAREZ, Johnny. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínica, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Caldeirão**: Estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, 2011.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Organização: Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 3ª ed.

SALES, Maria José de. **Auto do Caldeirão dos Cavalheiros da Santa Cruz do Deserto e do Beato José Lourenço**. Juazeiro do Norte: HB Editora e Gráfica, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

SANTOS, Francisca pereira dos. Entrevista. 2015.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SENNETT, Richard; **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. tradução: Clóvis Marques – Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

VEIGA, José Luiz da. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VIDAL, Vileci Basílio. **O Protagonismo dos Camponeses na Modernidade**: Inovação e mudança no território Cariri. Vila Velha: Editora 4 Irmãos, 2014.

WALKER, Daniel. **Padre Cícero**: Coletânea de textos. Juazeiro do Norte, 2006.

ZAOUAL, Hassan. **Nova Economia das Iniciativas Locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Gerald a França: COPPE/UFRJ, 2006.